

ADRIANA ALBERT DIAS



**A MALANDRAGEM DA MANDINGA:
o cotidiano dos capoeiras em Salvador na
República Velha
(1910-1925)**

Salvador, Bahia
2004

ADRIANA ALBERT DIAS

**A MALANDRAGEM DA MANDINGA:
o cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha
(1910-1925)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em História Social, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Cecília Velasco e Cruz.

**Salvador, Bahia
2004**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ADRIANA ALBERT DIAS

**A MALANDRAGEM DA MANDINGA: o cotidiano dos capoeiras em
Salvador na República Velha (1910-1925)**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em História
ao Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal da Bahia.

Área de Concentração: História Social

Orientador: Profa. Dra. Maria Cecília Velasco
e Cruz

Salvador/BA, 26/03/2004

Maria Cecília Velasco e Cruz - Doutora
Programa de Pós-Graduação em História
FFCH/UFBA
Orientadora

Carlos Eugênio Líbano Soares - Doutor
Programa de Pós-Graduação em História
FFCH/UFBA

Paula Cristina da Silva Barreto- Doutora
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
FFCH/UFBA

Dedico este trabalho:

A Magda, minha família da Bahia, por ter sido minha companheira de todas as horas ao longo deste trabalho, a ela meu carinho e admiração.

A meus pais, Márcia e Augusto César, e meu irmão, Júlio César, por todo amor dedicado e por tudo.

A Frede Abreu, pelo amor à capoeira e à pesquisa, e por tudo que me ensinou sobre esta arte malandra e vagabunda.

AGRADECIMENTOS

Quando terminei a faculdade de história na Universidade de São Paulo, achei que não voltaria mais ao mundo acadêmico, tinha outros sonhos, outros objetivos. Estive afastada deste universo em torno de 3 anos. Foi neste meio tempo que me apaixonei pela capoeira, e foi especialmente esta paixão que me trouxe de volta ao curso de mestrado em história na UFBA e me fez realizar este trabalho. Foram muitas as pessoas que estiveram do meu lado ao longo deste processo e que contribuíram para a concretização desta dissertação. Chegou o momento de com imensa satisfação agradecer de coração cada uma delas.

À minha orientadora Maria Cecília Velasco e Cruz com quem muito aprendi sobre o ofício do historiador. Pelas fontes cedidas, indicações bibliográficas, por ter me ajudado a interpretar vários documentos, pela atenção dedicada às questões gramaticais e ortográficas do texto, pelas leituras críticas, por ter corrigido erros e apontado caminhos de abordagem. Pelas incontáveis ligações telefônicas e pelo incentivo e bom humor nos momentos mais difíceis. E principalmente pela ajuda na elaboração do plano de redação da cada capítulo, por ter me ensinado muito sobre a arte de escrever e por ter me acompanhado de perto até o final desta árdua trajetória.

Ao grande amigo e pesquisador da capoeiragem Frede Abreu, por ter aberto as portas da sua casa desde o nosso primeiro contato, por ter me ajudado a construir a primeira versão do projeto de pesquisa desta dissertação, por suas ótimas idéias, nossas discussões, pela leitura crítica do texto, pelo eterno estímulo nas horas em que achei que seria impossível concluir este trabalho. E especialmente por ter cedido gentilmente diversos e preciosos documentos sobre a capoeira, pertencentes ao seu acervo particular, sem os quais teria sido ainda mais difícil completar este percurso e por todos seus ensinamentos.

À companheira Magda Carvalho, porque foi junto dela e com seu apoio que eu decidi prestar a seleção de mestrado e mergulhar de novo no mundo da história. Por ter acreditado na minha capacidade de realizar este trabalho desde o princípio, pelo que me ensinou sobre antropologia, por suas observações críticas dos meus textos, pela paciência nas horas em que eu só falava e pensava em capoeira, pelo amor e por ter compartilhado muitos momentos de alegria e de aflição. Desculpe se às vezes exigi demais sua atenção.

Aos historiadores - Antônio Liberac, por ter deixado a minha disposição os processos crimes de sua pesquisa sobre capoeira na Bahia. Wlamyra Albuquerque, por ter sido sempre

muito gentil, por nossas conversa, também por ter cedido parte de suas notícias de jornal sobre o período estudado e o mapa da cidade de Salvador. Álvaro Nascimento por ter me dado a maior força no Rio de Janeiro quando fui atrás de importantes documentos no Arquivo da Marinha e no Arquivo Nacional. Walter Fraga, por sua simpatia e apoio. Aos antropólogos - Luiz Nicolau, por nossos bate-papos ao telefone sobre candomblé e pelas dúvidas tiradas a respeito deste assunto. Leticia Vidor, pelo texto enviado as pressas de São Paulo e Pedro Agostinho Silva, pelas informações sobre a marinha. À recém formada socióloga Waneska pelas notícias de jornal indicadas.

Aos mestres de capoeira – Gigante, Gerson Quadrado e Casarangongo – e ao seu Manuel por nossas entrevistas, as quais foram fundamentais para esta dissertação e por terem percebido sua importância para este trabalho. Agradeço também aos colegas do mestrado, pela força – Sandra, Solange, Hilton, Iacy, Maurício, Argemiro e Cristina. Aos professores Lígia Bellini, Rosário Carvalho e João Reis, pela preocupação e pela ajuda, e aos membros do colegiado do Mestrado em História por terem compreendido a minha necessidade de prorrogar o prazo de entrega desta dissertação. À Marina Santos da Biblioteca do Mestrado em História UFBA e em especial à Soraya Ariane por sua tranqüilidade e garra na reta final desta dissertação.

Aos novos amigos construídos especialmente durante esses últimos anos – Obrigada pela amizade de todos vocês - Cristina Oliveira, mais conhecida no meio da capoeiragem pelo apelido de “Formiga” e carinhosamente chamada por mim de “Negra”, por sua ajuda na coleta dos dados. Fábio Baqueiro, por ter elaborado o banco de dados e pela paciência todas as vezes que precisei corrigir algum erro. Christine Zonzon, divertida e sempre bem humorada, por nossas discussões, pela leitura crítica do capítulo III, e pelo apoio na hora de reescrever a introdução. Em especial a amiga Paula Mara que ficou um final de semana inteiro em minha casa fazendo a leitura atenta de toda a dissertação. Rebeca que disponibilizou seu computador nos últimos dias em que eu precisava me comunicar com a minha orientadora por e-mail para terminar este trabalho e Franklin Carvalho pela colaboração.

Aos camaradas da FICA – Fundação Internacional de Capoeira Angola - Maria Medrado, amiga do peito, por sua alegria contagiante, por seu carinho, pela leitura de alguns dos meus textos, por ter aturado meu mau-humor e por ter me dado uma força grande todas as vezes que tive algum problema com o meu computador. Dulce, “a mãe de santo”, pelo carinho e apoio. Cláudio Marques e Aki Katai por terem feito as fotos. Valmir Damasceno,

meu mestre de capoeira, por ter compreendido o meu afastamento do grupo durante mais de um ano em função do excesso de trabalho.

Aos amigos de velhos tempos de Universidade de São Paulo e de moradia estudantil - Maurício Érnica, em especial por aquela noite de discussão na minha casa em que você me ajudou a construir a primeira versão do plano da dissertação com a sua experiência na malandragem do samba. Marcinha e Ana Cláudia, por terem feito a leitura de uma das primeiras versões do capítulo II e pela amizade das duas, Éster Cândida, por todo amor, e Jean Filipe, que apesar de estar longe de mim há alguns anos, esteve bastante presente quando eu comecei a engatinhar no aprendizado da história no nosso antigo 502 do CRUSP. Sinto falta de todos vocês.

Aos membros da minha família - Tio Marco por ter buscado uma importante referência bibliográfica do Arquivo da Marinha do Rio de Janeiro e pelo incentivo. Tia Vê, vovó Fifi, vovó Dulce e vovô Armando que mesmo à distância me deram o aconchego dos seus colos nas horas em que precisei. E meu irmão, Júlio César, minha criança, que numa bela tarde me perguntou sobre este trabalho, o que me encheu de alegria.

Finalmente tenho grande prazer em agradecer aos meus pais, por serem pessoas especiais demais para mim, pelo eterno apoio em todos os aspectos da minha vida, por terem sempre me incentivado a conquistar todos os meus sonhos, pela confiança depositada, e especialmente pelo incentivo aos meus estudos, mesmo que para isso nós precisássemos estar tão longe um do outro. A vocês todo meu amor.

*“Capoeira é mandinga, é manha, é
malícia”*
(Mestre Pastinha)

*“Minha mandinga
eu não dou a ninguém [...]”*
(Estrofe de corrido de capoeira)

A MALANDRAGEM DA MANDINGA: o cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha (1910-1925)

RESUMO

Este trabalho busca reconstituir o cotidiano dos capoeiras na cidade de Salvador durante a República Velha com o objetivo de mostrar que a mandinga própria do jogo da capoeira estava presente nas práticas sociais malandras desses indivíduos, no seu modo de vida e no seu jeito de ser. Para tanto percorre o mundo da desordem, procurando mapear a geografia da capoeiragem na capital baiana e entender seus múltiplos significados, buscando também descobrir quem eram os capoeiras daquela época, seu comportamento nas ruas, em que trabalhavam, com quem, como e quando brigavam, de que maneira se divertiam e quais eram suas redes de sociabilidade. Além disso, procura entender de que forma nossos personagens se relacionavam com os agentes da ordem, mostrando que nem sempre capoeiras e policiais estavam em campos opostos, mas que muitos capoeiras viviam entre a ordem e a desordem e que esses dois mundos aparentemente opostos não estavam separados por fronteiras tão rígidas.

Palavras Chaves: Salvador, História da Capoeira, Desordem, Cultura Malandra, Mandinga.

Autora: ADRIANA ALBERT DIAS

Orientadora: PROFA. DRA. MARIA CECÍLIA VELASCO E CRUZ

THE *MALANDRAGEM OF MANDINGA*: the everyday life of the capoeira practioneers in Salvador during the Old Republic regime (1910-1925)

ABSTRACT

The aim of this study is to reconstruct the everyday life of *capoeira* practioneers in the city of Salvador during the Old Republic (República Velha). I show that the *mandinga* or the cunning involved in the *capoeira* game/fight was part of the “marginal/alternative” social practices of these individuals, and describe their way and means of life. In doing that I survey the world of disorder, mapping out the geography of *capoeiragem* in the city of Salvador, trying to understand its multiple meanings. I also tried to identify who were the *capoeira* practioneers at the time, their street behavior, occupation, against whom, how, when and where they fought and played with each other, in sum their social networks. Moreover, I try to understand how our characters related themselves with the police, showing that *capoeiras* and police officers were not always in opposition, but that *capoeiras* lived between order and disorder, and these two apparently opposites worlds were not rigidly separated.

Keywords: Salvador, History of Capoeira, Disorder, Malandra Culture, Mandinga.

Author: ADRIANA ALBERT DIAS

Adviser: PROFA. DRA. MARIA CECÍLIA VELASCO E CRUZ

GRÁFICOS

GRÁFICO I: INCIDÊNCIA E DIAS DA SEMANA DOS CONFLITOS DE CAPOEIRA E DESORDEM - 1908/1925	27
GRÁFICO II: INCIDÊNCIA E TURNO DOS CONFLITOS DE CAPOEIRA E DESORDEM - 1908/1925	28
GRÁFICO III: INCIDÊNCIA E FREGUESIAS DOS CONFLITOS DE CAPOEIRA E DESORDEM- 1908/1925	29

TABELAS E LISTAS

TABELA I: INCIDÊNCIA E LOCAIS DOS CONFLITOS DE CAPOEIRA NAS FREGUESIAS DO PILAR, PAÇO E SÉ – 1908-1925	34
TABELA II: INCIDÊNCIA E RUAS DOS CONFLITOS DE CAPOEIRA NAS FREGUESIAS DO PILAR, PAÇO E SÉ - 1908-1925	35
TABELA III: ADVERSÁRIOS DOS CAPOEIRAS EM CONFLITO OU VÍTIMAS DE SUAS AGRESSÕES - 1908-1925	36
TABELA IV: OCUPAÇÃO DOS CAPOEIRAS - 1908-1925.....	41
QUADRO DO PERFIL DE ALGUNS CAPOEIRAS - 1908-1925.....	60

FOTOS

PEDRO MINEIRO E SEBASTIÃO DE SOUZA	65
FRANCISCO HOLLANDA WANDERLEY E O BOTEQUIM DO GALINHO	65
O POVO EM FRENTE À SECRETARIA DE POLÍCIA.....	65
O PIQUETE DA CAVALARIA EM FRENTE À SECRETARIA DE POLÍCIA	67
PEDRO MINEIRO NA MORGUE	68
IGNÁCIO LOYOLA DE MIRANDA E ARESTIDES DE SANTANA.....	102

SUMÁRIO

RESUMO	12
ABSTRACT	13
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I A CAPOEIRA E O MUNDO DA DESORDEM.....	20
CAPÍTULO II ENTRE A ORDEM E A DESORDEM: PEDRO MINEIRO E OUTROS CAPOEIRAS.....	63
CAPÍTULO III A CULTURA MALANDRA DOS CAPOEIRAS	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
FONTES CONSULTADAS.....	129
BIBLIOGRAFIA	134
APÊNDICE	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A mandinga é consagrada como uma característica essencial da capoeira. Desde o começo do século XX, a palavra mandinga era usada como sinônimo de capoeira. Ela é considerada a principal arma de defesa e ataque dos seus praticantes e pode ser observada nas músicas cantadas nas rodas, no jeito de corpo do jogador e nos golpes aplicados. Atualmente o bom capoeira é o indivíduo mandingueiro que sabe disfarçar, enganar o adversário, que ganha o jogo através da esperteza, da “arte da falsidade”, do fingimento.

De onde veio a mandinga? Tem ela algo a ver com malandragem? Será que ela se limita ao universo simbólico das rodas atuais de capoeira, ou será que ela também podia ser encontrada nas práticas sociais da antiga capoeiragem de rua? Os capoeiristas de hoje associam a roda da capoeira ao mundo; é dentro da roda que o capoeira mostra a sua mandinga. Nosso objetivo nesse trabalho é entender como os capoeiras de outrora “soltavam a sua mandinga” na roda da vida. Em outras palavras, queremos analisar, através de um estudo específico sobre a capoeiragem em Salvador entre as décadas de 1910 e 1920, de que forma a mandinga própria da capoeira se manifestava no cotidiano dos nossos personagens, no seu jeito de ser, no seu modo de viver, nas suas redes de sociabilidade, e nas relações com os agentes da ordem.

Neste período, as elites locais desejavam transformar a cidade de Salvador em uma metrópole moderna e civilizada, e para isso acreditavam ser necessário erradicar das ruas costumes do povo que lembravam a África. Dentro deste contexto social tenso e conflituoso, buscamos reconstituir o cotidiano dos capoeiras para compreender de forma mais aprofundada quais eram suas estratégias de sobrevivência e de que modo se relacionavam com a polícia e com os demais grupos sociais. Nesse sentido, esta dissertação é também uma investigação dirigida para compreender a malandragem dos capoeiras.

A malandragem é aqui entendida como as diferentes formas encontradas pelos capoeiras para sobreviver num ambiente social violento, miserável e discriminatório, um modo de vida e um jeito de ser. A malandragem também pode ser compreendida quase como

uma atitude de defesa à brutalidade da vida, a qual é aprendida pelos capoeiras desde seus tempos de “menino de rua”.¹ Além disso, ela pode ser vista como uma maneira encontrada por esses homens para provar sua masculinidade e afirmar sua individualidade no mundo das ruas.

É importante destacar também que neste trabalho procuramos desconstruir algumas imagens criadas em torno da figura do capoeira. Veremos que os capoeiras não eram um bando de vadios e vagabundos como escreviam os jornalistas da época. Todavia, o fato de muitos serem trabalhadores, não significava necessariamente que os capoeiras não eram desordeiros. Em outras palavras, não estamos negando que esses indivíduos trabalhavam; no entanto, a maioria deles simplesmente vivia no mundo das ruas, batia tambor, fazia barulho, e algumas vezes até matava, em síntese, transgredia os padrões e as regras da ordem pública. Assim, concordando com a abordagem analítica usada por Luiz Sérgio Dias em seu livro “*Quem tem medo da capoeira?*”, acreditamos que o capoeira não deve ser visto como um simples “*valentão*” dissociado do seu contexto; e que a capoeira, em contrapartida, não deve ser considerada uma “*prática negra entendida exclusivamente como manifestação de resistência, sem que se busque, pelo menos as especificidades desta resistência sob o ponto de vista histórico*”.² Dessa maneira procuramos mostrar que nossos personagens eram sujeitos bastante complexos e ambíguos, que não podem ser vistos nem como bandidos, nem como heróis, nem como exemplos perfeitos de resistência, uma vez que podiam assumir diferentes papéis ao mesmo tempo.

As fontes utilizadas neste estudo foram bastante diversificadas. Nosso ponto de partida foram as memórias de dois velhos capoeiras: Daniel Coutinho, mais conhecido como mestre Noronha e Vicente Ferreira Pastinha, o famoso mestre Pastinha. O primeiro nasceu em 1909 e morreu em 1977, o segundo nasceu em 1889 e morreu em 1981. Ambos deixaram registradas em seus manuscritos, e Pastinha também em seu livro, preciosas informações sobre os capoeiras e a capoeiragem baiana das primeiras décadas do século XX. Depois disso reunimos e analisamos um conjunto de 325 notícias de jornais publicadas entre os anos de 1908 e 1925, e 24 processos crimes envolvendo nossos personagens. Mas para conseguirmos ir mais a

¹ Assim como os personagens dos romances pícaros, Lazarillo ou Buscón, de Quevedo, analisados por Antônio Cândido em seu artigo *Dialética da Malandragem*. Neste texto o autor mostra que estes personagens se tornaram malandros a partir das circunstâncias da vida difícil. Ver: SOUZA, Antônio Cândido de Melo. “Dialética da Malandragem”. IN: *O Discurso e a cidade*. SP: Duas cidades, 1993, p.22.

² DIAS, Luiz Sérgio. *Quem tem medo da capoeira?* Rio de Janeiro, 1890-1904. RJ: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Divisão de Pesquisa, 2001, p.18.

fundo no cotidiano dos capoeiras foi fundamental a análise de algumas crônicas de época escritas por Manuel Querino (1851/1923) e Antônio Vianna (1884/1952). Também realizamos várias entrevistas com antigos capoeiras e algumas pessoas nascidas neste período as quais contribuíram bastante para este trabalho. Além disso, alguns romances de Jorge Amado, relatórios do chefe de polícia, documentos do arquivo da marinha do Rio de Janeiro, livros e artigos publicados por alunos de velhos mestres e um livro de memória do sindicato da estiva de Salvador complementaram a pesquisa.

No capítulo I percorremos o mundo da desordem na cidade de Salvador nas primeiras décadas do século XX e explicamos nossa metodologia de pesquisa. Através da análise de conflitos envolvendo capoeiras localizados na imprensa da época, procuramos traçar a geografia da capoeiragem na capital da Bahia, as principais ruas e locais que esses indivíduos freqüentavam, os horários e dias que costumavam brigar, destacando a forma como a maioria desses distúrbios era descrita nos jornais. Verificamos também com quem costumavam brigar e as razões alegadas. O lado obscuro e que quase não aparece nesta documentação é o universo lúdico da capoeira que também buscamos vasculhar neste primeiro capítulo. Por fim tentamos construir o perfil de 27 capoeiras da época, ano de nascimento, padrão ocupacional, cor, naturalidade, grau de instrução, e etc.

No capítulo II procuramos mostrar através da análise de fragmentos da história do capoeira chamado Pedro Mineiro de que maneira os capoeiras se relacionavam com o mundo da ordem. Veremos que a relação entre “desordeiros” e “mantenedores da ordem” era muito mais complexa e contraditória do que poderíamos imaginar e que nossos personagens nem sempre eram reprimidos. Além disso, procuramos analisar especialmente duas questões de grande importância: a interseção entre o mundo da capoeira e o universo da marinhagem, e o entrelaçamento entre o mundo da ordem e o mundo da desordem.

No capítulo III o objetivo central deste trabalho recebe um tratamento analítico mais aprofundado. Nesse sentido buscamos demonstrar que a mandinga – a malícia, a ginga, a esperteza - se entrelaçava com a cultura malandra dos capoeiras de outrora, isto é, com os seus hábitos, costumes e crenças. Nesse capítulo, são, portanto, esses aspectos culturais que serão analisados de forma mais detida. Além disso, também mostramos que tais práticas sociais malandras, que no passado podiam ferir e matar, hoje estão representadas de forma simbólica nas rodas de capoeira das academia, embora praticamente não existam mais no mundo violento das ruas.

Para finalizar gostaríamos de deixar claro que esta dissertação não tem a pretensão de esgotar as reflexões sobre a capoeiragem em Salvador na Primeira República. A maior parte das pesquisas históricas feitas sobre a capoeira no Brasil se concentrou no Rio de Janeiro, talvez em função da vasta documentação existente. Para a Bahia há o ensaio etnográfico sobre a capoeira angola de Waldeloir Rêgo, escrito na década de 1960, que é considerado um clássico. Há também os trabalhos de Jair Moura e Frede Abreu, entre outros, que também contribuíram bastante para as pesquisas sobre o assunto.³ Mas no campo propriamente acadêmico a historiografia sobre a capoeira baiana ainda é muito rarefeita. Cabe apenas citar a investigação feita pelo historiador Antônio Liberac C. S. Pires, que ousou realizar em sua tese de doutorado um trabalho sobre a história da capoeira no Brasil entre os anos de 1890 e 1950, no qual fez uma análise comparativa entre a prática e os praticantes de capoeira na cidade do Rio de Janeiro e na Bahia (Salvador e Recôncavo) e também discutiu a trajetória de três capoeiristas baianos: Pastinha, Bimba e Besouro Mangangá.⁴

Pode-se dizer, portanto, que nosso trabalho representa um mergulho historiográfico mais específico e mais aprofundado sobre a capoeira de rua de Salvador nas primeiras décadas da República. Na realidade é apenas um ensaio que buscou mapear este universo tão complexo, desafiador e fascinante da capoeiragem baiana. Contudo, como se verá agora, analisou questões significativas, e também abriu campos de pesquisa que merecem ser melhor explorados.

³ RÊGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: ensaio sócio – etnográfico*. Salvador, Itapoan, 1968.

MOURA, Jair. *Capoeira - luta regional baiana*. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, (Cadernos de Cultura), 1979; *Capoeiragem – arte e malandragem*. Salvador: Prefeitura Municipal, 1980 e *Mestre Bimba – A Crônica da Capoeiragem*. Salvador: Fundação Mestre Bimba, 1991. ABREU, Frederico José de. *Bimba é Bamba: a capoeira no ringue*. Salvador, Instituto Jair Moura, 1999 e *O Barracão de Waldemar*. Salvador: Organização Zarabatana, 2003.

⁴ PIRES, Antônio L. C. Simões. *Movimentos da cultura afro-brasileira..., Op. Cit. e Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá: três personagens da capoeira baiana*. Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafset, 2002.

CAPÍTULO I

A CAPOEIRA E O MUNDO DA DESORDEM

A CAPOEIRA E O MUNDO DA DESORDEM

No dia 28 de outubro de 1913, o *Diário de Notícias* publicou uma carta em que um leitor anônimo confessava com uma boa dose de amargura que, “*tendo nascido neste país, aonde vi o primeiro sol e respirei o oxigênio da minha existência, não tenho no fundo do meu coração orgulho de ser Brasileiro*”. Isto porque “*os direitos de que gozam os de epiderme branca, não me são extensivos*”, já que “*cada vez mais, se multiplicam os preconceitos, sobre a raça preta*”. E depois de explicar que “*esta raça pela sua infelicidade, Portugal foi buscá-la na região de África, com o ideal de colonizar e chegando aqui, fez comércio dela*”, e de afirmar que “*é este e outros passados... que trazem o Brasil imerso neste antro de ignorância, de indolência e de um preconceito que nenhum resultado dá, só serve de quando em vez, a quebrar os laços e atrofiar a família brasileira*”, pergunta: “*Sr. Redator, um homem preto neste país pode se orgulhar de ser brasileiro?*”.⁵

Não é de admirar que, em Salvador, no ano de 1913, um negro se mostrasse tão revoltado e indignado frente à discriminação sofrida pelo seu povo numa cidade cuja população branca era minoritária. Seus sentimentos revelavam, na verdade, uma aguda percepção do clima da época, em que as elites baianas sonhavam em mudar a Bahia, seguindo os moldes da sociedade européia. Bradava-se por todos os cantos que enfim chegara o tempo da capital baiana se tornar uma urbe moderna e civilizada. É que devido à eleição do novo governador J.J. Seabra, ex-secretário e ministro da Viação e Obras Públicas do governo federal, recém chegado do Rio de Janeiro, as expectativas de certos grupos sociais com relação à modernização do estado haviam aumentado bastante. Isso porque Seabra, talvez inspirando-se no famoso prefeito-engenheiro Pereira Passos, retornara a Salvador repleto de

⁵ *Diário de Notícias*, 28.10.1913. É importante esclarecer que a ortografia foi atualizada em todas as fontes primárias e secundárias.

propostas que tinham como objetivo principal dar fim às “chagas” do passado colonial, reordenando e higienizando o espaço urbano, e melhorando as condições de saúde e de transporte da população.

Na realidade, para os reformadores de então, a redefinição da ordem urbana passava necessariamente por uma transformação do modo de vida de toda uma população acostumada e obrigada a viver nas ruas. A modificação da estrutura da cidade visava especialmente impedir os “usos e abusos” daqueles que não se vestiam, não falavam e nem se comportavam de acordo com o modelo de civilização almejado. O ideal era que a presença popular juntamente com suas práticas sociais fossem varridas da nova cidade que se queria construir. Para os higienistas, considerados os “primeiros urbanistas”, de nada valeria o embelezamento da cidade se nela permanecessem seus velhos habitantes, vistos como feios, sujos, indisciplinados e viciosos.

Percebia-se claramente que a cidade abrigava diversos espaços sociais. Se para as elites burguesas a rua era apenas uma via de acesso, meio entre dois pontos definidos, para as camadas populares a rua era como uma grande casa, lugar de relações sociais, de contatos, de vínculos, espaço de lazer e de trabalho, vital a seus inúmeros expedientes de sobrevivência. No lugar dessa “*cidade popular, dos bailes nas ruas, da taverna, da baiúca com música, dos divertimentos públicos, das rixas, dos pequenos crimes, dos tumultos, da mistura de classes*” se pretendia erguer uma metrópole “*orgânica*” capaz de impor um novo padrão de conduta que civilizaria as classes baixas, abrindo caminho para que as elites pudessem circular em paz.⁶

Ora, em Salvador, muitos desses pobres “viciosos” eram negros e mestiços, como se pode ver pela cor da população recenseada em 1890. Segundo o Censo Populacional, dos 174.412 habitantes da cidade, apenas 32% eram brancos. Os negros somavam 26,4%, os caboclos 6,5% e os mestiços 35,1%, o que perfazia um total de 118.592 indivíduos não brancos, ou seja, 68% da população global.⁷ Essa relação proporcional entre brancos, negros e mestiços, que se manteve inalterada devido à quase inexistência da emigração européia, talvez explique porque tais práticas de reordenamento e higienização do espaço urbano acabaram adquirindo um conteúdo abertamente racista. Como a concentração de renda era grande e secularmente centrada nos brancos, não é difícil perceber qual era a cor da pobreza e dos

⁶ PECHMAN, Robert Moses. “Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular”. IN: BRESCIANI, Stella. (org.). *Imagens da cidade, séculos XIX e XX*. SP: Marco Zero, ANPUH, 1994, p. 32.

⁷ Agradeço à professora Maria Cecília Velasco e Cruz o acesso aos dados desta fonte.

costumes que tanto contrariavam as elites. Na Bahia, procurou-se não só modificar a paisagem arquitetônica da capital, mas também e, sobretudo se buscou “*desafricanizar as ruas*”.⁸

Já no século XIX, o cotidiano da cidade fora marcado por festas e brincadeiras nas quais podiam ser vistos sambas de roda, lundus e negros fazendo capoeira. Essas manifestações, apesar de proibidas pelas posturas municipais, chamavam a atenção dos estrangeiros e desagradavam profundamente a certos brasileiros.⁹ A partir da década de 1910, com o movimento de reforma da capital baiana, multiplicaram-se as reclamações moralistas da imprensa contra as festividades públicas, principalmente aquelas que lembravam os costumes culturais africanos. Essa visão preconceituosa a respeito da população negra era legitimada pelas teorias científicas racistas absorvidas e referendadas por muitos intelectuais brasileiros, como Jorge Amado retrata em cores fortes no seu livro *Tenda dos Milagres*.

Em um dos diálogos entre Pedro Arcanjo - negro, capoeira, freqüentador de terreiros de candomblé e de rodas de batuque, escritor e defensor de idéias a favor da liberdade e da mestiçagem do povo brasileiro – e o sr. Nilo Argolo – branco, professor doutor catedrático da Escola de medicina de Salvador e racista fanático – este afirma:

- [...] Você [Pedro Arcanjo] confunde batuque e samba, hórridos sons, com música; abomináveis calungas, esculpido sem o menor respeito às leis da estética, são apontados como exemplos de arte; ritos de cafres têm, a seu ver, categoria cultural. Desgraçado deste país se assimilarmos semelhantes barbarismos, se não reagimos a esse aluvião de horrores, [...] isso tudo, toda essa borra, proveniente da África, que nos enlameia, nós a varreremos da vida e da cultura da Pátria, nem que para isso seja necessário empregar a violência[...]. Trata-se de um cancro, há que estirpá-lo. A cirurgia aparenta ser forma cruel de exercer-se a medicina, mas em realidade é benéfica e indispensável.¹⁰

⁸ A expressão é de FILHO, Alberto Heráclito Ferreira. “Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador – (1890-1937)”. *Revista Afro-Ásia*. Salvador: CEAO, n. 21-22, 1998/9.

⁹ REIS, João José. *A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. SP: Companhia das Letras, 1991, p.32.

¹⁰ AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. SP: Editora da livraria Martins Editora S.A., 1969, p.178.

De fato, tudo indica que o racismo pairava mesmo no ar e não apenas nos textos de romances que recriaram aquela época. Em junho de 1912, o *Jornal de Notícias* realizou uma pesquisa com o objetivo de saber a opinião de seus leitores a respeito das modificações mais urgentes a serem feitas na velha cidade da Bahia, que segundo o jornalista estivera durante longos anos parada no tempo, mas que agora se encontrava em movimento de grandes reformas. Durante cinco dias consecutivos, as pessoas foram convidadas a responder a seguinte pergunta: “*De que é que mais precisa a cidade?*”.¹¹

Das respostas obtidas, algumas demonstraram certa preocupação com a melhoria das condições de vida do povo, outras manifestaram os sonhos de transformação da “*cidade bárbara*”, onde o capim crescia por todos os lados, em uma metrópole bela e moderna. Também apareceram pessoas que sugeriram que indivíduos descalços, sem camisa ou com ela desabotoada e com as calças caindo pelas cinturas - como costumavam andar os carregadores – fossem impedidos de circular pelo espaço público. Para alguns o certo mesmo era que todos os homens usassem sapatos, paletó e chapéu. Outros criticavam o modo de vestir de certas mulheres, principalmente as prostitutas, as quais deveriam usar casacos quando estivessem de saia e não atentarem contra o pudor.

A ânsia moralizadora e civilizatória não era, aliás, privilégio dos baianos, e grassava na capital federal, chegando a provocar comentários irônicos de um diário carioca. Segundo o jornalista, que ridicularizava um projeto apresentado no Conselho Municipal, aos homens caberia vestir “*um frack claro*” ou uma “*rabona legitimamente negra*” ou também um “*paletot branco*” nos dias quentes. Tudo dependeria da vontade do freguês. “*E como todos são iguais perante a lei*”, as mulheres poderiam escolher entre uma “*blusa de crêpe da China e saiote de trottoir, collete devant droit canotie*” e um conjunto “*tailleur, sapato raso e chapéu Rêjane*”. Seria tudo muito “*chic*”, apesar de serem estas medidas altamente “*importunas e impraticáveis*”, uma vez que a população estava carente até mesmo dos gêneros de primeira necessidade, vivendo a pão e água, sem casa e sem emprego, vestindo trapos de panos remendados e esgarçados.¹² Mas, como veremos a seguir, os problemas iam muito além das roupas e dos pés descalços.

¹¹ *Jornal de Notícias*, dias 18, 19, 20, 21 e 22 de junho de 1912.

¹² *Correio da Manhã*, 22.06.1907.

Voltando à pesquisa realizada pelo jornal baiano junto a seus leitores, de todas as respostas publicadas, as mais recorrentes expressaram o desejo claro e notório de embranquecer a população soteropolitana, reprimir a vadiagem e coagir todo pobre ao trabalho. Choveram até pedidos para a “*extinção dos pretos*”, a “*emigração do elemento negro*” e a “*imigração do europeu*”. Para muitos, a melhor solução para amenizar a tez escura da sociedade baiana e a ela incorporar novos hábitos era o incentivo governamental à vinda do imigrante europeu, espelho da civilização e do trabalho.¹³

Alguns trabalhadores estrangeiros até que vieram trabalhar nas obras do porto, provocando protestos dos trabalhadores locais preteridos, mas as poucas indústrias e o mercado consumidor pouco diferenciado de Salvador não conseguiram atrair o fluxo imigratório desejado. Também as reformas urbanas, realizadas a passos lentos e com freqüentes interrupções devido à falta de dinheiro, logo se converteram numa enorme frustração. A avenida Sete de Setembro foi construída, iluminada com energia elétrica, e asfaltada numa extensão de 4 km do São Bento à Barra; as Igrejas das Mercês e do Rosário foram reformadas; os palácios Rio Branco e Aclamação foram reconstruídos em estilo moderno; jardins foram suspensos, mas o ímpeto reformador não teve fôlego para prosseguir em sua missão de transformação. Por outro lado, para tornar as coisas ainda piores, o insignificante desenvolvimento industrial do estado não conseguiu gerar novos postos de trabalho, de modo a afastar das ruas o grande exército de homens e mulheres pobres que tanto incomodava as elites.¹⁴

Em 1920, segundo o censo demográfico e industrial, existiam em Salvador 163.410 pessoas enquadradas na categoria dos que não tinham ou não declararam ter profissão. Isso significa que, de uma população total de 283.422 habitantes, 57,7% dos soteropolitanos viviam de ocupações esporádicas e intermitentes ou, simplesmente, não tinham trabalho. Somando a esse número aqueles que exerciam funções ligadas aos serviços domésticos, chega-se à surpreendente cifra de 61,7%, que expressa de forma ainda subestimada as dimensões da pobreza das camadas populares da capital da Bahia.¹⁵

Entre as ocupações de rua mais comuns estavam os peixeiros, as vendedoras de doces e quitutes, os carregadores, os biscateiros, os carroceiros e os puxadores de animais de cargas

¹³ *Jornal de Notícias*, dias 18, 19, 20, 21 e 22 de junho de 1912.

¹⁴ FILHO, Alberto Heráclito Ferreira. *Salvador das mulheres: condição feminina e cotidiano na belle époque imperfeita*. Salvador: Dissertação de mestrado, UFBA, 1994.

¹⁵ CASTELLUCCI, Aldrin A. Silva. *Salvador dos Operários: Uma história da Greve Geral de 1919 na Bahia*. Salvador: Dissertação de mestrado, UFBA, 2001, p.18.

que podiam ser vistos em frente aos armazéns, pensões e hotéis, parados nas esquinas e nos botecos aguardando algum serviço que lhes garantisse um trocado qualquer. Nesse grupo numeroso, encontravam-se ainda aqueles que viviam da mendicância ou recorriam a meios “ilícitos” de sobrevivência, como o furto, o jogo do bicho ou a prostituição. Cabe mencionar também os estivadores, que faziam o trabalho pesado de carregar e descarregar os navios no porto, embora ganhassem mais que os demais trabalhadores, por estarem realizando tarefas diretamente ligadas à atividade portuária – principal fonte de renda do estado.¹⁶

Muitos desses indivíduos possuíam um ritmo de trabalho bastante irregular, o que lhes proporcionava freqüentes períodos de ociosidade, entremeados por momentos de diversão, quase sempre acompanhados de muitos goles de cachaça. Talvez seja esta uma das razões a explicar porque a maioria dos indivíduos que buscava nas ruas o seu sustento era vista como “vadia e ociosa”. De fato, desde o final do século XIX, o termo “vadio” era usado tanto para se referir àqueles que não tinham trabalho, como para designar todos os que viviam de ocupações esporádicas. A palavra “vadiação” também qualificava as brincadeiras, os jogos e os divertimentos de rua cultivados pelo povo e repudiados pelos que sonhavam com uma população que vivesse disciplinadamente pelos supostos padrões europeus. Nas primeiras décadas republicanas repetia-se a toda hora que a vadiagem era a “*mãe de todos os crimes*”, barreira à modernização e responsável pela desordem social, em oposição ao trabalho honesto, cujo modelo era a fábrica.

Essa relação íntima entre a vadiagem, a desordem e o crime aparece, por exemplo, em 1917, nas palavras de Álvaro Cova, Secretário de Polícia e Segurança Pública do Estado da Bahia. Para ele havia na cidade de Salvador “*muita gente válida sem trabalho e disposta a ele, que vem aumentar o exército dos vadios, desordeiros, contraventores de toda natureza, vigaristas scrocs, hóspedes habituais dos xadrezes, devido ao hábito adquirido nas repetidas hospedagens*”. Sua proposta para sanar o problema da vadiagem era encaminhar aqueles indivíduos “*rumo aos campos e às despovoadas regiões do vale da Amazonas e dos sertões do Mato Grosso, onde a luta contínua com os elementos para as necessidades da subsistência*” os regeneraria “*nos hábitos do trabalho*”.¹⁷ A associação automática entre o não trabalho e o crime foi de tal modo naturalizada e legitimada que sobrevive até hoje intocada no discurso da polícia. Numa pesquisa recente sobre a cultura policial assim se manifestou um entrevistado:

¹⁶ SANTOS, Mário Augusto da Silva. *A República do Povo – Sobrevivência e Tensão*. Salvador: EDUFBA, 2001, p.45.

¹⁷ Relatório do chefe de polícia. *Diário Oficial*, 29.04.1917, p.3083.

Antigamente, se prendia e dava uma vadiagem nele. Era o tempo de buscar testemunhas, levantar a folha penal, investigar a vida dele [...] Hoje não se pode mais..., hoje acabou a detenção. [...] Por que existia a figura da vadiagem? Como é que o cara vai provar a subsistência dele, a sobrevivência dele sem meios lícitos? O vadio é isso, ou era isso, né? Era o cara que sobrevivia sem trabalhar. Não pode, pelo menos à luz da lei. Então vadio contumaz, cadeeiro contumaz. [...] Hoje não é mais isso.¹⁸

Voltando à Primeira República, uma prática corrente para garantir o exercício do trabalho visto como “decente”, era obrigar o indivíduo, depois de preso, a assinar o “*termo de bem viver*”. Dessa forma, a pessoa estaria, teoricamente, se comprometendo a buscar um emprego fixo e a ter bom comportamento. Mas nem todos que assinavam esse termo estavam na “vadiagem”. Muitos estavam nas ruas aguardando que aparecesse algum serviço, como os carregadores, também chamados de ganhadores, contra quem era comum encontrar nos jornais reclamações do tipo:

*A todo instante, nas ruas, somos forçados abandonar os passeios, porque **magotes de desocupados** os ocupam, como se aquilo fosse uma sala privativa de sua residência. Na própria Cidade baixa, onde o movimento, a certas horas, é muito intenso, é difícil atravessarem-se os passeios, devido ao grande número de ganhadores que neles se acham sentados, como ostras pregadas no rochedo...¹⁹*

Este texto, que na verdade não se refere a “desocupados”, mas a trabalhadores à espera de trabalho, mostra claramente como as elites da época apreendiam de modo preconceituoso a realidade das ruas. Para elas, passar de “desocupado” a “vadio” e de “vadio” a “criminoso em potencial” era quase inevitável. O “termo de bem viver” atrapalhava a vida dos trabalhadores de rua, mas também complicava a vida de alguns desordeiros, como foi o caso de João Ferreira de Andrade, mais conhecido pela alcunha de João Gulodice.

Segundo o Diário de Notícias, João Gulodice era um “*capoeira sanguinário*” e possuía um “*estado maior de valentões*”. O distrito da Rua do Paço era o palco predileto das suas desordens e onde costumava cometer distúrbios diariamente. E foi aí, no dia 10 de agosto de 1910, enquanto bebia no restaurante “*Nova Lua*” à Baixa dos Sapateiros, que João Gulodice “*declarou ao seu proprietário que ia matar o dono da Camponesa*”, estabelecimento

¹⁸ BRETAS, Marcos Luiz e PONCIONI, Paula. “A cultura policial e o policial civil carioca”. IN: PANDOLFI, Dulce et alli (orgs.). *Cidadania, Justiça e Violência*. RJ: FGV, 1999, p. 159.

¹⁹ *Diário de Notícias*, 20.06.1921. E. da autora.

comercial que ficava ali perto, para onde se dirigiu em seguida. Como “o condenado a sua faca” não se encontrava no local, Gulodice bebeu à vontade, não pagou a conta e com insultos prometeu voltar à noite a fim de assassinar o negociante. Mas ao retornar ao local encontrou os agentes da ordem que o prenderam com muito esforço, pois seus companheiros “*queriam tomá-lo da mão da polícia*”, e o obrigaram a assinar o “*termo de bem viver*” a requerimento do advogado do seu “*desafeto*”. Duas semanas depois, armado de punhal, totalmente embriagado, e dizendo que “*só sossegaria depois que fizesse uma morte*” Gulodice invadiu o restaurante “*Nova Lua*”, que também era um armazém, e tentou agredir um “*cavalheiro sob o fútil pretexto de ter este prestado o seu depoimento como testemunha*”. Com isso, foi processado por infração do “*termo de bem viver*”, o que lhe valeu 30 dias de cadeia e o pagamento de 30\$000 (trinta mil réis) de multa. Na opinião do jornalista, cumprida a pena, João Gulodice talvez se corrigisse e não se tornasse um reincidente. No entanto, não foi bem isso que aconteceu. Passados alguns anos, ele foi preso de novo quando a polícia fechava duas casas de tavolagem na Barra, cujos jogos eram proibidos por lei. Uma das casas era de sua propriedade, o que mostra que ele se sustentava através de meios ilícitos.²⁰

Era com o objetivo de dar fim a essas e outras práticas sociais consideradas indesejáveis muitas vezes por puro preconceito, que há muito alguns jornais vinham fazendo uma forte campanha de repressão à vadiagem e responsabilizando os órgãos públicos de não se empenharem o suficiente para extinguir esse “mal” da sociedade baiana. Segundo um editorial, quem quer que passasse pelas ruas

[...] desde as menos habitadas até as de maior trânsito, será testemunha de cenas vergonhosíssimas, em que, não raro, a palavra obscena ou o dito indecente andam de par com os gestos indignos, ofensivos tudo isto da moralidade pública. Outras vezes é o pugilato, em que os contendores se desancam a socos e bofetadas, ou recorrem à pedra, tão perigosa para o alvo que visam quanto ameaçadora do transeunte, que vai despreocupado, ou do curioso que se apraz em ver de perto o triste espetáculo da vadiagem que se engalfinha e irrefreada, em plenas ruas de uma capital que foi e se pretende civilizada. Aqui é um bando de desocupados a jogar o vintém, os búzios, a onça, o xadrez, a lebre, etc. Ali um grupo de marmanjos a empinarem arraias nos lugares mais públicos; acolá uma corja de malcriados a se exercitarem num futebol a seu modo, sem respeito às famílias que transitam pelas ruas e praças, não destinadas aos exercícios desse gênero, legalmente permitidos; mais além, ou por toda parte, indivíduos sem educação, a fazerem garatujas imorais nas calçadas e nas paredes dos prédios e edifícios públicos, ou a lhes inutilizarem os enfeites.²¹

²⁰ *Diário de Notícias*, dias 11, 13, 20, e 22 de agosto de 1910; 20.09.1910; e 25.03.1914.

²¹ *Diário de Notícias*, “A Repressão da Vadiagem” - 09.08.1905.

Assim, não é de surpreender que, com a falta de empregos fixos, a pobreza e, principalmente, a grande concentração de pessoas sobrevivendo nas ruas e dividindo seu tempo entre o trabalho e o ócio, a maioria das prisões efetuadas na cidade de Salvador fosse por “*desordem*” e “*vagabundagem*”, como revela a estatística de prisões realizadas durante o ano de 1918. De 2.023 prisões, 1.362 aconteceram por desordem e 226 por vagabundagem, números que somados chegam a aproximadamente 78% do total. Ou seja, uma boa parte das camadas populares soteropolitanas, fosse ela desordeira de fato ou não, tinha sua vida marcada por confrontos recorrentes com a lei.²²

Cabe observar, todavia, que além de editoriais de cunho repressor ao cotidiano popular na cidade, como o citado acima, os jornais freqüentemente descreviam e criticavam cenas de gente do povo a praticar desordens. Grande parte dessas notícias contribuiu para que pudéssemos reconstituir parcialmente o mundo da desordem da capital baiana e mostrar a presença de um número significativo de capoeiras dentro desse mundo. Encontrar nossos personagens não foi, porém, uma tarefa fácil pelas razões que passamos a expor.

Apesar de alguns cronistas baianos referirem-se à existência da capoeira em Salvador entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, fenômeno este que aparecia supostamente tanto em conflitos reais como em festas e brincadeiras populares; e apesar da capoeira ter sido criminalizada pelo código Penal de 1890, na Bahia ainda não foram localizados processos ou prisões por crime de capoeiragem.²³ Por aí o caminho estava bloqueado, pois os capoeiras não eram distinguidos dos desordeiros em geral. Uma outra possibilidade seria buscá-los nas colunas policiais da imprensa. Contudo, essas notícias revelaram-se muito pouco informativas a respeito dos conflitos e das características das pessoas envolvidas. A própria adjetivação usada para se referir a esses sujeitos era muito genérica para que pudéssemos diferenciar os capoeiras dos demais indivíduos. Todos eram chamados de “*desordeiros*”, “*capadócios*”, “*valentões*”, etc.²⁴ Raramente era possível encontrar alguém que fosse qualificado literalmente de capoeira como o “*conhecido desordeiro*” Elpídio Manoel Pereira dos Santos, cuja notícia tinha por título “*Capoeira*

²² Arquivo criminal policial. *Diário Oficial*, 18.02.1919, p.3.646.

²³ *Código Penal brasileiro* contendo Leis, Decretos, Decisões dos Tribunais, avisos do Governo, cálculo da pena, penas, figurados todos os casos e um índice alfabético pelo Dr. Manuel Clementino de Oliveira Escorel. SP: Tip. Da Cia. Industrial de São Paulo, 1983. IN: MARINHO, Inezil Pena. *A Ginástica Brasileira (resumo do Projeto Gera)*, 2ª ed., Brasília, 1982, pp. 28/30. Ver Artigos 402, 403 e 404.

²⁴ Capadócio é “*o indivíduo que se dá ares de importância nos modos e nas falas para enganar os outros; espertalhão, finório, velhaco*”, Ver: SILVA, Antonio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Empresa Literária Fluminense de A. A. da Silva Lobo, 1890. p. 403. Agradeço o acesso a esta fonte à professora Maria Cecília Velasco e Cruz.

Perigoso”. Nessa ocasião, Elpídio foi preso, no final da tarde do dia 05 de novembro de 1911, quando “*promovia arruaças*” no Grão Mogol (Rio Vermelho) “*em companhia de outros capadócios*”.²⁵ Eram também muito raras as notícias que descreviam as desordens propriamente ditas ressaltando os golpes identificados com a capoeira desde o século XIX, a ponto de podermos entrever que tipo de luta estava de fato ocorrendo, como acontece no relato a seguir. No domingo, 14 de setembro de 1914, às 8 horas da noite, no Gravatá (Santana), “*um charivari dos pecados alvoroçava tudo. Gritos, correrias, apitos, desmaios, ... Era o José Pedro dos Santos, conhecido desordeiro*” que foi preso depois de muita dificuldade por um grupo de policiais. Pela narrativa feita, o tal indivíduo “*entendeu que não devia seguir e gritou ao civil: – Só sigo se for aos pedaços!*” Depois disso “*espalhou-se... Distribuiu dúzias de rasteiras e cabeçadas*”. Enquanto o policial apitava “*um cachorro latia e o Santos pulava!*”. E só com a chegada da carrocinha, trazendo reforço policial, foi que o ágil capoeira pôde ser finalmente detido.²⁶

O desafio para penetrar no universo da capoeira baiana, era, portanto, grande. Afinal quem eram os capoeiras de Salvador, como se chamavam, em que trabalhavam? Será que eram mesmo todos “vagabundos”? Por onde andavam? O que faziam? Quais eram suas redes de sociabilidade? Em que tipo de confusão se envolviam?

Para começar a responder tais questões, recorreremos às memórias do mestre Noronha e do mestre Pastinha. Ambos conheceram ou ouviram falar de capoeiras que viveram entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Em seus manuscritos e no livro de mestre Pastinha tivemos acesso a seus apelidos e a alguns fatos de suas vidas.²⁷ Através dessas informações foi possível identificar nos jornais da época 115 notícias envolvendo capoeiras no período de 1908 a 1925, e completar os dados examinando um conjunto de 24 processos crimes. Desses cruzamentos outros nomes surgiram ampliando nossa amostra. Para uma melhor compreensão do mundo da desordem e da presença da capoeiragem nele, foram analisadas também 210 matérias sobre conflitos envolvendo desordeiros em geral, copiadas de forma relativamente sistemática, mas sem pretender esgotar o universo destas notícias.²⁸

²⁵ *Diário de Notícias*, 07.11.1911.

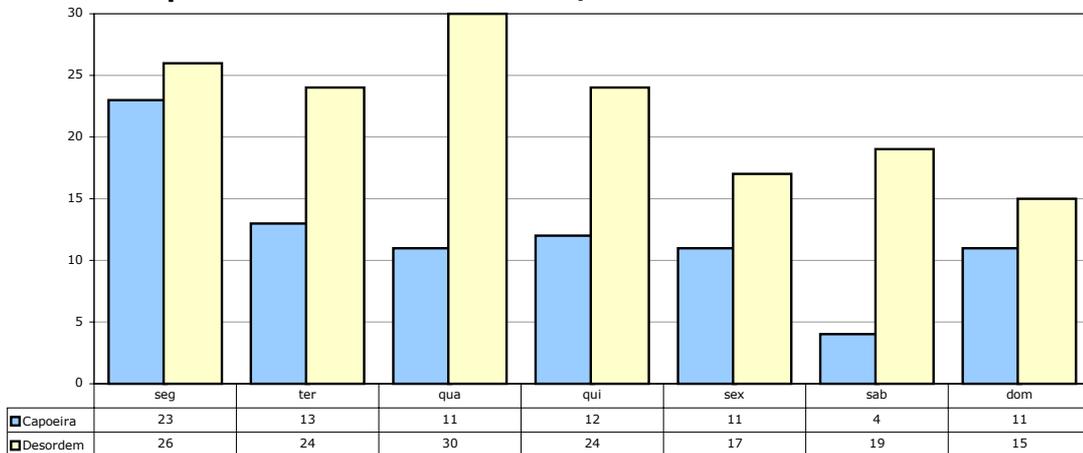
²⁶ *Jornal Moderno*, 14.09.1914.

²⁷ COUTINHO, Daniel (Noronha). *O ABC da capoeira Angola: Os manuscritos de mestre Noronha*. Brasília: DEFER/CIDOCA, 1993. PASTINHA, Mestre. *A Herança de Pastinha: manuscritos e desenhos*. Coleção São Salomão 2, s/d e *Capoeira Angola*. Salvador: Secretaria de Cultura da Bahia, 1988. Vale destacar que optamos por corrigir a ortografia dos manuscritos de Mestre Noronha e de Mestre Pastinha para facilitar a leitura.

²⁸ Foram pesquisados os seguintes jornais: *A Tarde*, *Gazeta do Povo*, *Jornal de Notícias*, *Jornal Moderno*, *O Imparcial*, *A Bahia*, *Correio da Manhã*, *Diário da Bahia* e principalmente o *Diário de Notícias*. No ano de 1923 não foi encontrada nenhuma notícia de capoeira. As notícias sobre desordens cujos atores não puderam ser

A partir desses elementos foi então construído um banco de dados, contendo as seguintes variáveis: jornal, data da notícia e do conflito, manchete, nome do(s) indivíduo(s) – além de apelido, data de nascimento e morte, idade, cor, naturalidade, residência, ocupação, grau de instrução e papel que assumia no conflito (acusado, vítima e circunstante) –, freguesia, horário e dia da semana da briga, armas e golpes usados. Como nem sempre as notícias davam todas essas informações, impossibilitando o preenchimento de todas as variáveis acima, os números absolutos totais de cada tabela ou gráfico podem variar. Isso impede uma análise quantitativa conclusiva, mas não invalida o procedimento adotado. Como veremos a seguir, dos cruzamentos feitos vários aspectos do fenômeno emergem com nitidez.

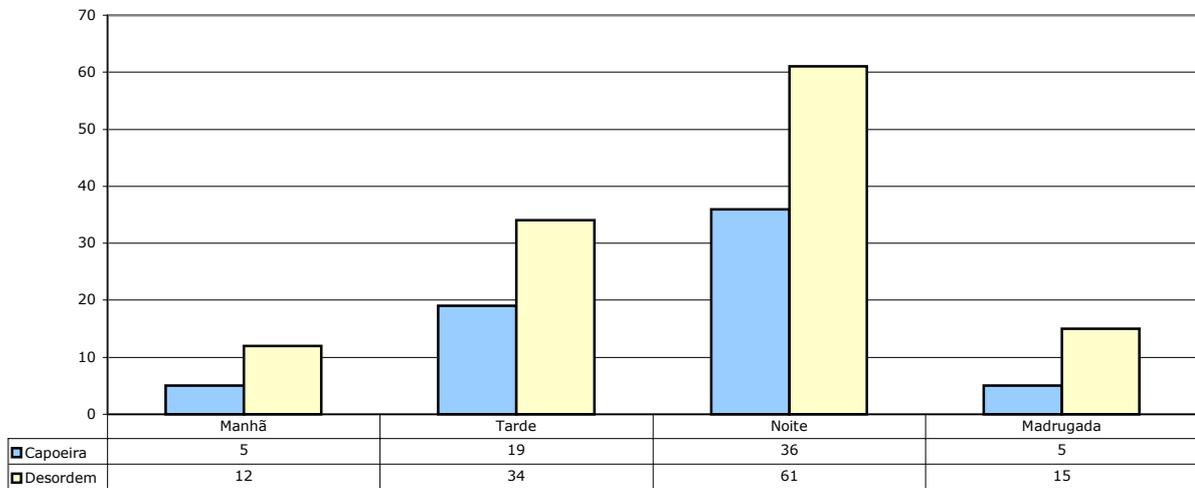
GRÁFICO I: Incidência e Dias da Semana dos conflitos de capoeira e de desordem - 1908/1925



Fontes: *Diário de Notícias, A Tarde, Gazeta do Povo, Jornal de Notícias, Jornal Moderno, O Imparcial, A Bahia, Correio da Manhã e Diário da Bahia.*

identificados como capoeiras foram pesquisadas entre os anos de 1909 a 1925, mas a maioria corresponde ao período de 1910 – 1915. Os jornais pesquisados foram os mesmos citados para as notícias de capoeira, exceto o *Jornal Moderno, o Diário da Bahia* e o *Correio da Manhã*, que não foram usados para esse fim.

GRÁFICO II: Incidência e Turnos dos conflitos de capoeira e de desordem - 1908/1925



Fontes: Como no gráfico I.

Através dos gráficos I e II podemos notar que tanto os conflitos envolvendo capoeiras quanto às desordens cujos sujeitos não foram identificados como capoeira aconteciam diariamente na cidade de Salvador, em qualquer horário do dia, mas principalmente à noite. Além das arruaças noturnas, à tarde também ocorriam muitas brigas, o que demonstra que esses indivíduos podiam entrar em conflito em meio à labuta do dia-a-dia. Logo, parece que Antônio Vianna tinha razão quando afirmou que as brigas dos “*capoeiras de outrora (...) iam de domingo a sábado. No trabalho ou na festa. De dia ou de noite. Com chuva ou com sol. O caso era haver ensejo. Metiam a mão ali mesmo*”.²⁹

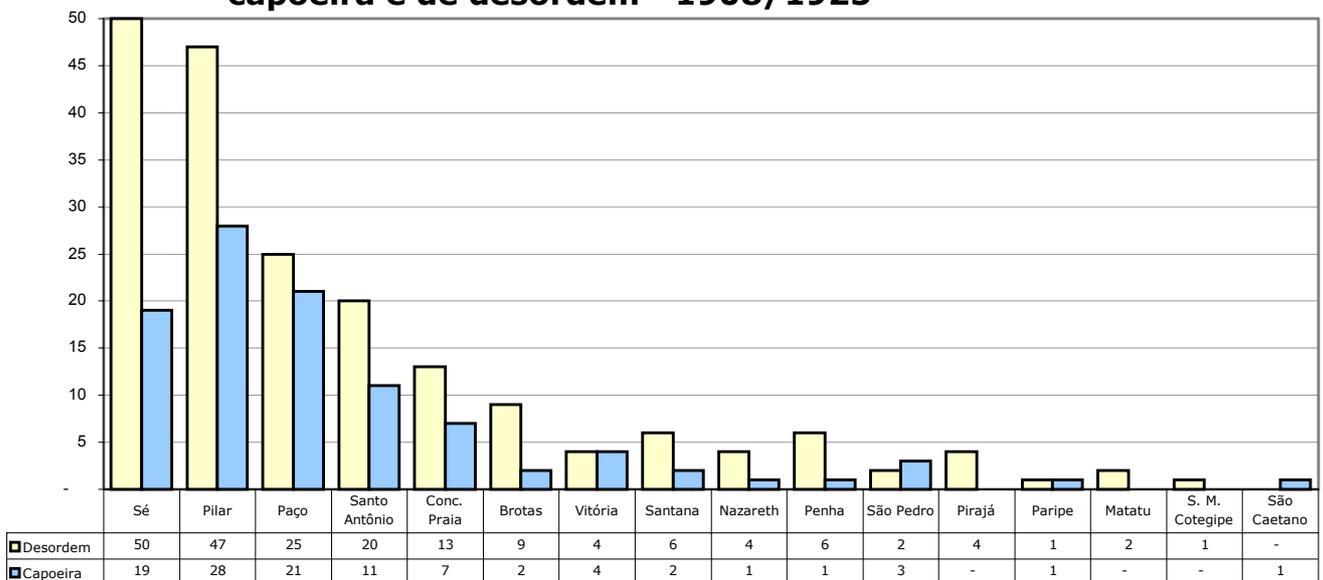
O gráfico I também evidencia três outros aspectos de certa forma enigmáticos: o elevado índice de capoeiragem na segunda-feira, o reduzido no sábado e o alto índice de desordem sem especificação na quarta-feira. Uma possível explicação para a disparidade entre a segunda e o sábado pode estar nas práticas de registro das ocorrências policiais. Tudo indica que os plantões noturnos nas delegacias não eram cumpridos como devido nos finais de semana, os registros sendo feitos, então, no dia seguinte. Esse fato faria com que parte do registrado no domingo se referisse a sábado e do anotado na segunda a domingo, tornando as colunas mais equilibradas, com um provável aumento da incidência nos finais de semana, principalmente no domingo. Mas as crenças religiosas da população também podem ser parte da explicação, porém aí com o sentido oposto. No candomblé, a maior parte das festas de santo acontece nos finais de semana, o que talvez tenha contribuído para a diminuição das

²⁹ VIANNA, Antônio. *Casos e Coisas da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984, p.133.

brigas, tanto aquelas que envolviam capoeiras quanto aos demais conflitos. O aumento significativo de desordem sem especificação na quarta-feira também pode estar relacionado à religião, pois este é um dia de dois orixás de sangue quente, simbolizados pela cor vermelha: Xangô e Iansã. Ambos são considerados orixás que possuem uma sexualidade exacerbada. Xangô é um rei guerreiro, apesar da sua principal característica ser a justiça. Ele tem três esposas, e uma delas é Iansã, também guerreira. Xangô é visto como um orixá mulherengo, assim como seus filhos de santo. As filhas de santo de Iansã por sua vez são consideradas mulheres atraentes, que gostam de sexo e conquistam seus homens a qualquer preço. A relação entre sexo, sangue, guerra e desordem parece clara e quiçá tenha interferido no aumento dos conflitos que o gráfico registra. É claro que estas são, no entanto, hipóteses ainda a serem confirmadas.

Se os conflitos ocorriam todos os dias com maior ou menor incidência, não eram em todos os lugares da cidade. Nesse período, Salvador era constituída por vinte freguesias (distritos de paz), das quais, Sé, São Pedro, Vitória, Santana, Nazaré, Rua do Paço, Santo Antonio, Brotas, Conceição da Praia, Pilar, Mares e Penha faziam parte da região urbana e Pirajá, Paripe, Aratú, Cotegipe, Matoim, Passe, Maré e Itapoan ficavam na área suburbana.³⁰

GRÁFICO III: Incidência e Freguesias dos conflitos de capoeira e de desordem - 1908/1925



Fontes: Como no gráfico I.

Segundo o gráfico III a maior parte dos conflitos envolvendo capoeiras registrados em

³⁰ Sobre os limites da cidade de Salvador ver: Arquivo Municipal, *Postura Municipal* – Título I / Polícia administrativa / Capítulo I, s/d e *Diário de Notícias*, 17.01.1917.

jornal concentrava-se no Pilar, ficando em segundo lugar a freguesia da Rua do Paço, com um número de brigas um pouco maior do que a Sé. Em quarto estava o Santo Antonio e depois a Conceição da Praia. Já as contendidas nas quais não foi possível distinguir a presença de capoeiras concentravam-se principalmente nas freguesias da Sé e do Pilar. O gráfico também revela uma redução significativa na incidência de conflitos nas freguesias suburbanas, fato provavelmente relacionado à baixa densidade populacional desses bairros e à pouca importância que os jornais da época davam a tais localidades. Os olhares dos jornalistas estavam claramente voltados para o Bairro Comercial e suas adjacências.

Como se sabe Salvador era dividida em “duas cidades”, uma que ficava na parte alta, sobre a falha geológica que corta o centro urbano, e outra que se situava na parte baixa, próxima ao mar. Na Cidade Alta estavam a Sé, a Rua do Paço e o Santo Antonio. Na Cidade Baixa ficava o Pilar e logo ao seu lado a Conceição da Praia, os quais pertenciam à região denominada “Bairro Comercial”. As freguesias da Sé e do Pilar eram geograficamente próximas, apesar de uma estar na Cidade Alta e a outra na Cidade Baixa, sendo interligadas por várias ladeiras da freguesia da Rua do Paço.

A Sé era a freguesia mais central da cidade e centro político-administrativo do governo. Na Praça Municipal estava o Palácio Rio Branco (sede do governo estadual), o edifício da Câmara Municipal e o Elevador Lacerda. Mais adiante se encontrava o Largo da Sé, próximo ao Plano Inclinado, que dava acesso à Cidade Baixa tal como o Elevador Lacerda. Nesta freguesia também ficava a famosa rua Chile, que com as reformas seabristas irá se converter em ponto de consumo e diversão das elites. No começo dela estava a Praça Castro Alves, antes chamada de Largo do Teatro em função da presença do Teatro São João.³¹ Um outro largo bastante freqüentado era o Terreiro de Jesus, que era o coração da Sé. Ao seu redor estavam a Faculdade de Medicina, algumas Igrejas centenárias e o Cruzeiro de São Francisco. Segundo a imprensa algumas destas praças e largos eram lugares onde se jogava capoeira diariamente.³²

³¹ AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos – Guias das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador*. SP: Livraria Martins Editora, 1946, p.7.

³² *Diário de Notícias*, 24.10.1911.

Apesar da sua importância administrativa e da sua centralidade, a Sé deixara de ser o bairro das elites desde meados do século XIX. Os sobrados, antes habitados pelas grandes famílias ricas, “*transformaram-se em moradias de muitos*”, inclusive de “*rameiras*”. Para se ter uma idéia do fato, basta dizer que em 1913 em um único dia foram presas quarenta e sete “*mulheres de vida fácil*” que residiam nas ruas das Vassouras, da Ajuda e do Bispo.³³ A Sé, que também era chamada de “*arraial das cumbucas*” devido ao grande número de casas de jogo que ali funcionava, também foi morada de alguns capoeiras tais como Antonio Boca de Porco, Duquinha e Pedro Piroca, como se verá depois.³⁴

Ao lado da Sé estava a freguesia da Rua do Paço, onde nossos personagens também aprontavam das suas. Apesar de ser uma das freguesias de menor extensão territorial da cidade, o Paço abrigava muita gente de poucos recursos em prédios de dois e três andares. Ali ficavam à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, a Baixa dos Sapateiros, a Baixinha e o Tabuão, locais de intensa atividade comercial e social. Começando num pequeno largo onde nasciam as ladeiras do Carmo, do Paço e do Pelourinho, a Baixinha era uma pequena faixa urbana que ligava o Tabuão à Baixa dos Sapateiros, rua que era um verdadeiro bazar de lojas pequenas agarradas umas às outras, e que segundo um antigo freqüentador parecia uma artéria “*das velhas cidades orientais, onde se vende de tudo, onde há de tudo, onde se move uma humanidade mais ou menos heterogênea maciçamente pobre*”. Para animar a Baixinha e a Baixa dos Sapateiros havia ainda os cinemas Jandaia e Olímpia, e vários cafés como o Astúrias, Derby e o Café Progresso, que nos idos da década de 20 eram os pontos preferidos de encontro dos boêmios, estudantes e intelectuais.³⁵ Contava mestre Noronha que a Baixinha era também um lugar de capoeiragem. Próximo dali estava o Mercado Santa Bárbara, onde, entre os dias primeiro e quatro de dezembro, na festa da sua padroeira, os capoeiras faziam exposições. Neste mercado diariamente podia-se encontrar peixe fresco e comidas hoje consideradas típicas da Bahia, tal como acarajé.³⁶ Além da Sé, o Paço fazia fronteira com mais quatro freguesias: Pilar, Conceição da Praia, Santo Antônio e Nazaré.

Santo Antônio, antes chamado de Santo Antônio Além do Carmo era uma das maiores

³³ NASCIMENTO, Anna Amélia V. *Dez Freguesias da Cidade do Salvador*. Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1986. p. 42/3. *Diário de Notícias*, 07.10.1913

³⁴ *Diário de Notícias*, 04.08.1910 e 04.09.1916. A informação sobre o endereço dos capoeiras foi obtida em processos criminais.

³⁵ Depoimento de Nonato Marques em “Os poetas da Baixinha”, texto extraído de seu livro *A Poesia era uma Festa e publicado em Samba. Mensário Moderno de Letras, Artes e Pensamento*, Bahia, 1928-1929 (edição fac-similar), Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1999, p. XXX.

³⁶ MOURA, Jair. *A Crônica da Capoeiragem*. Salvador: Fundação Mestre Bimba, 1991, pp. 59/60. COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, pp. 20 e 65. *Diário de Notícias*, 04.08.1910.

freguesias urbanas, fazendo limite com Brotas, Paço, Pilar, Santana, e se espraiando até Itapoan e Pirajá, áreas suburbanas da cidade.³⁷ Nela se localizavam o cemitério da Baixa de Quintas - lugar onde alguns capoeiras foram enterrados - o beco João Simões, a rua do Jacaré e o conhecido Largo da Cruz do Cosme.³⁸ Neste largo, freqüentemente acusado pela imprensa de ser um “*reduto de feitiçaria*”, estava situado o terreiro de candomblé de Severiano Manuel de Abreu, também conhecido pelo nome de seu caboclo Jubiabá.³⁹ Segundo mestre Noronha o “*morro da Cruz do Cosme*” era um local de capoeiragem. Sobre a rua do Jacaré, era comum publicarem-se reclamações de moradores a respeito de uma “*grande malta de vadios e capadócios que vivem ali no divertimento das arraias [...] promovendo desordens...*”.⁴⁰ É possível que esses encontros tenham persistido ao longo dos anos, porque lá moravam capoeiras como Eutychio Alves da Silva, carregador que em 1926 arrumou uma grande confusão com o alfaiate José Cyríaco, em um quiosque do areal das docas. Era de manhã e Cyríaco jogava búzios com outras pessoas, quando Eutyquio entrou no quiosque para tomar café. Tudo indica que os dois começaram a brigar porque Eutyquio teria dito ao capoeira Antônio Boca de Porco que Cyríaco fora quem mandara bater no filho dele. De acordo com as testemunhas, os dois eram amigos, mas enquanto Cyríaco era visto como um homem trabalhador e de bom comportamento, Eutyquio foi acusado de ser um “*capoeirista conhecido e brigador contumaz*”.⁴¹

A ocorrência de brigas no areal das docas não era, aliás, um fato incomum. O maior número de conflitos com a presença de capoeiras ocorreu justamente no Pilar, freguesia cuja vida girava em torno do sistema portuário. Este iniciava-se na freguesia da Conceição da Praia e se estendia até Itapagipe. Seu segmento mais dinâmico estava, no entanto, entre a Gamboa e a Jequitaiá, circundando a área comercial de maior importância da cidade. Até os primeiros anos do século XX, existiam nessa área vários cais, cada qual com sua respectiva escada: o da Gamboa, do Pedroso (localizado ao lado da Alvarenga, hoje Mercado Modelo), do Ramos, das Amarras, do Gaspar, de Santa Bárbara, do Ouro, do Bulcão, o cais Novo e o cais do São João, além de uma infinidade de trapiches, armazéns e as casas de prensa, onde era empacotado o algodão.⁴²

³⁷ NASCIMENTO, Anna A.V. *Op. Cit.*, pp.77/9 e 86/7.

³⁸ *Diário de Notícias*, 04 de janeiro de 1911, 22, 24, 26, 30 de agosto de 1911. *A Tarde*, 16.01.1915.

³⁹ ALBUQUERQUE, Wlamyra. *Algazarra nas Ruas – Comemorações de Independência na Bahia (1889-1923)*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, CECULT, 1999, pp. 95/6. Jorge Amado se inspirou neste pai de santo para escrever seu livro intitulado “*Jubiabá*”.

⁴⁰ COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, p.25. *Diário de Notícias*, 23.04.1912.

⁴¹ APEB, *processo crime* de José Cypriano da Silva (réu). Ano 1926, código 214/45/9.

⁴² ROSADO, Rita de Cássia S. de C. *O Porto de Salvador – Modernização em projeto (1854/1891)*. Salvador:

Essa geografia urbana foi, no entanto, profundamente modificada pelas obras do porto, iniciadas em 1907, mas intensificadas a partir de 1912. Nesse período surgiu um cais construído sobre um terraplano que partia da Alfândega e ia até as proximidades da igreja Santíssima Trindade, nos limites do Pilar com a Ladeira de Água dos meninos. Este aterro, sobre o qual foram edificados sete armazéns, incluindo um especial para inflamáveis, engoliu os antigos cais, as escadas, as velhas pontes de atracação dos trapiches, e foi aos poucos empurrando o mar e constituindo uma praia denominada Praia do Sete. Esta praia continuou sendo empurrada sem mudar de nome, ficando localizada onde hoje estão a rua de Israel e o Moinho Salvador e tendo como limite o pequeno cais de Wilson, Sons & C. Ltd.(o cais do carvão) e logo depois a Praia de Água de Meninos.

Segundo Geraldo da Costa Leal, nas proximidades deste imenso areal, também chamado de “*areal das docas*”, “*pessoas desvalidas construíram [...] casebres cobertos com imensas telhas de zinco enferrujadas, conseguidas em restos de incêndios e de casas velhas demolidas*”, e na sua vizinhança surgiu a Feira do Sete que o povo insistia em transformar em feira permanente, apesar das posturas municipais só admitirem o funcionamento de feiras móveis nos dias de sábado.⁴³ Pelos escritos do Mestre Noronha, a Feira do Sete era um lugar “*perigoso*”, onde havia “*capoeira*” e grande “*concentração de desordeiro*”.⁴⁴ O areal era também um local “*onde os malandros, os Capitães de Areia, os boêmios conversavam pela tarde calorenta e jogavam ronda*”.⁴⁵ Este ambiente era sujo, lamacento, sem iluminação e policiamento adequado, abrigando ainda as feiras de Água de Meninos e da Praça Marechal Deodoro, a antiga Praça do Ouro, todas muito criticadas pela imprensa. Nessa região chegavam diariamente navios, barcos e saveiros vindos especialmente do Recôncavo, mas também de outras cidades do estado, do Brasil e do mundo, trazendo mercadorias, pessoas em busca de trabalho, viajantes, e, sobretudo marinheiros, que como veremos adiante serão personagens significativos de nossas histórias.

Ou seja, além de seus traços portuários específicos, o Pilar possuía algumas características em comum com a Sé e o Paço que explicam porque os capoeiras se encontravam entre essas freguesias. Todas três eram repletas de bodegas, botequins, vendas e quiosques, onde se podia beber, comer e aguardar a chegada de algum bico. Eram ainda

CODEBA, 1983. p. 38/41. De acordo com Rosado, “*A denominação de cada cais, como também dos trapiches, estava relacionado, na maioria das vezes, ao nome do seu proprietário ou área em que se localizavam...*”.

⁴³ LEAL, Geraldo da Costa. *Salvador dos Contos, Cantos e Encantos*. Salvador: Gráfica Santa Helena, 2000, p. 13.

⁴⁴ COUTINHO. *Op.Cit.*, p.71.

⁴⁵ AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos ...*, *Op. Cit.*, p.108.

espaços privilegiados para a prática da prostituição por se estarem próximos ao porto e ao comércio, fato que talvez explique também a presença de tantas casas de jogo, uma das diversões prediletas da população. A jogatina, por sinal, corria solta nos bares ou mesmo nas ruas, bastava querer. As três freguesias eram por fim áreas de trabalho e de moradia de muitas famílias pobres, o que só aumentava a reserva com que eram vistas.⁴⁶ Isso porque, era exatamente esse contato estreito de pessoas de sexo e idades diferentes, de procedência, posição social e educação as mais diversas, era essa mistura do trabalho com o ócio, da “ordem” com a “desordem” que eram encarados como propícios à constituição de redes de sociabilidade perigosas. E isso as três freguesias tinham e muito. Para alguns, eram, portanto, em tudo e por tudo “locais malditos”, principalmente à noite, quando o comércio fechava suas portas e as ruas eram invadidas por indivíduos de conduta duvidosa.

Até agora vimos que conflitos envolvendo capoeiras ocorriam diariamente na cidade de Salvador, de manhã, de tarde e de noite, e principalmente nas freguesias do Pilar, do Paço e da Sé. Contudo, as explicações acima são ainda por demais genéricas para que possamos entender o universo da capoeiragem na capital da Bahia. Aproximando mais nossa lente, através das Tabelas I e II, veremos que os capoeiras brigavam mais em alguns locais dessas freguesias do que em outros. Estes locais estavam, por sua vez, direta ou indiretamente relacionados às pessoas com quem brigavam ou às suas ocupações, como poderá ser melhor analisado a partir das Tabelas III e IV.

TABELA I: Incidência e locais dos conflitos de capoeira nas freguesias do Pilar, Paço e Sé – 1908-1925

Local	N	%
rua	38	56
botequim	12	18
moradia	4	6
casa de jogo	4	6
mercado	1	1
sem informação	9	13
Total	68	100

* A categoria “botequim” inclui também “venda”, “restaurante”, “taverna”, “quiosque” e “armazém”.

Fonte: Como no gráfico I

A Tabela I mostra claramente a importância da rua como espaço de conflito. 56% das rixas nela computadas aconteceram em ruas, ladeiras ou praças, fato que não é de admirar, pois, como já visto, a rua era o principal meio de sobrevivência de um conjunto enorme de pessoas. Abaixo das ruas vêm os botequins, com 18% das ocorrências, o que também não espanta, pois esses eram locais privilegiados de sociabilidade masculina, e onde a bebida

⁴⁶ SANTOS, Mário Augusto. “Habitações em Salvador: fatos e mitos”. IN: BRESCIANI, S. (org.). *Op. Cit.*

sempre rolava solta. Mas, e as moradias? Por que essas brigas? E por que a sua incidência equivalia à das casas de jogo? A Tabela II, que localiza as ruas onde esses conflitos aconteceram, e a Tabela III, que mostra com que tipo de gente os capoeiras brigavam, agregam novos elementos que nos ajudam a responder as indagações acima.

TABELA II: Incidência e Ruas dos conflitos de capoeira nas freguesias do Pilar, Paço e Sé – 1908-1925

Pilar		Paço		Sé	
Rua	Nº	Rua	Nº	Rua	Nº
Cais Dourado	20	Baixa dos Sapateiros	8	r. do Saldanha	3
r. do Julião	3	Tabuão	7	r. Chile	2
Água de Meninos	1	r. do Paço	2	pça. Rio Branco	1
Cais do Carvão	1	Caminho Novo do Tabuão	1	lad. da Montanha	1
r. do Bom Gosto	1	lad. do Carmo	1	r. Maciel de Baixo	1
		r. das Flores	1	pça. Castro Alves	1
				r. da Ajuda	1
				r. das Laranjeiras	1
				r. do Colégio	1
				r. do Tesouro	1
				r. do Tijolo	1
				r. Rui Barbosa	1
				r. Visconde do Rio Branco	1
s/ informação	2	s/ informação	1	s/ informação	3
Total	28	Total	21	Total	19

Fonte: Como no gráfico I.

O primeiro aspecto a ser observado na Tabela II é que na Sé há uma evidente dispersão geográfica dos conflitos, enquanto que no Paço e no Pilar eles se concentram em três ruas – a Baixa dos Sapateiros, o Tabuão e principalmente o Cais Dourado. Tal dispersão parece relacionada às características da Sé. Habitada e freqüentada por grupos sociais os mais diversos, lá ocorreram conflitos com todo tipo de gente – marinheiros, policiais, indivíduos comuns, outros capoeiras e muitas mulheres. Estas contendas envolveram situações as mais diversas: desde agressões a transeuntes, cujo motivo não é claro até a invasão de uma casa onde o “*rancho do Robalo*” estava ensaiando, por um grupo de estivadores comandados pelo capoeira Antônio Américo dos Santos, vulgo Boca de Fogo ou Antônio Boca de Porco, que também trabalhava na estiva.⁴⁷ Segundo o *Diário de Notícias*, “*este homem desde que entrou começou a anarquizar a festa, tendo arrastado [a força] uma mulher para a sala*”. O dono da

⁴⁷ “*Rancho*” é nome dado à versão popular dos “*pastoris*” na Bahia. Seus componentes dançam e cantam nas casas em troca de dinheiro. Em geral os ranchos possuem alguns personagens tal como o mestre-sala que entra em combate com a figura principal que origina o nome do rancho. De acordo com Nina Rodrigues “*O rancho prima pela variedade de vestimentas vistosas [...], a música é o violão, a viola, o cavaquinho, o canzá, o prato e, às vezes, uma flauta; cantam os pastores e as pastoras por toda rua, chulas próprias da ocasião, as personagens variam e vestem-se de diferentes cores conforme o bicho, planta ou mesmo objeto inanimado que os pastores levam a Lapinha*”. RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. SP: Companhia Editora Nacional, 1976, pp. 68/78. Sobre os ranchos ver também: QUERINO, Manuel. *A Bahia de Outrora*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955 e RAMOS, Arthur. *O Folclore Negro do Brasil – Demopsicologia e Psicanálise*. RJ: Livraria da Editora da casa do estudante no Brasil, 1954.

casa se viu obrigado a chamar a polícia e Antônio Boca de Porco diante dos policiais prometeu se vingar. E como não foi preso, momentos depois, retornou com mais de cinquenta estivadores que atiraram no pessoal do “terno”.⁴⁸

TABELA III: Adversários dos capoeiras em conflitos ou Vítimas de suas agressões - 1908-1925

Adversários ou Vítimas	N.	%
indivíduos comuns	29	37
agentes da ordem	15	18
desordeiros	15	19
mulheres	10	13
capoeiras	8	10
menores	1	1
Total *	78	100

*Inclui apenas os conflitos que foi possível identificar as vítimas.

Fontes: Como no gráfico I

Como se pode observar na Tabela III, várias mulheres do povo, cuja ocupação nem sempre era possível identificar, foram vítimas da violência dos capoeiras e a maioria foi agredida na Sé. Umas eram companheiras dos seus agressores, outras trabalhavam como domésticas, mas a maioria parecia ser prostituta ou talvez simplesmente mulheres que não seguiam os padrões de conduta da moral burguesa daquela época. De qualquer forma muitas meretrizes fizeram desta freguesia sua morada. Na rua da Ajuda pelo menos em seis prédios – números 39, 42, 45, 47, 52 e 54 – residiam prostitutas.⁴⁹ Em março de 1912, por exemplo, o capoeira Bento Manuel do Bonfim, mais conhecido como Bento das Pedreiras arrombou uma porta nesta rua e espancou uma pobre mulher.⁵⁰

Segundo Nélia de Santana, a rua Rui Barbosa, também na Sé, era tradicionalmente ocupada por “mulheres de vida fácil”.⁵¹ Em 1920 na casa de número vinte e cinco desta rua, vivia uma mulher chamada pelo jornalista de “decaída”, companheira do capoeira apelidado de Carestia de Vida. No dia 9 de abril deste ano, o jornal *Diário de Notícias* publicou que há alguns dias atrás ele fora na casa dela e começou a espancá-la. Um guarda civil, que passava por perto ao ouvir seus gritos de socorro, intimou Carestia “... a deixar sua vítima [...]”. Mas ele não o obedeceu, o guarda então chamou o delegado Pedro Gordilho que acompanhado de

⁴⁸ *Diário de Notícias*, 19.11.1919. Apenas nesta notícia o “rancho do Robalo” é chamado de “terno”, a versão mais aristocrática dos “pastoris” na Bahia. Em todas as outras é denominado apenas de “rancho”. *Diário de Notícias*, 08 de novembro, dias 05, 07 e 13 de dezembro de 1910.

⁴⁹ SANTANA, Nélia. *A Prostituição Feminina em Salvador – 1900/1940*. Salvador: Dissertação de mestrado, UFBA, 1996, p.55.

⁵⁰ *Diário de Notícias*, 29.03.1912.

⁵¹ SANTANA, Nélia. *Op. Cit.*, p.99.

um outro soldado conseguiu prendê-lo. Ele resistiu à prisão, contudo mesmo assim foi conduzido à Secretaria de Polícia. No meio do caminho o capoeira para escapar da prisão tentou dar uma rasteira no policial, mas acabou caindo e ferindo a cabeça.⁵²

Uma outra rua desta freguesia que com frequência era denunciada pela imprensa como área de prostituição era a rua do Saldanha. Seus prédios de número 05, 13 e 15 eram habitados por tais mulheres, também chamadas de “mulheres de vida alegre”.⁵³ O que fazia com que seu movimento noturno fosse efervescente. Próximo a essas moradias, situado no número 12, estava o famoso “*botequim do Galinho*”, ponto de encontro e conflitos dos nossos personagens. Seu dono, que também era capoeira, se chamava Martiniano Gallo Magalhães, e seu apelido deu origem ao nome do bar.⁵⁴ No dia 12 de maio de 1915, este botequim foi batizado por um jornalista pela alcunha de “*bordel do Galinho*”, numa alusão explícita à prática da prostituição.⁵⁵ É possível que na parte superior deste estabelecimento houvesse alcovas onde as meretrizes recebiam seus clientes, ou que o nome se devesse simplesmente à reiterada presença de meretrizes no local. Este boteco era bastante conhecido pela imprensa e pelas autoridades policiais por ser um lugar de constantes desordens, algumas delas iniciadas pelo seu próprio proprietário. Nesse mesmo dia de maio, por exemplo, Galinho discutira com uma praça de polícia, disparando dois tiros contra o policial, que puxara o sabre para se defender. Galinho errou o alvo, mas ambos foram presos e o boteco fechado. Todavia em poucos dias tudo voltou ao normal, e o “*botequim do Galinho*” foi reaberto para alegria dos seus fregueses. No dia 08 de junho o *Diário de Notícias* anunciava de novo que Galinho entrara em conflito com uma mulher de nome Maria Júlia da Conceição neste mesmo local.⁵⁶

Essas brigas com mulheres explicam o aparecimento de moradias como locais de conflito. Quase todas eram casas de prostituição ou residência de meretrizes, e os conflitos se deram principalmente por três razões: repressão policial à prostituição, ciúmes e desentendimento entre capoeiras e “*rameiras*”. Alguns desses conflitos aconteceram na Sé. Esta incidência coincide com o percentual de contendas que se desenrolaram nas casas de jogo. A baixa incidência de brigas nas casas de tavolagens pode ser entendida em virtude da contratação de leões de chácara para fazer a segurança de tais casas. Sua função era impedir a entrada de bêbados, desordeiros conhecidos ou tipos suspeitos. Talvez isso explique porque nas muitas “*cumbucas*” da freguesia da Sé não foi registrada nenhuma briga envolvendo

⁵² *Diário de Notícias*, 09.04.1920.

⁵³ SANTANA, Nélia. *Op. Cit.*, pp.55 e 99.

⁵⁴ PASTINHA, Mestre. *Capoeira...*, *Op. Cit.*, p.24. *Diário de Notícias*, 29.12.1914.

⁵⁵ *Diário de Notícias*, 12.05.1915.

⁵⁶ *Diário de Notícias*, 08 de junho, 12 e 17 de maio de 1915.

capoeiras. Em geral o leão de chácara era um típico valentão que vivia no meio da desordem, com força e malandragem para evitar qualquer distúrbio que pudesse se propagar nestas casas, comprometendo os lucros de seu proprietário. Alguns capoeiras exerceram esta função, a exemplo de mestre Pastinha que foi segurança de uma casa de jogo quando ainda era menor de idade.⁵⁷

Ao contrário da dispersão vista na Sé, no Paço a maior parte dos conflitos de capoeira ocorreu em duas ruas principais: a Baixa dos Sapateiros e o Tabuão. Ambos locais de intenso movimento populacional. Na Baixa dos Sapateiros estavam o mercado Santa Bárbara e, como já visto, muitos outros estabelecimentos comerciais. Esta rua era também um lugar de passagem por ser uma “*espécie de intermediário entre a cidade-baixa e a cidade-alta*”. Por isso era eternamente cheia de gente que descia e subia nos bondes.⁵⁸

Ora, os principais adversários dos capoeiras em conflitos ou vítimas de suas agressões eram indivíduos comuns, como se pode notar na Tabela III. Alguns desses indivíduos foram atacados na Baixa dos Sapateiros, sendo que a maioria era proprietária de pequenos negócios. Como vimos no começo deste capítulo, o capoeira João Gulodice, por exemplo, que segundo a imprensa costumava agredir “*pessoas respeitáveis*” neste logradouro, e em 1910 tentou matar o dono do estabelecimento comercial “*A Camponeza*”, precisamente aí, na Baixa dos Sapateiros.

Na Baixa dos Sapateiros também havia casas de jogo que eram freqüentadas por capoeiras, a exemplo de Irineu Navarro Costa, vulgo Cou, e Bento das Pedreiras. Algumas das contendas de capoeiragem aconteceram nestes espaços, tal como na noite de terça-feira do dia 10 de abril de 1912, quando Cou foi preso e enviado para a Casa de Correção por ter brigado com um engraxate numa venda, localizada nesta rua, “*onde campeia forte jogatina*”.

59

Observando o mapa verifica-se que o Tabuão fazia fronteira com a rua Baixa dos Sapateiros e com a rua do Julião que se comunicava com o Cais Dourado.⁶⁰ Por esta íngreme ladeira circulava bastante gente que vinha da Cidade Baixa em direção à Baixinha e vice-

⁵⁷ CD – Mestre Pastinha eternamente. *Revista Praticando Capoeira especial*. Salvador: ed. D+J Ltda., n.4, 1999/2000.

⁵⁸ AMADO, Jorge. *A Bahia de Todos...*, *Op. Cit.*, p.59. É importante destacar que a Baixa dos Sapateiros, cujo nome oficial era rua Dr. J. J. Seabra, era uma avenida de longa extensão e passava por diferentes distritos (Sé, Nazaré e Paço), no entanto a maior parte dos conflitos envolvendo capoeiras nela ocorridos se desenrolaram na parte que pertencia ao Paço.

⁵⁹ *Diário de Notícias*, 11.08.1911 e 11.04.1912.

⁶⁰ Ver em anexo o mapa da cidade de Salvador.

versa. Durante o dia podiam ser vistos pequenos comerciantes, donas de casa, meninos e meninas de rua, trabalhadores do porto, dos quais muitos eram capoeiras como veremos adiante. Não foi por acaso, portanto, que o *Diário de Notícias* relatou que a cada dia crescia o número de “valentões” na ladeira do Tabuão. Narrava ainda, em tom pejorativo e repressor, que “*Não raro, sem ser preciso ir nos bairros distantes, em muitos dos quais a capoeiragem impera sem o menor corretivo, as desordens se dão registradas umas na imprensa, outras não*”. E além disso ressaltou que esta situação vinha de muitos anos, o que parece indicar que esta ladeira era uma área tradicionalmente freqüentada por capoeiras.⁶¹

Assim como na rua do Saldanha, no Tabuão havia também um botequim conhecido pelo seu endereço: o “*27 do Tabuão*”, onde se reuniam capoeiras, prostitutas, marinheiros e indivíduos vistos como desordeiros. Esse botequim era tão badalado e tinha tamanha má fama na imprensa que ganhou uma matéria inteira contando parte de sua história. Segundo o jornalista seu brilho podia ser comparado aos famosos botecos do Cais Dourado. Seu antigo nome era “*Botequim da Dorotéia*” e já existia há cerca de vinte anos. Somente com sua reinauguração em 1908 passou a receber o nome do seu endereço. Para esse boteco, também chamado de restaurante, se dirigiam pessoas vindas das ruas do Julião, do Cais Dourado, da Ladeira da Montanha e das Portas da Ribeira. De acordo com a mesma reportagem, desde a inauguração do novo Botequim, “[...] a polícia do Distrito da Rua do Passo não teve um só momento de descanso, mercê dos atentados que ali a miúdo se praticavam [...]”. No entanto raramente os ditos desordeiros recebiam mais do que uma “*prisão correcional*” pois recebiam proteção dos donos do bar e escapavam do flagrante fugindo pelos fundos do prédio.⁶² Neste prédio moravam a doméstica Isaura Maria do Sacramento, Isaura Maria da Silva, que como veremos depois foi amante do capoeira Pedro Mineiro, o negociante José Benedito de Carvalho e um dos proprietários do botequim, o português José Antônio de Carvalho.⁶³ Dentro do próprio botequim residia uma “*mulher de vida pública*” chamada Josefa Silva. Na noite de 12 de abril de 1910, Josefa foi apontada como o principal motivo do atentado sofrido por um indivíduo chamado Francisco Alves de Oliveira, cujos autores foram três marinheiros que invadiram o botequim armados de faca, pistola e navalha.⁶⁴

⁶¹ *Diário de Notícias*, 19.03.1919.

⁶² *A Bahia*, 21.06.1910. Prisão correcional era quando o indivíduo era mandado para a Casa de Detenção sem flagrante de qualquer delito, apenas por ordem policial. Em geral isso acontecia simplesmente porque a pessoa estava na rua “*vadiando*”.

⁶³ APEB, *processo crime* de Pedro José Vieira (réu). Ano 1910, códice 21/19/215.

⁶⁴ *Diário de Notícias*, 13.04.1910

De acordo com a imprensa os prédios de números 71, 42, 69, entre outros situados nesta rua, eram habitados por meretrizes. Com o objetivo de acabar com as constantes “*cenar de atentado ao pudor*” envolvendo prostitutas e capadócios, a polícia fechou o “27 do Tabuão”. Contudo a medida de nada adiantou, uma vez que tais cenas continuaram acontecendo. Os conflitos também não cessaram e, como afirmou o jornalista, o móvel de tais brigas eram as chamadas “*mulheres perigosas*”, tal como um grande conflito ocorrido na rua do Tabuão entre os capoeiras Patú, Bento das Pedreiras e Pedro Mineiro por causa das moradoras do prédio 71.⁶⁵

No Tabuão residiam também alguns capoeiras, a exemplo de Alfredo Martins Teixeira, conhecido pelo apelido de Caboclinho, que morava no prédio de número 24.⁶⁶ Caboclinho não media esforços ao desafiar e agredir praças de polícia, como no dia 23 de setembro de 1911, quando juntamente com outros dois colegas seus, Marinheiro e Diabo em Cinzas, espancou uma patrulha, “*rompendo as vestes dos policiais*”. Minutos depois um deles atirou uma pedra no subdelegado da Rua do Paço, atingindo-o em cheio.⁶⁷

Já no Pilar, o lugar que reuniu a maior parte dos conflitos de capoeiragem foi a rua do Cais Dourado ou, simplesmente, o “Cais Dourado”, denominação que designava toda a região onde estava situada a Praça do Ouro, com vários botequins e o Mercado do Ouro - importante espaço do comércio ambulante e de venda de produtos em atacado, especialmente farinha de mandioca e açúcar –⁶⁸ o que confirma a hipótese do pesquisador Frederico José Abreu de que este era “*um reduto muito forte de capoeira*” desde o final do século XIX.⁶⁹ Mas por que tantas brigas?

Observando a Tabela IV (abaixo), verifica-se que 17% dos capoeiras eram carregadores, 8% estivadores e 6% marítimos, percentuais que somados constituem 31% do total das ocupações exercidas pelos capoeiras. Cabe dizer que esses números são apenas indicativos, uma vez que muitos capoeiras realizavam mais de um ofício. De qualquer forma comparando nossos dados com as ocupações dos 49 capoeiras citados ao longo do manuscrito de mestre Noronha, percebe-se que quase 50 % se dividiam entre as seguintes ocupações: carregadores, estivadores, carroceiros e marítimos. Segundo ele nem todos trabalhavam

⁶⁵ *Diário de Notícias*, 18.05.1911.

⁶⁶ APEB, *processo crime* de Alfredo Martins Teixeira (réu). Ano 1915, código 28/02.

⁶⁷ *Diário de Notícias*, 27.09.1911.

⁶⁸ AMADO, Jorge. *A Bahia de todos ... Op. Cit.*, p.260 e Entrevista com Seu Antônio Eloi dos Santos (mestre Casarangongo), nascido no Rio Grande do Norte em 1910, realizada em agosto de 2003, Marechal Rondon / Salvador.

⁶⁹ ABREU, Frede. “A Capoeira Baiana no século XIX”. *Revista Iê, Capoeira*. SP, ano I, n.7, p.19.

exatamente no Cais Dourado, no entanto exerciam tarefas direta ou indiretamente ligadas à região portuária.⁷⁰ Mas o que interessa aqui é que das 20 contendidas de capoeiragem que ocorreram no Cais Dourado, 14 tiveram como atores capoeiras que eram carregadores e 6 envolveram um capoeira que era estivador.

TABELA IV: Ocupação dos capoeiras - 1908/1925

Ocupação	N.	%
carregador	9	17
estivador	4	8
peixeiro	3	6
marítimo	3	6
policia	3	6
engraxate	2	4
trabalhador em construção civil	2	4
trabalhador de ofício *	2	4
pequeno comerciante **	2	4
vendedor ambulante	1	2
empregado de casa de jogo	1	2
sem informação	21	40
Total	53	100

* A categoria “trabalhador de ofício” inclui as profissões de marceneiro e chapeleiro.

**A categoria “pequeno comerciante” inclui dono de botequim e dono de casa de jogo.

Fonte: *Notícias de jornal, processos crime* e COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, p.65.

Nesta região também aconteciam conflitos cujo epicentro eram mulheres, prostitutas ou não. Um exemplo foi a confusão que se passou na segunda-feira, dia primeiro de dezembro de 1913, por volta das três horas da tarde no cortiço da rua do Cais Dourado, número 14, onde morava a doméstica Maria Margarida da Conceição. Ao sair do trabalho Martins Silveira Lima, capoeira e pedreiro, mas que trabalhava como carregador, convidou seu companheiro de serviço Arestides José de Santana, também capoeira e carregador, para acompanhá-lo até o referido prédio a fim de visitar Maria Margarida. Aparentemente a briga começou porque Martins entrou no quarto de Margarida e a encontrou conversando com o capoeira Manuel Raymundo da Silva, que era marítimo, e Júlio Heleodoro, carregador e morador do mesmo prédio. Enciumado e nervoso, Martins foi logo dizendo que estava “*procurando uma presepada*” e em seguida completou “*daqui não saio, este quarto hoje me pertence*”. Maria Laudelina, também doméstica, ao ouvir o barulho chamou Maria Margarida para vir ao seu quarto. Nesse momento Martins pôs-se a insultar Margarida, que se retirava, e lhe perguntou: “*Por que você não trata homem bem?*”. Margarida tentava explicar que não havia lhe tratado mal ao mesmo tempo em que reclamava do seu comportamento. Foi quando Martins ameaçou agredi-la, dizendo: “*Não sei onde estou que não dou em você*”. De pronto ela, valentemente

⁷⁰ COUTINHO. *Op. Cit.*, pp. 34, 43, 50 e 65. Observe em anexo a lista de apelidos e ocupações de capoeiras construída por Mestre Noronha.

“respondeu que Martins não podia dar-lhe”. Depois disso Martins começou a provocar Manoel Raymundo. A briga terminou tomando grande dimensão e envolvendo outros indivíduos, todos capoeiras e carregadores.

Além de Martins, armado de “navalha” e um “canivete de marinheiro”, e Manoel Raymundo que parecia não querer confusão, estiveram no conflito Arestides, Júlio dos Santos Menezes, apelidado por Tico, e Gregório Bispo dos Santos. Os dois últimos residiam neste mesmo prédio. Tico era o único casado e o mais velho de todos, tinha 40 anos. Ao tentar acalmar os ânimos e desarmar Martins acabou gravemente ferido por Arestides que com uma faca de sapateiro agiu em defesa de seu companheiro e principal protagonista da desordem. Gregório que, tudo indica, nada tinha a ver com a briga, foi sem mais nem menos agredido por Arestides. Maria Margarida também foi ferida. No final três guardas com o auxílio de vários populares levaram todos para o posto policial da Sé, onde prestaram os devidos depoimentos ao chefe de polícia Álvaro Cova.⁷¹

Cenas como essa eram bastante freqüentes no universo das prostitutas em função das características próprias de sua profissão e dos seus relacionamentos afetivos.⁷² No entanto não parece ter sido essa a questão da história acima contada. Tudo indica que Martins gostava de Margarida e se sentiu trocado por Manoel Raymundo, o que podia ser entendido como fraqueza masculina frente à incapacidade de conquistar a mulher amada. Ao se ver desprezado e impossibilitado de exercer qualquer domínio sobre Margarida, Martins quis de qualquer forma arrumar briga. De acordo com o depoimento de Martins, a navalha que estava no bolso de seu paletó pertencia à Margarida. Não sabemos se o acusado estava dizendo a verdade. De qualquer maneira, vivendo num cotidiano permeado pela violência era comum que mulheres do povo carregassem consigo armas de defesa. Segundo Manuel Querino, certas mulheres traziam a navalha escondida no cabelo, na cintura ou no balaio. Outras usavam “instrumentos aviltantes e perigosos” tal como o “rabo de arraia”. Para aumentar a eficiência desse instrumento, os pescadores tinham o costume de pegar a arraia, cortar seu rabo no mesmo instante, e depois soltá-la de novo ao mar. Esta arma era tão violenta e usual que no século XIX a polícia entrevistou junto aos pescadores visando impedir a venda deste peixe cujo rabo podia fazer misérias. É interessante notar que “rabo de arraia” era também o nome de um dos golpes de capoeira.⁷³

⁷¹ APEB, *processo crime* de Arestides José de Santana e outros (réus). Ano 1913, código 215/24/09. *Diário de Notícias e Jornal Moderno*, 02.12.1913.

⁷² SANTANA, Nélia de. *Op. Cit.*, pp.13, 44 e 256.

⁷³ QUERINO, Manuel. *Op. Cit.*, pp. 246/7. Para saber mais sobre o rabo de arraia como movimento específico

Contudo não era apenas por causa de mulheres que os capoeiras entravam em conflito no Cais Dourado. Esta era uma área de intensa aglomeração humana, já que muitos se dirigiam para lá todos os dias à procura de trabalho. Acontece que uma importante característica das regiões portuárias é que a demanda para trabalhar variava muito de acordo com a quantidade de cargas a transportar, estivar, descarregar ou arrumar. Por isso não havia muitos trabalhadores fixos nos portos. A cada dia todos aqueles que quisessem trabalhar se agrupavam em horas pré-determinadas na “*parede*” e os encarregados das firmas selecionavam o número de indivíduos necessários ao serviço. Esse procedimento de contratação e utilização de mão-de-obra gerava uma forte competição por trabalho, fazendo com que fossem freqüentes as cenas de conflitos nestas regiões.⁷⁴ Em Salvador não era diferente e muitas das brigas envolvendo capoeiras se davam em virtude dessa disputa pelo mercado de trabalho portuário.

Uma das histórias contadas e presenciadas por mestre Noronha, que também trabalhou no cais do porto nessa época, é bastante ilustrativa dessa situação. Eram por volta das 7 horas da manhã, no cais do carvão quando dois capoeiras, Marco Pequeno e Simão Diabo, tiveram “*uma forte discussão ... na tiragem da parede para embarcar a bordo do navio inglês do carvão de pedra*”. A briga foi feia, pois segundo Noronha durou até as 14 horas e a polícia não teve coragem de desapartar. “*Principiou no cais do carvão foi terminar na Ladeira da Água Brusca, fechou a zona dos coqueiros de Água de Meninos e o Largo do Canto da Cruz*”. Os dois estavam armados de facão, e ao final ambos ficaram bem “*retalhados*”, e Marco Pequeno acabou perdendo o braço direito. Apesar desta violenta desavença eles eram amigos e “*quando tiveram alta do Pronto Socorro apertaram as mãos como compadres e então batizaram um o filho do outro*”. Não foi por acaso, portanto, ou apenas por preconceito que o *Diário de Notícias* afirmou que na Praça do Ouro “*ganhadores, carroceiros e saveiristas*”, ali reunidos por causa do trabalho, “*de quando em vez, ao correr das horas, entram em luta obrigada a tiro, cacete e faca*”.⁷⁵ No entanto nem todos os conflitos entre os trabalhadores do porto eram tão violentos, muitas eram rixas à toa, desavenças passageiras que aconteciam a

da capoeira ver: VIANNA, Antonio. *Quintal de Nagô e outras crônicas*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, UFBA, 1979, p.9.

⁷⁴ Parede era o local na faixa do cais ou nos seus arredores onde os trabalhadores eram escolhidos e os grupos de trabalho organizados. Para uma definição mais completa e uma análise das práticas de contratação da mão-de-obra e do processo de trabalho em regiões portuárias, ver: VELASCO e CRUZ, Maria Cecília. *Virando o Jogo: estivadores e carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 1998, capítulo II. Ver também, da mesma autora, o artigo “Solidariedade X Rivalidade: a formação do sindicalismo estivador brasileiro. *História Unisinos* (Dossiê Trabalho e Movimento Operário) São Leopoldo (RS): vol. 6, n^o 6, 2002, pp. 29-62.

⁷⁵ COUTINHO. *Op. Cit.*, p. 50. *Diário de Notícias*, 03.12.1910.

toda hora na “*parede*”, no mercado ou na chegada de algum navio. Tantas que Antônio Vianna ao se recordar dos capoeiras, descritos como o “*Pessoal da arrelia! Mestres desenganados da cabeçada (...). Valentes de fato! De dar e de tomar. Com as mãos. Com a cabeça. Com os peitos. Num giragira atordoante*”, afirmou, carregando nas tintas que chegou a assistir:

*[...] no Cais Dourado... a terríveis competições entre ganhadores e carroceiros. O local propiciava por estacionamento de veículos e carregadores. Surgia a desconfiança, por um nada. Fermentava o desejo da desforra. Estalava a primeira bofetada. A réplica violenta. Avolumava o curso do ódio, nos **avanços e negaças**. Duravam longos minutos essas refregas **às vistas gozadoras dos companheiros**, que não se envolviam para apaziguar.⁷⁶*

Neste relato de cena cabe chamar a atenção para um aspecto relevante. O cronista notou e narrou uma luta de capoeira talvez sem entender direito o que estava se passando. O público assistia a tudo naturalmente e se divertia. É que na realidade essas brigas eram uma espécie de costume local, um comportamento social, um jeito “esquentado” de ser.⁷⁷ Para esses homens reagir passivamente a um insulto qualquer era sinal de fraqueza. E como disse um velho capoeira que trabalhou como carregador no Mercado Modelo já na década de 1940, ser valentão significava: “*Você não levar desaforo pra casa*”.⁷⁸ E foi o próprio Vianna que continuando seu relato contou que com a chegada da polícia, “*os brigadores [...] punham-se em guarda contra o intruso*”.⁷⁹ Afinal a história era entre eles e ninguém de fora devia se meter. Se tudo corresse bem ao cair da noite os mesmos “*brigadores*” poderiam estar em alguma mesa de jogo, bebendo e jogando conversa fora como velhos camaradas de serviço e de farra.

É preciso enfatizar, no entanto, outros aspectos que uma análise excessivamente colada aos conflitos do banco de dados poderia obscurecer. O que as informações sobre conflitos não mostram é que a capoeira era também um tipo de divertimento popular, uma brincadeira e tinha muitos significados. Luta em diferentes situações, brincadeira de rua realizada nas folgas do serviço, nas festas de largo e até mesmo durante o trabalho. É mais

⁷⁶ VIANNA, Antônio. *Casos e Coisas da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984, p.133.

⁷⁷ Segundo Maria Cecília Velasco e Cruz esse aspecto contido nas entrelinhas do relato se refere a uma dimensão cultural geral das práticas sociais dos trabalhadores avulsos das regiões portuárias. V. VELASCO e CRUZ, Maria Cecília. *Virando o Jogo...*, *Op. Cit.*

⁷⁸ Entrevista realizada com Francisco de Assis (mestre Gigante), nascido no interior de Santo Amaro da Purificação em 1920, realizada em 01 de fevereiro de 2002 na sua casa no Engenho Velho da Federação, Salvador.

⁷⁹ VIANNA, Antônio. *Quintal de ...*, *Op. Cit.*, p.134.

uma vez o cronista Antônio Vianna que, de maneira um tanto quanto preconceituosa, narra uma cena mostrando como os trabalhadores do porto também encontravam espaço para o brinquedo em meio à labuta do dia-a-dia. Segundo ele

Aquela gente afeiçoada à tarefa estafante encontrava oportunidade para dar arras ao temperamento brincalhão. Ao intervalo de uma carreira sob o peso de sacos e fardos, virava-se ao corpo e lá se ia pelos ares na cabeçada de mestre, ou se estendia no solo ao golpe de rasteira. E, saltando num pé só, a desenhar piruetas, entrava por debaixo da carga e retomava a carreira.⁸⁰

A narrativa acima remete à forma como os carregadores trabalhavam coletivamente quando a carga a ser transportada era pesada demais. Enquanto quatro erguiam o fardo, um ou dois trabalhadores se colocavam em baixo dele para levá-lo na cabeça. Fora da região portuária, nos momentos de ócio do serviço, os carregadores também se entretiam a jogar capoeira especialmente em algumas praças localizadas na cidade alta, como se pode notar na notícia abaixo:

Na praça 15 de Novembro, na esquina do Instituto Histórico [Piedade] e no Cruzeiro de S. Francisco, reúnem diariamente indivíduos de ambos os sexos, carregadores e vendedoras de frutos e outros que são unicamente desocupados e beberrões, desenrolando um vocabulário licencioso demais.

A Capoeiragem entre os homens e o bate-boca entre as mulheres são o programa obrigado de todo dia, sem o menor recatamento às pessoas que por ali transitam, sejam senhoras ou crianças.

A isto podem ser reunidos os desatinos cometidos por uma súcia de garotos que joga a batedora, o búzio e, em lutas constantes, a pedra na cabeça do próximo. [...] A autoridade policial da Sé, fazendo patrulhar o local, dará diariamente que fazer à polícia na caça de tão nocivos elementos de desordens.⁸¹

Nesta notícia é claro e notório a maneira discriminatória com que a imprensa da época se referia aos meninos de rua, às vendedoras ambulantes e aos carregadores. Fica evidente também o preconceito existente em relação ao jogo de capoeira enquanto cultura de rua que fazia parte do cotidiano de homens, mulheres e crianças pobres. Mesmo quando ela era praticada como forma de brincadeira, um simples passatempo. A Praça 15 de novembro, também chamada de Terreiro de Jesus, em meados do século XIX já era considerada o campo preferido para a capoeiragem principalmente no dia de domingo de Ramos.⁸² Mas aqui a

⁸⁰ *IBIDEM*, p.24.

⁸¹ *Diário de Notícias*, 24.10.1911.

⁸² QUERINO, Manuel. *Op. Cit.*, p.74.

situação retratada era outra. Desde os tempos da escravidão, os ganhadores se reuniam e se organizavam em grupos – os cantos – nomeados segundo o local da cidade onde esperavam trabalho. Nas primeiras décadas do século XX, alguns desses locais continuaram a ser espaços de locação de serviço e ambientes de sociabilidade e brincadeira, tal como o Largo da Piedade.⁸³ Talvez o mesmo tenha ocorrido com o Terreiro de Jesus e o Cruzeiro de São Francisco. Enquanto descansavam e aguardavam o aparecimento de algum trabalho, os carregadores aproveitavam o tempo livre para se divertir e jogar capoeira.

Um outro grupo de trabalhadores que também se divertia jogando capoeira nos momentos de ócio eram os choferes. No dia 19 de março de 1922, o *Diário da Bahia* publicou uma notícia intitulada “*Não dormem... E não deixam dormir*”, em protesto à algazarra noturna feita por esses indivíduos. Segundo o jornalista na Praça Castro Alves “... *permanecem toda noite vários automóveis, que esperam os Habitues do Palace Club. Esses carros tem choferes e esse pessoal não dorme[...]. Gritam, fazem serenata [...]. Apostam corrida na ladeira de São Bento e praticam passos de capoeiragem*”. Esta matéria parece fazer alusão ao aspecto lúdico da capoeira baiana, sua mistura com a música e a brincadeira de rua. Esta não foi a primeira vez que um jornal se referiu a esta praça como espaço de capoeira. Anos antes, um outro jornal havia publicado uma matéria denunciando um grupo de cinco indivíduos que estava jogando capoeira à noite nesta mesma praça.⁸⁴

Infelizmente os jornais pesquisados quase nada revelavam sobre os aspectos culturais da capoeira. Seus movimentos, instrumentos musicais e cantigas não eram sequer mencionados. Segundo mestre Noronha neste período já havia inclusive rodas de capoeira, a exemplo de uma que aconteceu no ano de 1917, na Curva Grande do Garcia em frente ao “*baile da bisca*” - nome de vários jogos de carta.⁸⁵ Depoimentos orais de velhos capoeiras nascidos em Santo Amaro da Purificação também confirmam sua existência no Recôncavo Baiano especialmente em sua cidade natal e em Cachoeira. Contudo não há descrições minuciosas de como era a roda de capoeira. A primeira delas só foi escrita nos anos 30 por Édison Carneiro.⁸⁶

⁸³ REIS, João José. “De Olho no Canto: trabalho de rua na Bahia na véspera da Abolição”. *Revista Afro-Ásia*. Salvador: CEAO, n. 24, 2000, pp. 211, 214 e 234. Cabe dizer que neste artigo João Reis já levanta a hipótese de que os carregadores continuaram se reunindo nos mesmos lugares onde os cantos ficavam. Além do Largo da Piedade, a Baixa dos Sapateiros, a Praça do Ouro e o Largo Dois de Julho continuaram a ser lugares onde os carregadores aguardavam algum tipo de trabalho. Ver: COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, p. 65.

⁸⁴ *Diário da Bahia*, 19.03.1922 e *Diário de Notícias*, 03.01.1913.

⁸⁵ COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, p. 30.

⁸⁶ CARNEIRO, Édison. *Religiões Negras: notas de etnografia religiosa; Negros bantos: notas de etnografia religiosa e de folclore*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, pp.212/3.

De qualquer forma tudo indica que na República Velha os capoeiristas jogavam em grupo e num círculo, ou seja, na roda. Duas pessoas faziam seus movimentos no meio dela e os demais ficavam em volta observando, em geral cantando cantigas de capoeira, sendo que alguns também tocavam instrumentos musicais de corda e percussão, como veremos depois. Apesar disso não foi localizada nenhuma notícia sobre roda de capoeira. É que na realidade, raramente apareciam na imprensa baiana relatos sobre os costumes do povo. Em função disso os raros registros sobre a capoeira como forma de diversão foram aqueles em que a brincadeira terminou em briga. Em 05 de dezembro de 1918, por exemplo, o *Diário de Notícias* se limitou a informar que tanto nos bairros distantes como no Mercado Modelo, “onde a vadiagem é extraordinária, faz pouso a capoeiragem para seus divertimentos e os sambas são constantes, quase sempre acabando em conflitos”. Em 1909 este jornal havia publicado que “pela manhã divertia-se Miguel Ferreira dos Santos e Gregório de Tal em jogar capoeira quando Gregório armado de facão vibrou em Miguel um profundo golpe que o atingiu na região frontal...”.⁸⁷

De fato, certas vezes, o que começava como “mera brincadeira” podia ter um triste fim, contudo nem sempre tal acontecimento era proposital. Foi este o caso que se passou com Samuel da Calçada e Valeriano Domingos Ramos, vulgo Percê na travessa camponesa, situada no limite entre o Paço e a freguesia de Nazaré, ponto de encontro dos capoeiras, talvez por isso fosse também chamada de “Beco do Bamba”. Essa história foi narrada por Mestre Noronha, e segundo ele, os dois eram “... capoeiristas bastante unido desde meninos terminou sendo [um] compadre de batismo [do outro]”.⁸⁸ Todavia numa tarde de terça-feira do ano de 1913

[...] Valeriano... estava em companhia de Samuel ... passeando e pilheriando. Ao chegarem ao beco da Camponesa que fica entre a loja 'A Boroteia e o armazém 'Nova Lua' puseram-se os dois a brincar de capoeira. Samuel querendo fazer a troça mais ao vivo puxa de uma pistola e finge ir atirar em Valeriano. A pistola, porém tinha naturalmente o gatilho doce e disparou, indo a bala atingir Valeriano na região torácica. A vítima ao receber o tiro, caiu sobre o batente de uma porta do referido armazém, vindo falecer uns dois minutos após. Samuel vendo seu companheiro ficou aparvalhado, não tendo oposto a menor resistência junto ao sargento que, secundado por um guarda civil, o prendeu...⁸⁹

⁸⁷ *Diário de Notícias*, 05.12.1918 e 22.01.1909. Ênfase da autora.

⁸⁸ COUTINHO. *Op. Cit.*, p.51.

⁸⁹ *Jornal Moderno*, 14.03.1913 - “Por mero brinquedo”. Ênfase da autora. Ver também: *Gazeta do Povo e Diário de Notícias*, 19.03.1913, *Diário da Bahia*, 21.03.1913 e *Jornal de Notícias*, 18.03.1913. Segundo o *Diário de Notícias* Samuel alegou que não sabia que a arma estava carregada. Vale destacar que de todos os jornais citados apenas o primeiro apareceu a palavra capoeira.

Apesar dos jornalistas estarem muito mais preocupados com a violência que girava em torno do mundo dos capoeiras, sabe-se que este universo também era um espaço de alegria, de samba e de batucada. E como nessa época quase não havia ambientes fechados preparados antecipadamente para a realização da brincadeira, os capoeiras, mesmo correndo o risco de serem reprimidos, reuniam-se em largos, praças e ou vielas, de preferência um local que tivesse por perto um botequim onde se vendesse cachaça, para, ali ao ar livre, jogarem capoeira, compartilharem experiências, mostrarem que eram machos, e encontrarem suas mulheres.

De acordo com a tradição oral, o dia predileto para o brinquedo era o domingo, o que, como já vimos, não impedia que os capoeiras encontrassem tempo para vadiar mesmo durante a semana. É interessante notar que o termo “*vadiar*”, hoje adotado pelos capoeiras como sinônimo de sua arte, há muitas décadas já significava o ato de jogar capoeira tal como foi observado no *processo crime* do carregador Aggripino Marques de Oliveira. Nesta ocasião Aggripino foi preso por ter ferido com uma faca Olegário Pereira dos Santos, empregado da Higiene, quando este tentava desarmá-lo. Segundo as testemunhas tudo se passou no domingo, 31 de janeiro de 1915, na freguesia de Santo Antônio quando o réu e um outro indivíduo chamado Manuel João “*brincavam de capoeira*”. No seu depoimento Aggripino ao invés de dizer que jogava capoeira, falou simplesmente que estava “*vadiando no meio da rua com um rapaz cujo nome*” não sabia.⁹⁰

Ainda sobre a capoeira jogada próximo aos botecos, Waldeloir Rego escreveu que mestre Bimba, contemporâneo de Noronha e de Pastinha, lhe contou que nessas ocasiões “*a cachaça era a animação e os capoeiras em pleno jogo pediam-na aos donos das vendas, através de um toque especial de berimbau que eles já conheciam*”.⁹¹ De acordo com Jocélio Teles, a cachaça também estava presente em meio aos sambas, como “*elemento essencial nesses efusivos divertimentos*” contribuindo para “*a criação de relações sociais*”. Nesse sentido, beber alguns goles do “*espírito-forte*” devia “*ser entendido como um ato social*”.⁹² No caso da capoeira, a cachaça funcionava da mesma maneira, e com tanta frequência que o costume ficou gravado em uma antiga cantiga de capoeira:

⁹⁰ APEB, *Processo crime* de Aggripino Marques de Oliveira. Ano 1915, código 215/28/7. E. da autora.

⁹¹ REGO, Waldeloir. *Op. Cit.*, p.35/6.

⁹² “Espírito Forte” é o nome popular dado a cachaça. SANTOS, Jocélio Teles. “Divertimentos Estrondosos: Bataques e Sambas no século XIX”. IN: *Ritmos em Trânsito: Sócio Antropologia da Música Baiana*. SANSONE, Lívio e SANTOS, Jocélio Teles (orgs.). SP: Dynamis Editorial; Salvador, BA: Programa A Cor da Bahia e Projeto S. A. M. B. A., 1997, p.27.

[...]Ôi i ôi I
 Você tem cachaça aí
 Ôi i ôi i
 Você tem mais não qué dá
 Ôi i ôi i
 Ferro grande é meu facão
 Oi i oi i
 Dente de onça é morão
 [...]Ôi i oi i
 Você tem cachaça aí
 Ôi i oi i
 Você tem mas não qué dá.⁹³

A existência de registros desses cânticos antigos, bem como da presença do berimbau no meio da capoeira baiana, preservou a memória de dois aspectos fundamentais de sua ludicidade. Manoel Querino, em 1916, foi o primeiro a mostrar de forma um pouco romantizada que a capoeira na Bahia era “*dançada*” ao ritmo do berimbau e do canto entoado pelo tocador. Mas outros instrumentos musicais também foram mencionados pelos nossos informantes, tais como a viola, o cavaquinho, principalmente usados na capoeira do Recôncavo e da Ilha de Itaparica, e o pandeiro. Entretanto, foi o berimbau que apareceu na década de trinta como instrumento absolutamente indispensável às rodas.⁹⁴

Não obstante, mestre Pastinha também disse que o berimbau além de ser instrumento de musical, era “*instrumento ofensivo*”. Na “... *ocasião de alegria nós usamos como instrumento e na hora da dor, ele deixa de ser um instrumento pra ser foice de mão*”. Confirmando seu depoimento, Noronha escreveu – provavelmente se referindo aos capoeiristas do tempo da academia – que nem todos os capoeiras sabiam que o berimbau era também uma arma, mas avisa que esta só devia ser usada na hora necessária, “*para barulho*”, explicando que a defesa do capoeirista estava em suas mãos. Quando fosse preciso a verga do berimbau virava um cacete “*para defender e dar*”, e a vaqueta servia para furar e “*se defender do inimigo*”.⁹⁵ Pastinha contou que usava o berimbau de forma diferente:

[...] *no meu tempo eu usava também uma foicezinha do tamanho de uma chave, foicezinha com um corte e um anel pra encaixar no cabo, mas eu como era muito bondoso, muito amoroso, né, pra aqueles que quisesse me ofender, aí eu mandava*

⁹³ REGO, Waldeloir. *Op. Cit.*, pp. 102/3.

⁹⁴ QUERINO, Manuel. *Op. Cit.*, p.75. Édison Carneiro explicou que achou conveniente descrever detalhadamente o berimbau na primeira edição do seu livro *Religiões Negras – Notas etnográficas religiosa e de folclore*. (1936), porque até então pouco se sabia sobre tal instrumento fora da cidade de Salvador. Ver: CARNEIRO, Édison. *Folgedos Tradicionais*. RJ: Funarte / INF, 1981, p.121 e *Religiões Negras...*, *Op. Cit.*, p.212.

⁹⁵ CD de Pastinha anteriormente citado. COUTINHO. *Op. Cit.*, p.29.

*abrir outro corte nas costas, se eu pudesse eu mandava abrir outro mais, mas não podia, mandava abrir outro corte ficava dois corte e na hora desmontava o berimbau, encaixava a foice e aí eu ia manejar, não é? Porque o capoeirista tanto ginga como pulo, rodopia, rodopia como também ele sangra, como defende, o capoeirista tem a mentalidade pra tudo...*⁹⁶

Para nós, o berimbau é a própria metáfora da capoeira baiana. A capoeira, assim como o berimbau, era bastante mutável, estava entre o conflito e a brincadeira, entre as disputas no mercado de trabalho portuário, as brigas por causa de mulher, por valentia e o brinqueado nos largos, nos botequins e nas festas populares da cidade. Neste sentido ele pode ser entendido como uma espécie de síntese da capoeira de Salvador que ao mesmo tempo em que podia salvar ou tirar vida de um homem, podia também fazer a alegria das rodas e dos folguedos.

Mas os folguedos lembram a festas, e as festas populares da Bahia ficaram tradicionalmente conhecidas como ocasiões em que os capoeiras se reuniam para fazer sua brincadeira. Muitas delas são lembradas por Mestre Noronha porque ele e outros mestres tinham por costume realizar nessas ocasiões uma “*grande roda de capoeira*”. Entre eles estavam os capoeiras Percílio, Lúcio Pequeno, Euthíquio das Maiadas, e alguns dos personagens da nossa história: Chico Três Pedacos, Feliciano Bigode de Seda, Antônio Galindeu, Antônio Boca de Porco, etc. As festas citadas por Noronha foram: a festa do cachimbo (Cais do Porto), da Conceição da Praia, de Santa Bárbara – padroeira do mercado da Baixa dos Sapateiros – a festa das Tabaroas (Barra), da Cabiceira (Ponte de São João Cabrito situada no subúrbio), de Yemanjá (Rio Vermelho), a festa de São Nicodemos (localizada, primeiramente, na feira do Sete e depois transferida para o Cais do Porto), de Santa Luzia (Cais Dourado) e a tradicional Festa do Senhor do Bonfim (Ribeira).⁹⁷

Seu Manuel, hoje com seus 98 anos, criado junto com filhos de ex-escravos no antigo engenho da Cruz, em Iguape (Cachoeira), contou-nos numa entrevista que apesar de não gostar de dançar, apreciava a festa de 13 de maio, por ele chamada de “*festa dos escravos*”, que era realizada naquele vilarejo do Recôncavo. Segundo ele nesta festa tinha capoeira, samba de roda e batuque.⁹⁸ Mestre Gigante nascido em 1920 disse que no seu tempo de

⁹⁶ CD de Pastinha citado.

⁹⁷ COUTINHO. *Op. Cit.*, pp.19/21.

⁹⁸ Entrevista realizada com Manuel Araújo Ferreira, nascido em 1904 em Tanquinho de Feira de Santana, realizada em outubro de 2002 em sua residência na Lagoa do Abaeté, Salvador. Agradeço a Walter Fraga Filho a indicação deste informante. O batuque, também chamado de “*batuque boi*”, era uma luta praticada nas cidades de Santo Amaro, Cachoeira e Salvador ao som de cantigas acompanhadas de berimbau, pandeiro e reco-reco; uma espécie de “*modalidade primitiva de capoeira*”, como escreveu Luís Câmara Cascudo. O principal objetivo dos lutadores é derrubar um ao outro enquanto sambam. Ver: CASCUDO, Luiz C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. RJ: Instituto Nacional do Livro – Ministério da Educação e Cultura, 1962, pp. 105/6 e CARNEIRO,

menino também veio “conhecer [capoeira] em Santo Amaro [da Purificação], 13 de maio, dia dos negros” quando o povo “formava a roda na margem do rio, aquela roda, aquela festa [...]”, contava entusiasmado.⁹⁹

Em Salvador, nesses dias festivos, os capoeiras se vestiam de forma elegante. Substituíam o “lenço vermelho grande de desenhos berrantes” dos dias comuns pela “gravata frouxa esvoaçante”. Usavam chapéu de lebre jogado de lado e calça boca larga, tipo pantalona, talvez para esconder a navalha dentro do sapato. Vianna acrescenta que eles também vestiam “casaco de casimira azul” e “botina de oleado de bico de faca”. Vestimenta por ele denominada de “traje domingueiro”, provavelmente, porque costumava vê-los andando dessa mesma maneira aos domingos pela cidade.¹⁰⁰

Uma outra festa que não apareceu nos manuscritos de Noronha, porque terminou em torno de 1908, um ano antes dele nascer, mas que também era um espaço de capoeira foi a festa das escadas, considerada pelo cronista Antônio Vianna “uma das mais formosas e famosas tradições desta terra”. Esta festa foi sepultada “como sepultados ficaram os guindastes, os frades de pedra, as escadas de pedra, de ferro, e de madeira” que, como já vimos, ficavam ao longo do velho cais de Salvador. Vianna, quando menino, gostava de se enfiar no meio dessas festividades porque na verdade, não era uma festa só, eram vários folguedos que aconteciam nas proximidades das escadas do antigo cais. Tudo começava na primeira sexta-feira de agosto e terminava na primeira de novembro. Segundo o cronista “cada escada possuía seus trabalhadores e simpatizantes” e todos contribuíam para a concretização do “brinquedo”, inclusive os proprietários das casas comerciais que ajudavam financeiramente ao folguedo de sua escada favorita. Um desses negociantes era o dono do Trapiche Julião, “incofundível” por sua insuperável animação. Seu nome era Antônio dos

Passos Cardoso, “homem de haveres e cultivador do atletismo, indo da capoeira à maromba de muitos quilos, da corrida de resistência ao fincapé e bate-coxas”. A festa também tinha seu caráter religioso. Os saveiros iam até o Bonfim ou à igreja de Monte Serrat para a celebração da missa. Depois disso, os romeiros seguiam para Ribeira de Itapagipe “onde faziam sambas e rodas de batuque durante o dia”. Cada festa durava de três a quatro dias, e a última era a da grande escada de pedra do Cais Dourado. Esta festividade era dirigida pelo

Édison. *Religiões Negras...*, Op. Cit., pp. 221/4.

⁹⁹ Entrevista com Francisco de Assis (Mestre Gigante) anteriormente citada.

¹⁰⁰ VIANNA. *Quintal de Nagô...*, Op. Cit., p.8, QUERINO. Op. Cit., p.75. Sobre o assunto, ver: COUTINHO. Op. Cit., p.60 e CD de Mestre Pastinha já citado.

“*popular saverista*”, Silvano Arthur de Oliveira, mais conhecido como Silvano Lamite “*corrutela de dinamite*”. Lamite era um famoso capoeira, “*respeitado até pela polícia pelos seus foros de valentia*”. Em frente a essa escada era armado um palanque para danças e músicas. “*A área destinada ao samba, ao batuque e à capoeira recebia gradeado de madeira, a fim de evitar a invasão de intrusos*”. Talvez esta fosse uma medida para impedir que qualquer barulho atrapalhasse a alegria da brincadeira.¹⁰¹

Depois dos folguedos das escadas, entre os dias 8 e 13 de dezembro acontecia a festa de Santa Luzia que também tinha como palco a região do Cais Dourado, pegando desde a rua do Julião, passando pela Praça do Ouro, indo até os Coqueiros de Água de Meninos. Mas a festa religiosa oficial acontecia na Igreja do Pilar e suas atividades eram divulgadas na imprensa: missa, orquestra, bandas de música formada por integrantes da polícia, queima de fogos, etc. Os jornais não publicavam que manifestações culturais típicas do povo também faziam parte da programação da festa. Noronha contou que nesta ocasião tinha “*todos os dias capoeira samba batuque e candomblé*”.¹⁰²

A festa do Bonfim, que acontecia na primeira semana de janeiro, trazendo gente de todas as partes da cidade, muitos vindos do Cais Dourado, conduzidos nas gôndolas que de lá partiam até a ladeira do Bonfim, também não podia deixar de contar com a presença de capoeiras e sambistas que com suas violas, pandeiros, cavaquinho e berimbau animavam o Largo da Ribeira, o Largo do Papagaio, e a festa como um todo.¹⁰³

¹⁰¹ VIANNA. *Quintal de Nagô...*, *Op. Cit.*, p.23/7. Lamite é um dos capoeiras citados nos manuscritos de Mestre Noronha. Ver: COUTINHO. *Op. Cit.*, p.65.

¹⁰² *Diário de Notícias*, 10.12.1918. COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, pp.36/7. Mestre Noronha relatou que nesta festa havia muito “*barulho por falta de entendimento dos capoeiristas e sambistas e batuqueiros e outras pessoas*”, contudo não localizamos nenhuma notícia de conflito envolvendo capoeira neste dia. Sobre a definição de batuque ver nota 98.

¹⁰³ QUERINO, Manuel. *Costumes Africanos no Brasil*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, FUNARTE, 1988, pp.210/20 e *A Bahia de Outrora...*, *Op. Cit.*, pp.143-156.

Cabe dizer, no entanto, que não era apenas para comemorar e se divertir que os capoeiras freqüentavam festas profano-religiosas. Alguns personagens ficaram famosos por arrumarem confusão em tais festejos. Um desses tipos populares foi descrito por Carlos Torres em seu livro *Vultos, Fatos e Coisas da Bahia*, seu nome era Júlio Bugar, “capoeirista afamado e terror da zona da Saúde”, que morava no Beco dos Nagôs (Bairro da Glória). Era negro, de estatura baixa, simpático e tinha as “pernas em formas de aspas” o que fazia com que o povo o chamasse pelo apelido de Alicate. Tinha por costume vestir calça de boca larga, e freqüentar as festas religiosas e populares da Igreja da Glória. Quando estas acabavam em barulho, era Bugar o principal autor do motim, que muitas vezes fazia a polícia recuar, como se fosse o “tutú da zona”. Júlio Bugar também foi apontado como um dos capoeiras que provocava desordem nas comemorações de Santa Luzia.¹⁰⁴

A relação entre capoeiragem e festas populares não é um fato exclusivo de Salvador. Segundo Soares, ao longo do século XIX, também era freqüente a aparição das maltas de capoeira nas festividades pública do Rio de Janeiro. Nesses momentos de grande concentração popular os capoeiras não perdiam a oportunidade para exibirem suas habilidades, especialmente os novatos. Além disso, aproveitavam esses festejos para resolver suas desavenças que em geral acabavam em conflitos.¹⁰⁵

Estamos chegando ao fim deste capítulo. Mas antes de terminá-lo, cabe observar mais de perto os capoeiras de Salvador. Quais eram suas características pessoais? Onde e quando nasceram? Qual o seu grau de instrução e quais as suas ocupações? Em que freguesias moravam? No quadro abaixo traçamos o perfil de um total de 27 capoeiras, muitos deles encontrados nas notícias dos jornais. Todos homens, o que mostra que de fato a capoeira era predominantemente masculina, apesar de algumas poucas mulheres terem sido lembradas em memórias de antigos mestres e registradas na tradição da capoeira, a exemplo de Maria Homem e Chicão, companheira de Pedro Porreta.¹⁰⁶

Ver Quadro sobre o perfil dos capoeiras no final deste capítulo

¹⁰⁴ TORRES, Carlos. *Vultos, Fatos e Coisas da Bahia*. Bahia: Imprensa Oficial, 1950, pp.102/3 e 122/3.

¹⁰⁵ SOARES, Carlos Eugênio. “Festas e Violência: os capoeiras e as festas populares na corte do Rio de Janeiro (1809-1890)” IN: *Carnavais e outras F(r)estas – Ensaios de História Social da Cultura*. CUNHA, Maria Clementina (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2002, p.285. Sobre a relação entre a capoeiragem e festas populares no Pará ver: LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *Deixai a Política da Capoeiragem Gritar. Capoeira e discursos de vadiagem no Pará republicano, 1888-1906*. Salvador: Dissertação de Mestrado, UFBA, 2002.

¹⁰⁶ PASTINHA, Mestre. *A Herança de Mestre Pastinha..., Op. Cit.*

Como se pode ver, a maior parte dos capoeiras possuía um apelido. Alguns apelidos se referiam à naturalidade, ao local de nascimento, trabalho ou moradia do indivíduo, tal como Samuel da Calçada, Patú das Pedreiras, etc.; outros parecem se remeter à cor do capoeira, a exemplo de Caboclinho; mas muitos ressaltavam as características típicas do homem “macho” e “valentão” – a virilidade, a agressividade, a violência e o poder de sedução – como, por exemplo, Pedro Piroca, Pedro Porreta, Inocêncio Sete Mortes e Feliciano Bigode de Seda, que não é mencionado no quadro por falta de outras informações.¹⁰⁷ Um outro aspecto curioso em relação aos apelidos é que as mulheres, acima citadas, tinham alcunhas com conotação de macheza o que reforça a idéia de que a capoeira era identificada com a cultura masculina.

A maioria dos capoeiras listados nasceu entre as duas últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do século XX, e quase todos no estado da Bahia. Quatro eram do Recôncavo Baiano (três da cidade de Santo Amaro da Purificação e um de Conceição de Almeida), dois nasceram em Feira de Santana, um numa cidade não identificada do Sertão e outro em Salvador. Apenas dois eram de outro estado, um de Ouro Preto (MG) e o outro de Santos (SP). Quer isso dizer que a capoeira era enraizada por toda a Bahia já desde o início do século XIX? Difícil afirmar. Mas uma coisa é certa. No período estudado, as ruas de Salvador eram palco de arruaças e brincadeiras contínuas de capoeiras, o que indica que esta era uma prática cultural local.

Na nossa amostra identificamos a data de morte de apenas sete capoeiras – Tibiriri (1911), Percê (1913), Caboclinho (1915), Pedro Mineiro (1915), Arestides de Santana (1916), Inocêncio Sete Mortes (1922) e Besouro Mangangá (1924) - os quais tinham entre 20 e 40 anos. Todos foram drasticamente assassinados, alguns por vingança, outros por tentarem desapartar uma briga e um por provável acidente numa brincadeira de capoeira. Tudo indica que o enterro destes homens era uma ocasião propícia a conflitos cujos atores eram em geral outros capoeiras e mulheres que tinham algum vínculo afetivo com o falecido. Para manter a ordem, chegava ser costume mandar uma tropa da cavalaria acompanhar tais enterros.¹⁰⁸ Isso

¹⁰⁷ COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, p.65. Segundo mestre Noronha Feliciano Bigode de Seda trabalhava como carregador no Cais do Ouro. Sobre outros apelidos, ver, no apêndice A, a lista de nomes de todos os capoeiras localizados na imprensa e também, em anexo, a lista de apelidos de capoeiras construída por Mestre Noronha em seu manuscrito.

¹⁰⁸ *Diário de Notícias*, 02.01.1911 e 18.12.1915. *Jornal Moderno*, 18.03.1913. *A Tarde*, 18.12.1916. APEB, *processo crime* de Inocêncio Firmino de Souza (vit). Ano 1922, código 195/ 02/05. Arquivo Municipal de Santo Amaro da Purificação, Manoel Henrique “Besouro”. *Seção Judiciária* – Data limite C 1920-1927 – Sub. Série Tentativa de Homicídio, código 4-104/vol18. Sobre o enterro de alguns capoeiras ver: *Diário de Notícias*, 04 de janeiro de 1911, 22, 24, 26, 30 de agosto de 1911. *A Tarde*, 16.01.1915.

parece indicar que a rivalidade era forte entre os capoeiras, embora, com os dados reunidos, não seja possível dizer se esta rivalidade era individual ou grupal.

Quase todos os capoeiras citados moravam em Salvador, menos Manuel Henrique Pereira, o famoso Besouro de Mangangá que residia em Santo Antônio do Rio Fundo, vilarejo de Santo Amaro da Purificação. O maior número de moradias de capoeiras encontrado se concentrou na freguesia de Santo Antônio. Em segundo lugar ficou o Pilar e em terceiro o Paço e a Sé, em quarto Penha, Brotas e Mares, e por último Paripe, São Pedro, Conceição da Praia e Vitória. Isso mostra que a maioria dos capoeiras morava de forma dispersa em diversas freguesias, vivendo por toda parte. É interessante notar que alguns capoeiras costumavam arrumar confusão nas próprias freguesias onde residiam, a exemplo de Caboclinho, João Gulodice e Antônio Boca de Porco, entre outros.¹⁰⁹

Com relação ao grau de instrução, a maior parte dos capoeiras era analfabeta, mas nove sabiam ler e escrever. Entre estes, havia um número maior de indivíduos habilitados para realizar algum ofício, fosse em mecânica, carpintaria ou construção civil. No meio destes havia um capoeira que apesar de ser pedreiro, trabalhava como carregador, ou por estar desempregado, ou por simples escolha, uma vez que o trabalho de rua tinha certos atrativos. É importante apontar que apesar de não ser a regra, entre os capoeiras analfabetos também havia alguns indivíduos que exerciam uma atividade especializada e outros que eram donos de um pequeno negócio. Porém a maioria era trabalhador braçal, como os carregadores, estivadores, engraxates, etc. O baixo nível de instrução de grande parte dos nossos personagens e a instabilidade de trabalho podem explicar porque muitos capoeiras realizavam diferentes tipos de serviço. Esta era uma forma de lidar com as dificuldades da vida. Um dos capoeiras que mais se destaca pela sua multiplicidade de ocupações é José Albino dos Santos, vulgo Zebedeu. Ele era sapateiro, trabalhou como vigia das obras do porto, foi policial e capanga. Outro exemplo desse fato é o próprio mestre Noronha que não está relacionado na tabela. Noronha foi engraxate, estivador, doqueiro, ajudante de caminhão, e carregador de canto.¹¹⁰ Além de Zebedeu, outros capoeiras trabalharam como agentes da ordem. Dentre eles a maioria era policial, mas também exercia a função de capanga; apenas um foi soldado do exército.

¹⁰⁹ Ver, no apêndice B, quadro com os nomes dos capoeiras que mais entravam em conflito e as principais freguesias de atuação.

¹¹⁰ COUTINHO. *Op. Cit.* p.34.

Infelizmente não foi possível descobrir a cor de todos os nossos personagens. No entanto, é importante destacar que entre todos os capoeiras cuja cor foi identificada a maioria era negra, e os demais se dividiam igualmente entre pardos e mestiços. Sabe-se que a classificação da cor é bastante relativa, a exemplo do capoeira Arestides de Santana que num mesmo *processo crime* foi descrito como mestiço pelo médico legista, enquanto que na sua ficha individual constava ser ele de cor preta.¹¹¹ Numa outra fonte, Arestides foi considerado mais uma vez um homem negro.¹¹² De qualquer forma, em nossa amostra não havia brancos, o que diferencia Salvador do Rio de Janeiro, cidade na qual alguns historiadores já acharam muitos imigrantes europeus no meio da capoeiragem.¹¹³ O fato de não termos encontrado capoeiras brancos, não quer dizer, todavia, que brancos, e até brancos da elite, não pudessem jogar capoeira em Salvador. Segundo mestre Pastinha vários estudantes universitários aprendiam capoeira nas repúblicas estudantis que ficavam próximas aos locais de capoeiragem na freguesia da Sé.¹¹⁴ Contudo, mesmo que alguns códigos culturais da capoeira tenham entrado no universo das elites, é possível afirmar que durante a República Velha a capoeiragem baiana era uma manifestação de rua predominantemente popular e com fortes elementos da cultura negra.

A começar pela forte ligação de alguns capoeiras com o candomblé, a exemplo do estivador Argemiro Manuel dos Santos, mais conhecido no porto pelo apelido de Argemiro Olho de Pombo, que era negro e filho de uma famosa mãe de santo.¹¹⁵ Mestre Bimba que também era negro e estivador, ocupou, até seus vinte anos, o importante cargo de “ogã-alabê” – ogã encarregado de tocar o atabaque – num candomblé de caboclo situado no Engenho Velho de Brotas, lugar onde Bimba nasceu e foi criado.¹¹⁶ Além disso, sua vigésima primeira mulher, como ele próprio contava, dona Alice Maria da Cruz, com quem viveu cerca de 40 anos, era mãe de santo.¹¹⁷ O candomblé fazia parte do cotidiano dos estivadores e dos demais trabalhadores do cais do porto. De acordo com as memórias de velhos estivadores de Salvador

¹¹¹ APEB, *processo crime* de Arestides José de Santana e outros já citado.

¹¹² *A Tarde*, 18.12.1916.

¹¹³ SOARES, Eugênio. *A negregada instituição...*, *Op. Cit.*, pp.153-161. BRETAS, Marcos Luiz. “A queda do império da navalha...”, *artigo citado*, pp.241/2.

¹¹⁴ PASTINHA, Mestre. *A Herança de...*, *Op. Cit.* De acordo com os relatos de Manuel Querino, estas pessoas aprendiam “[...] *exercícios de capoeiragem [...] como um meio de desenvolvimento e educação física [...]*” e eram denominadas pelo cronista de “*amadores*” por não possuírem características típicas dos capoeiras de rua. Ver: *QUERINO. A Bahia de Outrora...*, *Op. Cit.*, pp.74/5.

¹¹⁵ COELHO, Heliogábal Pinto. *O Histórico da Estiva. Um relato de 1912 até os dias atuais*. Salvador: Sindicato dos Estivadores e dos trabalhadores em Estiva de Minérios de Salvador e S. Filho, s/d., p.12.

¹¹⁶ ITAPOAN. *Bimba: o perfil do mestre*. Salvador: UFBA, 1982, p.15.

¹¹⁷ SODRÉ, Muniz. *Mestre Bimba, corpo de mandinga*. RJ: Manati, 2002, p. 94.

“*tudo na estiva era resolvido na base do candomblé*”, principalmente casos de doença.¹¹⁸ Mas a ligação dos capoeiras com os rituais do candomblé não estava restrita ao universo dos estivadores e à região portuária como um todo. O capoeira Hilário Chapeleiro, que trabalhava no Tabuão, por exemplo, era pai de santo.¹¹⁹ As próprias festas populares de Salvador onde mestre Noronha e outros capoeiras faziam uma grande roda para a vadiação, eram também ocasiões de candomblé, samba e batuque. No dia-a-dia da cidade todos esses elementos culturais aparecem de forma entrelaçada, como já vimos.

No meio rural não parecia ser diferente, como podemos perceber nas histórias contadas por Seu Manuel sobre sua vida no engenho da Cruz. Logo no começo da nossa entrevista, seu Manuel destacou que ia “*contar histórias de gente que foram escravo e morava por lá*”; na realidade as histórias eram de filhos de escravo, e de um ou outro ex-escravo já bem velhos. Ele nos disse que desde menino assistia todas as brincadeiras e rituais realizadas por esta família. Contou por exemplo que “*samba de roda tinha demais, cada qual saía dando sua ripizada da forma que queria*”, enquanto descrevia o que via, às vezes Seu Manuel parecia confundir roda de samba com batuque e capoeira, mas quando pedíamos que explicasse as diferenças entre cada um dos folguedos, dizia num primeiro momento meio irritadiço: “[...] *era a mesma coisa, mesma coisa*”! E quando começava a descrevê-los mostrava o quanto estavam de fato muito próximos. Primeiro por causa da música, da presença do lúdico, dos movimentos de corpo. Além disso, tanto o samba, como a capoeira e o batuque eram realizados na roda e em grupo. Contudo aos poucos seu Manuel mostrava que havia diferenças. Quando falou da capoeira, por exemplo, a primeira coisa que disse foi: “*É, tocava berimbau*”, depois fez uma pequena distinção entre o berimbau de antigamente e o berimbau de hoje.¹²⁰ E ao diferenciar a capoeira do batuque frisou que “*era coisa separado*” e completou que o batuque “*era uma roda parecendo roda de samba*”. Neste mesmo engenho, Seu Manuel assistia também rituais típicos de candomblé. A exemplo de dona “*Andrelina, essa foi escrava mesmo*”, afirmava, que fazia “*uma coisa dessa assim*” e “*dizia ela que era obrigação, não sei o que reza pra num sei quem, matar bode pra beber sangue de bode com mel*”. Ele preferia “*ficar de fora [...] sempre de fora*”. Seu Manuel, apesar de ser um mero

¹¹⁸ COELHO, Heliogábal Pinto. *Op. Cit.*, p. 48.

¹¹⁹ COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, p. 65.

¹²⁰ Segundo ele o berimbau de antigamente era menor do que os berimbaus atuais e no lugar do arame, havia um cipó, “*cipó de Imbé*”. Vale lembrar que o berimbau também era um instrumento musical do batuque, ver nota 98.

agregado, era um homem branco e católico, o que o diferenciava de dona Andrelina e seus descendentes. Tais costumes lhe eram estranhos e era como observador externo que ele fazia questão de se colocar. Quando indagado se era só negro quem jogava capoeira, fazia batuque e samba de roda, de pronto respondeu “*Não, [também tinha] mulato [...]*”.¹²¹

Nas histórias de vida dos velhos capoeiras, não é raro existir um pai ou padrasto que era bom de batuque, tocador de samba de roda ou uma mãe que era “ialorixá”, quando não era o próprio capoeira que também era do batuque, do candomblé e que gostava de samba de roda. Exemplos disso são Mestre Bimba, Argemiro Olho de Pombo e Gerson Quadrado, todos negros. O pai de Bimba era batuqueiro, o padrasto de Argemiro Olho de Pombo, Silvério, era um estivador bastante respeitado e conhecido nos meios de batuque e samba de roda, e toda a família de Gerson Quadrado, o mais jovem dos três, hoje com seus 78 anos de idade, gostava de samba. Seu pai era capoeira e “*mestre sala de rancho*”, onde a batucada corria solta. O próprio Gerson Quadrado, além de capoeira, acabou se tornando um grande tocador de berimbau e de samba de roda.¹²²

Pode-se dizer, portanto, que capoeiras, batuqueiros, sambistas e candomblezeiros faziam parte de uma mesma “família cultural”, era tudo “coisa de preto, de escravo”, como mostra o relato oral de Mestre Pastinha. Para nós, sua fala consegue sintetizar de forma perfeita essa mistura cultural, especialmente no que diz respeito à relação da capoeira com o candomblé. Segundo ele a capoeira

*[...] vem da mesma religião que vem o candomblé, tem um batuque, tem um samba, ela tem a mesma parcela, é da mesma parcela. Agora com uma modificação, um pouquinho diferente, o manifesto é um pouquinho diferente, mas a parcela é a mesma, [...] O capoeirista é o mesmo feiticeiro, mas ele abandona uma parte por outra. Nós acompanhamos o feiticismo, nós não ia, mas nós somos... é da mesma parcela. [...] Agora um que gosta mais de uma finalidade do que da outra [...] Um corre mais pra o capoeirismo e outro corre para o feiticismo.*¹²³

¹²¹ Entrevista com Seu Manuel anteriormente citada.

¹²² PIRES, Antônio C. Liberac. *Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá – Três personagens da Capoeira Baiana*. Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafset, 2002, p.36. COELHO, h. Pinto. *Op. Cit.*, p.12. Entrevista realizada com Gerson Francisco da Anunciação (mestre Gerson Quadrado) nascido na Gamboa, Ilha de Itaparica em 1925, realizada no dia 28 de novembro de 2002 na pequena varanda de sua casa em Mar Grande, Ilha de Itaparica.

¹²³ Entrevista realizada em 1964 por uma antropóloga da Finlândia, cujo nome não foi identificado, na academia de mestre Pastinha, Pelourinho, Salvador. Acervo particular de Frede Abreu. Agradeço ao Mestre de capoeira Cobra Mansa pelo acesso à fita gravada.

Interessante essa relação feita da capoeira com a feitiçaria. Voltaremos a ela mais adiante. De fato, não há como negar que a capoeira baiana tenha sido uma manifestação popular de resistência da cultura negra, que até hoje pode ser entrevista nas rodas de capoeira, desde o momento que o jogador se abaixa no pé do berimbau pedindo proteção aos seus orixás, até a mistura do som de cada um de seus instrumentos musicais com as cantigas que remetem ao tempo da escravidão. No entanto a capoeira não pode ser vista apenas através desta perspectiva. Afinal, como acabamos de ver, os capoeiras não só entravam em conflito com a polícia, como também agrediam mulheres do povo e indivíduos comuns. Na disputa por serviço, brigavam entre si e com outros trabalhadores, negros e mestiços como eles. Mas não é só isso. O nosso quadro com o perfil dos capoeiras também revela que alguns deles foram capangas e trabalharam como agentes da ordem. Por outro lado, é importante observar que 26% dos atores das notícias de desordens em geral eram agentes da ordem – soldados do exército, guardas civis e policiais militares.¹²⁴ Estes dois últimos aspectos merecem ser aprofundados. Por que tantos indivíduos envolvidos em desordens exerciam a profissão de agentes da ordem? De que forma a ordem se comunicava com a desordem? Estaria a desordem por toda parte? E afinal onde estavam os capoeiras, no mundo da ordem ou no mundo da desordem? Estas perguntas serão o fio condutor do próximo capítulo.

¹²⁴ Ver, no apêndice C o quadro de ocupação dos indivíduos não identificados como capoeiras.

Perfis de alguns capoeiras – 1908-1925

Nome	Apelido	Nasc	Cor	Natural de	Instrução	Ocupação	Residência
Agripino Marques de Oliveira	-	1880	-	Bahia	analfabeto	carregador	Pirajá
Alfredo João da Silva	Tripas ao Sol	1853	-	Santos / SP	analfabeto	pequeno negociante	
Alfredo Martins Teixeira	Caboclinho	1891	-	Bahia	analfabeto	marítimo / saverista / estivador	Paço
Antonio Américo dos Santos	Boca de Fogo / Antonio Boca de Porco	1888	mestiço	Santo Amaro da Purificação / BA	analfabeto	estivador / marítimo / capanga	Sé / Paripe
Arestides José de Santana	-	1879	negro	Salvador / BA	analfabeto	carregador / policial	Santo Antonio
Argemiro Manoel dos Santos	Argemiro Olho de Pombo-	-	negro	-	-	estivador	-
Arthur dos Santos	-	1895	-	-	alfabetizado	operário / ex-aprendiz de marinho	Penha
Cícero Rosendo das Mercês	Tibiriri	1892	-	-	-	marceneiro	Santo Antonio
Eutyquio Alves da Silva	-	1904	pardo	Bahia	-	carregador	Santo Antonio
Gregório Bispo dos Anjos	-	1894	pardo	Bahia	alfabetizado	carregador	Pilar
Inocência Firmino de Souza	Inocência Sete Mortes	1883	negro	Sertão da Bahia	analfabeto	carregador / policial / capanga	Penha
Irineu Navarro Costa	Cou	1893	negro	Bahia	analfabeto	Pedreiro	Pilar / Santo Antonio
João Ferreira de Andrade	João Gulodice	1871	mestiço	-	analfabeto	pescador/dono de casa de jogo	Conceição da Praia
João Francisco Pires	Três Pedacos	1902	negro	Bahia	analfabeto	carregador / peixeiro	Brotas
José Albino dos Santos	Zebedeu	1891	pardo	Feira de Santana / BA	alfabetizado	policial / vigia / sapateiro / capanga	-
Júlio dos Santos Menezes	Tico	1873	negro	Santo Amaro da Purificação / BA	analfabeto	carregador	Pilar
Manoel Henrique Pereira	Besouro Mangangá / Cordão de Ouro	1885	negro	Santo Amaro da Purificação / BA	analfabeto	soldado do exército / saverista	Santo Antônio do Rio Fundo
Manoel Raymundo da Silva	-	1889	mestiço	Bahia	alfabetizado	marítimo	Paço
Martins Silveira Lima	-	1892	mestiço	Feira de Santana / BA	alfabetizado	pedreiro / carregador / trabalhador de trapiche	Brotas
Miguel Ferreira dos Santos	-	1886	-	Bahia	analfabeto	engraxate	Vitória
Pedro Celestino dos Santos	Pedro Porreta	1902	negro	Bahia	analfabeto	peixeiro / carregador / trabalhador de trapiche	-
Pedro de Alcantara Conceição	Pedro Piroca	1891	negro	Bahia	alfabetizado	peixeiro	Sé / Santo Antonio
Pedro José Vieira	Pedro Mineiro	1887	negro	Ouro Preto / MG	alfabetizado	carregador / marítimo / policial / capanga	Pilar
Samuel Luiz da França	Samuel da Calçada	1875	negro	Bahia	alfabetizado	carpinteiro / capanga	Mares
Sebastião de Souza	Bastião	1893	pardo	Conceição de Almeida / BA	-	policial / capanga	Mares
Valeriano Domingos Ramos	Percê	1888	-	Bahia	-	engraxate	Paço
Wenceslau da França Scalvino	Duquinha	1881	negro	Bahia	alfabetizado	estivador / fabricante de carroça / mecânico / capanga	São Pedro / Sé

Fontes: *Notícias de Jornal, Processos Crimes*. Coutinho, Daniel. *Op. Cit.*, COELHO, H. Pinto. *Op. Cit.*, Manoel Henrique “Besouro”. *Seção Judiciária* – Data limite C 1920-1927 – Sub. Série Tentativa de Homicídio, código 4-104/vol18.

CAPÍTULO II

ENTRE A ORDEM E A DESORDEM: PEDRO MINEIRO E OUTROS CAPOEIRAS

ENTRE A ORDEM E A DESORDEM: PEDRO MINEIRO E OUTROS CAPOEIRAS

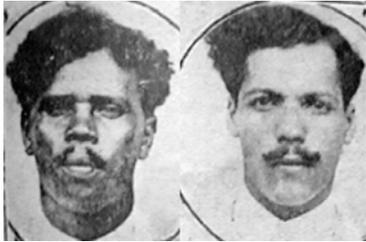
Topedera Piauí
Coraçado in Bahia
Marinheiro absoluto
Chego pintando arrelia
Quando vê cobra assanhada
Não mete o pé na rodia
Se a cobra assanhada morde
Que fosse a cobra eu mordia
Mataro Pedro Mineiro
*Dentro da Secretaria*¹²⁵

As rodas de capoeira realizadas em diferentes espaços da cidade de Salvador ainda preservam as tradições dos conflitos de rua dos capoeiras da Bahia. As vidas de Pedro Mineiro, Samuel da Calçada e Besouro Mangangá podem ser entrevistadas através das cantigas que ainda hoje acompanham e dão o ritmo a cada jogo, tal como a ladainha acima citada, que se refere a um episódio da vida de Pedro Mineiro. Quem era este capoeira e que história era essa? Lenda? Mito? Fantasia? Não. No dia 28 de dezembro de 1914, um homem chamado Pedro Mineiro sofreu efetivamente um atentado dentro da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia. Como veremos neste capítulo, os fatos relacionados a essa tentativa de assassinato nos permitirão aprofundar uma das dimensões da capoeiragem – o seu envolvimento com a capangagem política – e também responder algumas das questões anteriormente anunciadas: de que forma a ordem se comunicava com a desordem? Estaria a desordem por toda parte? Afinal, onde estavam os capoeiras? No mundo da ordem ou no mundo da desordem? Aparentemente, tudo começou semanas antes do episódio ocorrido na Secretaria. Desde o início de dezembro a rua do Saldanha andava em pé de guerra por causa de um grande tiroteio promovido por marinheiros que estavam “*em promiscuidade*” com “*mulheres de vida fácil*” e outros “*indivíduos afeitos à desordem*”. Na ocasião, várias prostitutas foram presas, acusadas de terem sido o “*móvel*” da confusão, e os marujos indignados foram até a casa do capitão Cyrillo para agredí-lo e exigir que ele colocasse as

¹²⁵ REGO, *Op. Cit.*, p. 122.

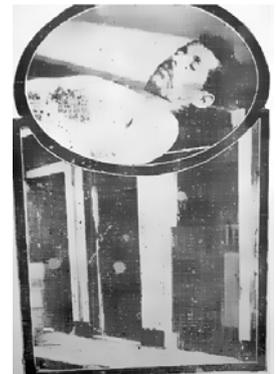
mulheres em liberdade.¹²⁶ Este fato causou um clima de grande tensão, que, tudo indica, foi aumentando com o passar do tempo.

No dia 26 de dezembro um outro conflito a bala explodiu entre capoeiras e um grupo de marinheiros do torpedeiro *Piauí*, chegado do Rio de Janeiro há três meses. O palco da



desordem foi o *botequim do Galinho*, onde os marinheiros jantavam, quando foram atacados pelos capoeiras Pedro Mineiro e Sebastião de Souza e por um indivíduo chamado Antônio José Freire, também conhecido por Branco. O tiroteio durou cerca de 15 minutos, provocando grande

alvorço e muita correria. Todos os botequins, lojas, armazéns e residências da região fecharam portas e janelas, ficando em campo apenas os contendores, armados de faca e pistola. Na luta, dois marinheiros foram mortos: José Domingos dos Santos que trazia consigo uma faca e Francisco Hollanda Wanderley, cujo espólio nada tinha de valor.¹²⁷ Os demais marinheiros, feridos, conseguiram escapar e voltar ao navio. Pedro Mineiro, Sebastião e Branco tentaram fugir pelas ruas da Sé, mas foram presos por guardas civis e pessoas do povo, conduzidos ao posto policial mais próximo, e de lá transferidos para a Secretaria de Segurança Pública.



Francisco Hollanda Wanderley. Embaixo, o botequim do Galinho.
Fonte: *A Tarde*, 28.12.1914

As razões desse conflito, logo designado de “*o crime do Saldanha*”, são um pouco confusas. A versão mais difundida é que ele foi consequência de uma briga entre Pedro Mineiro e um dos marujos envolvidos, ocorrida na noite anterior por ciúmes de uma prostituta. Mestre Noronha narra, por exemplo, que o conflito do “*botequinho de propriedade de Galinho no Largo da Sé*” ocorreu porque a amante de Pedro Mineiro, a garçonete Maria José, aceitara o convite de um dos marujos que “*pegou a gostar dela [...] foi quando Pedro Mineiro matou um marinheiro e jogou o outro pela janela do 1º andar [...]*”.¹²⁸ No entanto, as declarações do sargento do posto policial da Sé, Marinho Vaz Sampaio, trazem novos elementos para a compreensão do fato.¹²⁹

¹²⁶ *Diário de Notícias*, 03.12.1914. Ver também: *Jornal Moderno* e *Jornal de Notícias*, 03.12.1914.

¹²⁷ Arquivo da Marinha (RJ), *livro Mestre de sargentos, cabos e marinheiros* (1912-1938/1906-1940), filme 345, seção A, fls 269, acervo SDM - (sistema de documentação da marinha) 34.

¹²⁸ COUTINHO. *Op. Cit.*, p.24.

¹²⁹ *Jornal de Notícias*, dias 28 e 29 de dezembro de 1914.

Segundo contou, dias antes, na rua das Campelas, ele fora atacado a tiros por um dos marinheiros envolvidos na refrega, que, aliás, já o tinha ameaçado desde a véspera por ter prendido uma meretriz. Nessa ocasião, Pedro Mineiro e Sebastião agiram em seu auxílio, e foram agredidos por vários marinheiros, tendo existido, portanto, uma contenda anterior entre os dois grupos. Talvez ao invadirem o botequim do Galinho, os capoeiras pretendessem se vingar dos marujos, por vontade própria ou a mando do sargento, que acabou também sendo preso e acusado de ter sido o responsável pelo assassinato dos marinheiros.

O inquérito sobre “*o crime do Saldanha*” ocorreu na Secretaria de Segurança Pública. No dia dos depoimentos formou-se uma grande multidão em frente ao prédio. Pedro Mineiro foi um dos primeiros a ser interrogado. Segundo a imprensa,



O povo em frente `a Secretaria de Polícia
Fonte – A Tarde, 29.12.1914

*[...] perguntado qual a sua profissão, declara ser empregado da policia e que exercia suas funções por toda a cidade; perguntado em que caráter, diz que de subdelegado da policia e que não dizia como delegado, porque respondia ao dr. Delegado, pois se respondesse ao chefe, dizia como delegado, por lhe ser inferior; perguntado por ordem de quem se arvorava em autoridade disse que por ordem do chefe e do delegado”.*¹³⁰

Sobre o crime em si respondeu com evasivas, afirmando ser “*secreta da policia e que, estando em casa a tomar café em companhia de Sebastião e Branco, ouvira grande alarido na rua, pelo que saiu, sendo agredido por marinheiros, procurando se defender com uma faca, nada sabendo dizer sobre a morte dos marinheiros*”.¹³¹ A este depoimento se seguiu o dos dois outros réus, Sebastião e Branco, que também se declararam “*secretas da policia*”, passando-se, então, ao auto de perguntas às vítimas. Foi exatamente nessa ocasião que aconteceu o inesperado: um dos marinheiros do Piauihy, sentindo-se insultado, atirou contra Pedro Mineiro dentro da chefatura de policia, diante das próprias autoridades. Assim, de

¹³⁰ *Diário de Notícias*, 29.12.1914.

¹³¹ *A Tarde*, 28.12.1914. “*Secreta da policia*” era o nome dado aos indivíduos contratados pelas autoridades policiais para fazer algum serviço clandestino.

acusado, Pedro Mineiro passou também a ser vítima, pois ficou gravemente ferido, atingido no ombro, na perna e na região lombar.

Esse ataque provocou, evidentemente, uma enorme confusão, com mais de vinte praças de polícia, marinheiros, oficiais de justiça, e o delegado atropelando-se na correria, fato que permitiu a fuga de Branco e Sebastião. Para evitar maiores danos foi chamado um piquete de cavalaria para montar guarda em frente à Secretaria, contudo os dois réus já estavam longe. O capoeira foi, no entanto, perseguido por um marinheiro até a rua do Faísca, onde recebeu uma facada tão profunda nas suas costas que chegou a ter os seus rins atingidos. Como saldo dos acontecimentos daquele dia, teve-se as internações de Sebastião e Pedro Mineiro, levados ainda com vida ao Hospital Santa Izabel. Os marinheiros não se submeteram à prisão em terra, sendo conduzidos a bordo do torpedeiro *Piauhy*, onde, segundo o Capitão de Corveta, Carlos Alves de Souza, foram finalmente encarcerados.¹³² Já



**O Piquete da Cavalaria em frente à
Secretaria de Polícia**

Fonte: *A Tarde*, 29.12.1914

Branco conseguiu mesmo fugir, e parece ter se livrado da prisão, pois nada mais foi noticiado a seu respeito.¹³³

Durante dias, o “*crime do Saldanha*” e o atentado a Pedro Mineiro foram manchete de primeira página, especialmente no jornal *A Tarde*. E como toda a imprensa se interessou pelo assunto, a troca de correspondência entre o Chefe de Polícia e o Comandante do *Piauhy* acabou sendo divulgada. Na primeira carta, Álvaro Cova, manifestando sua estranheza diante do fato dos marujos requisitados a prestarem depoimento como “*informantes e testemunhas de um processo*” se “*apresentarem armados em condições de praticarem tão vergonhosa selvageria*”, declarou que o atentado feito a Pedro Mineiro dentro “*edificio sede da alta administração policial do Estado*” significava uma afronta, uma espécie de vingança dos marinheiros à própria corporação da polícia. Em resposta, o Capitão Carlos explicou que nenhum marinheiro tinha autorização para descer em terra armado, e afirmou que ele

¹³² Não custa lembrar que, sendo uma instituição militar, a Marinha possuía suas próprias leis. Assim, tanto os oficiais quanto os marinheiros não podiam ser presos por civis. Seus crimes e delitos eram punidos na maior parte das vezes pelo comandante do navio, ou, quando muito graves, submetidos a julgamento pelo Conselho de Guerra naval. Uma análise das punições na Marinha de Guerra podem ser encontradas em NASCIMENTO, Álvaro, *A Ressaca da Marujada: recrutamento e disciplina na Armada Imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

¹³³ *A Tarde*, 29.12.1914.

condenava formalmente tal atentado. Contudo, também deixou claro que seu maior intuito era ver seus marujos não tendo “*conduta semelhante a dos agentes de vossa polícia secreta*”, o que era uma agressão direta ao chefe de polícia. Cova não deixou por menos e lhe escreveu outra carta ridicularizando seus cuidados infrutíferos, pois apesar de “*vossas recomendações*”, o certo é que “*tiveram os marinheiros armas para o grave atentado por eles cometido*”, o que era a prova de que “*os melhores comandos podem [ter] sob sua autoridade... maus elementos*” como os agressores de Pedro Mineiro. E em tom sarcástico concluiu, reproduzindo as palavras do Capitão e afirmando que se sentia feliz em saber que o comando dele, da mesma forma que sua Chefatura, “*não dá guarita nem apoio a criminosos, como se sucede em outros lugares*”.¹³⁴ Tais recriminações e insultos recíprocos têm como pano de fundo as rivalidades existentes entre os membros das forças armadas e das forças policiais, mas essa é uma questão que escapa ao escopo deste trabalho.

Cabe dizer, todavia, que o estado de saúde de Pedro Mineiro piorava a cada dia depois do atentado. E segundo a matéria publicada pelo jornal A Tarde, em 14 de janeiro de 1915, “*Mineiro*”, certo de sua morte, pediu a sua companheira Graciliana Maria da Conceição que lhe trouxesse uma roupa preta e uma navalha que deixara em sua mala, pois pretendia poupar seu sofrimento se suicidando. No entanto no momento em que levava a navalha até o pescoço, um dos policiais o impediu de se matar.¹³⁵ No dia seguinte Pedro José Vieira veio a falecer no hospital Santa Isabel, em virtude da impossibilidade de extração da bala de um dos tiros recebidos. De acordo com o *Diário de Notícias*, o morto respondera ao Júri quatro vezes e fora preso em uma centena de ocasiões. Antes de morrer confessou que “*os autores da morte dos marinheiros do Piauí eram Sebastião de Souza e Conrado José dos Santos*”, mas que ele também tomara parte no conflito, espancando a outros marinheiros do destróier”. Tinha 27 anos de idade, e foi enterrado no cemitério da Quinta dos Lázaros.¹³⁶



**“Pedro Mineiro na Morgue”
Fonte: Jornal A Tarde,
18.01.1915**

Tamanha celeuma e todos esses fatos tornaram Pedro Mineiro um dos capoeiras mais conhecidos da Bahia na Velha República. Sua fama ganhou as ruas, estendendo-se pelo

¹³⁴ *A Tarde*, 29.12.1914, *Gazeta do Povo* e *Diário de Notícias*, 30.12.1914.

¹³⁵ *A Tarde*, 16.01.1915.

¹³⁶ *Diário de Notícias*, 16.01.1915. O nome de Conrado José dos Santos não havia aparecido em nenhuma das notícias localizadas sobre o crime do Saldanha, exceto após a confissão de Pedro Mineiro.

mundo da desordem, onde se tornou uma espécie de mito, sempre lembrado pelos seus pares. Quatro anos depois do seu falecimento, sua história continuava marcando o imaginário popular, como se pode ver no relato jornalístico abaixo:

Está com o “espírito” de Pedro Mineiro, diz a toda gente, e vai justificando suas façanhas.

Ignoramos o nome desse desordeiro que assim se diz atacado de “espírito”, mas o que não podemos concordar é que a polícia não tenha conhecimento do fato.

Esse Pedro Mineiro ressuscitado mora no Tabuão, onde à noite ataca e espanca os transeuntes que lhe caem nas garras [...] ¹³⁷

O verdadeiro Pedro Mineiro se chamava Pedro José Vieira, um homem negro, de olhos pequenos, lábios grossos e nariz largo. Seu cabelo era crespo e tinha as sobrancelhas largas; usava um bigode ralo e costeleta, sinal típico da capoeiragem.¹³⁸ Tinha o corpo coberto por cicatrizes de ferimentos feitos por faca, navalha e canivete, mostrando que o corpo também conta história. Não era natural do estado da Bahia, havia nascido em torno do ano de 1887 na cidade de Ouro Preto, estado de Minas Gerais, por isso ficou conhecido pela alcunha de Pedro Mineiro. Aos seus vinte e poucos anos já se encontrava em Salvador, sabia ler e escrever, foi morador da freguesia do Pilar, e trabalhou como carregador e marítimo.¹³⁹ Era muito conhecido pelos agentes da ordem em virtude do seu comportamento valentão e das façanhas praticadas nas ruas de Salvador. Seu nome aparecia com frequência na coluna policial da imprensa baiana, sendo chamado de gatuno, capadócio, criminoso, facínora e célebre desordeiro. O principal palco de suas desordens era o Cais Dourado, mas também freqüentava o “27 do Tabuão” e o “botequim do Galinho”.¹⁴⁰ Costumava arrumar desavenças com todo tipo de gente, outros capoeiras, mulheres, desordeiros, indivíduos comuns, marinheiros e principalmente policiais.

Numa ocasião foi preso por ter fraturado o braço da própria mulher com quem vivia. Seu nome era Constância Pereira dos Santos, descrita pelo jornalista como “*rapariga também do tombo*”, o que pode indicar que ela, tal como Pedro Mineiro, era capoeira, pois é provável que o “*jogo do tombo*” fosse uma outra maneira de se referir à capoeira, já que a finalidade

¹³⁷ *Diário de Notícias*, 29.10.1919.

¹³⁸ VIANNA, Antônio. *Quintal de...*, *Op.Cit.*, p.8.

¹³⁹ *Diário de Notícias*, 16.06.1915 e APEB, *Processo crime* de Pedro José Vieira (réu). Ano 1909, código 03/20 - este é o primeiro registro que temos da sua existência. COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, p.65.

¹⁴⁰ *Diário de Notícias*, 18.05.1911.

maior dos jogadores era derrubar o adversário.¹⁴¹ O motivo da agressão foi mais uma vez o ciúme que, de acordo com a análise de Thales de Azevedo, era uma forma machista de demonstração de afeto. Tudo indica que para a maioria dos homens da época, o amor significava o direito de posse sobre a mulher amada, amor que podia se manifestar através do uso da força física, quando não acompanhado de cacete, garrafa, faca, navalha ou revólver.¹⁴² Constância, no entanto, parece não ter sentido tanto amor assim da parte de seu parceiro, mas sim a dor de sua agressão. Segundo ela, “*Pedro Mineiro (...) faz-lhe todo este ciúme sem gostar vintém*”.¹⁴³

Esta não foi a primeira nem a última vez que Pedro Mineiro cometeu atos de violência contra mulheres. Na realidade, o universo da prostituição feminina de Salvador ocupou partes significativas do seu cotidiano. Neste ambiente, Pedro Mineiro aparecia ora agredindo meretrizes, tal como quando fez Maria Mosquitinha “*voar pela janela*” por ela ter rejeitado a pau o convite de um indivíduo; ora defendendo-as “*das garras de seus algozes*”, como num episódio em que elas estavam sendo espancadas por dois desordeiros que haviam invadido o cortiço (Pilar) onde moravam, e Pedro Mineiro, “*praticando obra de paz, aplacou a ira dos outros capadócios*”. Por outro lado, houve também uma vez em que nosso personagem arrumou um enorme conflito no restaurante “Aliança” (Cais Dourado). Nessa ocasião, ele, “*mulheres perigosas*” e “*desordeiros*” atiravam garrafas pela janela, atacavam e se encontravam unidos contra um inimigo comum – os praças de polícia.¹⁴⁴ Em função das cenas acima narradas, é possível supor que Pedro Mineiro tenha sido um cáften, que além de namorar, maltratar, explorar e exercer um certo poder sobre algumas prostitutas, também tinha a função de protegê-las da violência de outros.

Sua vida e o próprio crime do Saldanha apontam, portanto, duas questões relevantes, e que merecem exame mais detido. A primeira refere-se à interseção do universo da capoeiragem com o mundo dos marinheiros. Dois elementos de cultura significativos e bastante reveladores do entrelaçamento desses dois mundos aparecem, por exemplo, no

¹⁴¹ A esse respeito, Raul Pederneira, cronista e caricaturista carioca, nascido no final do século XIX, escreveu que “*O principal objetivo do capoeira era o tombo, empregando para isso variados expedientes. Podia ser dado pela rasteira ou rabo-de-arraia (que muitos hoje confundem com o calço): o capoeira abaixa-se rápido, apóia as mãos no terreno e arrasta horizontalmente uma das pernas, tendo antes o cuidado de peneirar, isto é fazer uns passes bem disfarçados, umas ameaças enganosas, para que o parceiro não descubra o movimento: dava-se assim o tombo de ladeira, o banho de areia ou de fumaça e mandava-se o parceiro conversar com as formigas. Perito na rasteira, o capoeira pode atirar no chão em pouco tempo cinco ou seis pessoas*”. Ênfase da autora. Ver: MOURA, Jair. “Na Seara do Tombo”, *Jornal A Tarde*, 03.04.1999. Apud: PERDENEIRA, Raul. “A defesa nacional”. *A revista da semana*, 07.05.1921.

¹⁴² SANTANA, Nélia. *Op. Cit.*, p.13.

¹⁴³ *Diário de Notícias*, 08.08.1910.

¹⁴⁴ *Diário de Notícias*, 19.03.1914, 31.03.1913 e 13.12.1911.

espólio de Francisco Hollanda Wanderley, um dos marinheiros assassinados. Lá estavam, em meio a dois chapéus, dois bonés e uma navalha de barba, um belo lenço de seda e dois fiéis de navalha.¹⁴⁵ O lenço de seda quase fala por si só. Como lembra Mestre Noronha, “o capoeirista nunca dispensou o seu cachecol de seda ao pescoço para sua defesa contra esta arma traiçoeira que se chama navalha”, porque, por mais afiada que fosse ela não tinha o poder de cortar a seda pura.¹⁴⁶ Os marinheiros, como bons frequentadores dos meios nos quais a capoeira imperava, também sabiam da sua importância. Mas e os fiéis de navalha? O que tinham a ver com a capoeira?

O “*fiel*” era uma espécie de fio ou cordão usado nos navios pelos marinheiros para amarrar “fielmente” qualquer peça móvel à embarcação ou a eles próprios, e assim cuidar para que ela não se perdesse no convés, nem caísse no mar. Estes fiéis podiam ser feitos de vários materiais, inclusive elásticos. O “*fiel de navalha*” servia para atar à calça do marinheiro a sua navalha, que era um instrumento de trabalho específico e com diversas funções. Sua lâmina larga e resistente servia para cortar pano de vela, cabos e fios, e seu pino era usado para “*descochar*”, isto é, afrouxar nós dos cabos. Seu uso se estendia à hora da refeição porque os marujos, que comiam apenas de colher ou até com as mãos, utilizavam-na para cortar a carne seca e o pão, e para com seu pino quebrar o biscoito, em geral mais duro do que pedra. É claro que esta navalha era uma arma usada em conflitos dentro ou fora do navio.¹⁴⁷ Ora, é fato conhecido que desde o século XIX alguns capoeiras serviram na Marinha de Guerra brasileira. Alguns foram recrutados à força pelas autoridades policiais, como forma de punição, e outros se alistaram voluntariamente, como meio de escapar da prisão.¹⁴⁸ Também é fato conhecido que a navalha era um instrumento de luta muito usada pelos capoeiras.¹⁴⁹ O que não é tão conhecido, é que havia uma técnica muito perigosa e eficiente de lançar a navalha amarrada num fio elástico para atacar um adversário que estivesse distante.

Noca de Jacó, um capoeira nascido em Santo Amaro da Purificação em 1899, narrou como aprendeu a manejar a navalha desta forma. Primeiro disse que “*dá muito trabalho*” e

¹⁴⁵ Arquivo da Marinha (RJ), *Livro Mestre de sargentos, cabos e marinheiros* (1912-1938/1906-1940), filme 345, seção A, fls 269, acervo SDM 34.

¹⁴⁶ COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, p.60.

¹⁴⁷ Agradeço ao professor Pedro Agostinho pelas informações sobre os fiéis e as navalhas dos marinheiros.

¹⁴⁸ Sobre a presença de capoeiras na Marinha de Guerra ver: SOARES, Carlos Eugênio L. *A Capoeira Escrava e Outras Tradições Rebeldes no Rio de Janeiro - (1808/1850)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001; NASCIMENTO, Álvaro. *Op. cit.*

¹⁴⁹ Nos conflitos analisados no capítulo anterior 49% das armas utilizadas por nossos personagens eram navalhas e diferentes tipos de faca, tais como faca costela de vaca, facão, faca de sapateiro, canivete, etc. Ver no apêndice D, tabela de armas usadas nos conflitos de capoeiras.

“*tinha que ter raça pra aprender e jogar, se arranha tudo, se corta todo*”. Depois com gestos de corpo explicou: “*tem que treinar [...] com a tora de bananeira*” porque “*a bananeira tem ‘nóia’ [nódoa], não dá pra ficar engatada, o diabo é tieco [reproduzindo o som da navalha sendo aberta]*”. A pessoa “*bota o pé aqui, amarrada aqui*” e “*manda ela lá, ela vai lá, dá o recado, e vorta doida*”, isso porque “*o cordão é de borracha*” e fica preso à cintura, na passadeira da calça. Como o retorno é arriscado, e pode ferir quem fez o lançamento, Noca acrescentou: “*tem que aparar ela, dançar com ela enquanto ela se enrola, ela acabou de se enrolar, ela beliscou, [...] o caso é o senhor que amansa, espera ela se vestir [...]*”.¹⁵⁰ Dessa maneira, o capoeira tinha de novo junto a seu corpo e em suas mãos uma outra navalha – não mais um instrumento de trabalho, mas uma arma perigosa e traiçoeira.

Ou seja, o que desejamos enfatizar, é que a interseção do universo da marinhagem com o dos capoeiras era um chão para trocas culturais diversas, o que nos permite supor que o fiel de navalha dos marinheiros tenha migrado do mundo naval para as práticas de luta dos capoeiras em terra. Todas essas evidências sugerem haver de fato uma conexão entre a técnica de lançamento da navalha a distância, descrita por Noca de Jacó, e o fiel usado pela marujada. O marinheiro Francisco que morreu assassinado, não devia ser um capoeira assim tão escolado, e apesar do lenço de seda e dos fiéis de navalha não pôde se defender.

Mas não era só nos navios que capoeiras e marinheiros conviviam. A proximidade desses dois grupos também passava por uma personagem central às regiões portuárias, objeto de desejo que atraía marujos e capoeiras, assim como o mel à abelha: a prostituta, mulher quase sempre disponível às farras da noite e às delícias do sexo. Como vimos, foi justamente a prisão de uma meretriz, o motivo inicial do “*crime do Saldanha*”. Os marinheiros viviam isolados nos navios sob a vigilância e o controle de seus superiores, podendo ficar meses sem ver mulheres, a depender do tempo de embarque em alto mar. Os dias de licença em terra representavam, portanto, momentos de especial descontração, uma vez que os marujos além de se verem livres da disciplina e da hierarquia militar, podiam se entregar à vida mundana. Como afirmava um ditado popular de época: “*boi solto lambe-se todo*”.¹⁵¹ Nesse espírito, assim que baixavam em terra os marinheiros invadiam a cidade à procura de alegria, prazer,

¹⁵⁰ Entrevista com Ernesto Ferreira da Silva (Noca de Jacó). Santo Amaro da Purificação, Bahia, outubro de 1997. Agradeço ao professor Antônio Liberac C. S. Pires o acesso à fita gravada.

¹⁵¹ BARBOSA, Orestes. *Bambambã* (1ª edição, 1923). RJ: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993, p. 30. Orestes Barbosa viveu entre 1893 e 1966, escreveu vários livros e foi um compositor de letras de samba.

liberdade e principalmente em busca da sensualidade feminina, da sua companhia e de sexo. Podemos dizer, portanto, que “à viagem do mar sucedia a viagem do corpo”.¹⁵²

Nessas ocasiões, os marinheiros dirigiam-se aos mesmos espaços sociais nos quais vimos, no capítulo I, os capoeiras se espalhando: tavernas, casas de jogo, e, sobretudo os botequins que eram pontos de encontro com prostitutas, tais como o “27 do Tabuão” e o “botequim do Galinho”. De fato, os marinheiros eram assíduos fregueses destes dois botecos e, não raro aí se envolviam em confusões “por causa de mulher” – típica atitude dos valentões – ora em função de ciúmes, ora por problemas de repressão policial à prostituição. Um outro bar-restaurant pertencente a Jeronymo de tal e vizinho do “Galinho” também era muito freqüentado por eles, e local de tantas confusões que numa ocasião o subdelegado da Sé mandou fechar tanto um quanto o outro, para acabar com as badernas e os constantes ajuntamentos de marinheiros e praças do regimento policial.¹⁵³ Farras em botequins, comportamentos libidinosos com meretrizes, jogos de azar, e brigas com a polícia eram situações tão comuns na vida dos marujos quanto na dos capoeiras. Em síntese, não só porque tinham na pobreza e na cor as mesmas origens sociais, mas principalmente porque marinheiros e capoeiras viviam misturados no mundo da desordem e dos divertimentos da orla marítima e adjacências, é que as regiões portuárias devem ser consideradas também como um espaço de interseção dos universos da marinhagem e da capoeira. Foi muito provavelmente no porto que os fiéis de navalha desceram do convés e ganharam as ruas.

A segunda questão suscitada pelo “crime do Saldanha” diz respeito à incorporação de capoeiras, indivíduos vistos como “valentões” e “afeitos à prática de desordens”, ao quadro da polícia, que em tese seria o órgão responsável pela repressão à capoeiragem. Toda a imprensa veicula, por exemplo, que Pedro Mineiro e outros desordeiros eram ligados à polícia. Mas seria isso verdade?

Embora os dados reunidos sejam escassos, é possível dividir a vida de Pedro Mineiro, em Salvador, em dois períodos diferentes e aparentemente bem demarcados. O primeiro corresponde aos anos compreendidos entre 1909 e o começo de 1912. Nesta fase, Pedro Mineiro morou nas ruas do Julião, do Cais Dourado e Caldereiras, sempre na freguesia do Pilar, e não só pernoitou muitas noites no xadrez, preso por embriaguez, desacato à autoridade, vocabulário pornográfico e conflitos em geral, como também foi processado três vezes. A primeira, por tentativa de homicídio, em agosto de 1909. Nesta ocasião ele invadiu

¹⁵² LOPES, Myriam Bahia, “Porto, Porta, Poros.” In Bresciani, Stella (org.) *Op. Cit.*, p.76.

¹⁵³ *Diário de Notícias*, 12.05.1915.

um quarto do prédio nº 22 da rua do Cais Dourado, onde morava a meretriz Maria Francisca de Jesus, de apenas 16 anos de idade, mas a encontrou em companhia do caixeiro Cândido Britto. Enciumado, já que tivera muitas relações sexuais com ela, Pedro Mineiro atentou contra a vida de Cândido com um pedaço de pau e uma faca, e foi preso pelo sargento Carvalho no botequim que ficava no andar térreo do edifício. Três meses depois, foi processado mais uma vez por ter ferido uma praça da Brigada Policial que fora prendê-lo por ordens do subdelegado da Conceição da Praia. Encontrado em um botequim do Cais Dourado, Pedro Mineiro resistiu à prisão, e arremessando golpes de navalha contra os guardas que o perseguiam, fugiu pelo Caminho Novo e se refugiou no prédio nº 42 da Ladeira do Taboão, onde, como já vimos, residiam “mulheres de vida airada”. Ao subir as escadas agrediu os guardas com um cacete e lhes atirou muitas pedras, mas acabou sendo preso. Em 1910 respondeu a seu terceiro processo. Desta vez por ter espancado violentamente com um fio de ferro uma ex-amásia, que morava no “27 do Taboão”, simplesmente porque ela o acusara de ter roubado um lenço.¹⁵⁴

Apesar desses fatos, ou talvez exatamente por causa deles, a partir de 1912, a vida de Pedro Mineiro tomou outro rumo. Seu nome praticamente desapareceu das colunas policiais da imprensa, reaparecendo apenas quando se envolveu no assassinato dos marinheiros do navio “Piauhy”. Segundo notícias publicadas no jornal *A Tarde* logo após “o crime do Saldanha”, Pedro Mineiro teria declarado que cerca de dois anos e oito meses atrás, ou seja, por volta de abril de 1912, ele fora contratado pelo próprio chefe de polícia Álvaro Cova em sua casa “para servir-lhe de capanga”, recebendo o vencimento de 70\$000 (setenta mil réis). Mineiro teria dito ainda que seu mandante “sempre esteve satisfeito com seus bons serviços”. De acordo com o mesmo jornal o capoeira teria participado também da Mazorca de janeiro de 1912, quando a cidade de Salvador fora bombardeada por forças federais com o objetivo de derrubar o governo estadual e preparar o terreno para a subida de Seabra ao poder.

É difícil saber se todas essas revelações da imprensa oposicionista são verdadeiras. Mas elas são bastante plausíveis. Em seu próprio depoimento sobre a morte dos marinheiros, publicado em mais de um periódico, Pedro Mineiro declarou ser “empregado da polícia” e exercer suas funções “por toda a cidade”, embora tivesse explicado que era subordinado ao “delegado” e não ao “chefe”, isto é, ao dr. Cova.¹⁵⁵ Também o seu total desaparecimento das colunas policiais da imprensa local parece indicar que ele havia realmente mudado de vida,

¹⁵⁴ APEB, *processos crimes* de Pedro José Vieira, “Pedro Mineiro” (réu). Ano 1909, códices 226/09 e 215/03/20, e ano 1910, código 21/18/215.

¹⁵⁵ *A Tarde*, 28.12.1914 e *Diário de Notícias*, 29.12.1914.

não sendo improvável que ele tenha mesmo se convertido em secreta da polícia. Afinal, uma das vantagens do posto é ter proteção dos mandantes em troca dos serviços prestados. Além disso, a trajetória de Pedro Mineiro não seria um caso isolado. É fato conhecido que muitos capoeiras atuavam como cabos eleitorais, especialmente em períodos de eleição. Este fenômeno ultrapassava, aliás, os limites temporais e geográficos do nosso objeto de estudo.

Segundo Manoel Querino, na Bahia dos tempos da monarquia, o “*capoeira fora sempre figura indispensável nos pleitos eleitorais*”. Às vezes ele era estratégico para afastar os eleitores indesejáveis e substituí-los pelos chamados “*fósforos*”, ou seja, os falsos votantes, homens que apesar de não possuírem direito de voto votavam em lugar daqueles que eram qualificados para tal.¹⁵⁶ Outras vezes a capoeiragem era importante simplesmente para causar confusão, como Querino explica de modo claro:

*[...] o grupo político que dispunha de maior número de desordeiros, gritava: – É fósforo!
– Não é! – E fechava-se o tempo... Gritos, protestos, doestos, uma vozeria ensurdecedora e, por fim recorriam ao argumento decisivo – o cacete [...] Aproveitando a confusão do momento, o votante mais sagaz introduzia na urna um maço de chapas. Chamava-se esta ação – emprenhar a urna. De modo que a vitória das urnas estava na razão de quem dispunha dos maiores elementos de desordem, fossem paisanos ou fossem militares[...]*¹⁵⁷

No entanto, de acordo com o cronista, a violência e a fraude não eram os únicos métodos usados para conquistar a vitória nas eleições: o aliciamento e o clientelismo também graçavam. Nessa época, certas casas – as “*cumbucas*” – eram transformadas em “*hospedaria e bazar*”, onde eram reunidos “*os votantes que tinham de eleger os juízes de paz, camaristas e eleitores que, por sua vez, elegiam os deputados provinciais, gerais e senadores pelo sistema denominado de dois graus*”. A principal finalidade dessas cumbucas era manter sob controle os votantes que moravam distante da paróquia, fornecendo-lhes refeições e até roupas, sapatos e gravatas. “*Rara era a freguesia que não possuía uma cumbuca, sobressaindo pela variedade de manjares, a que não faltavam o vinho velho da Figueira encorpada e muitas*

¹⁵⁶ A Constituição outorgada em 1824, que regeu o país até o fim da Monarquia, estabeleceu um processo eleitoral indireto, feito em dois turnos. No primeiro turno votavam todos os homens maiores de 25 anos e que tivessem renda mínima de 100 mil-réis. Eram os votantes, que escolhiam os eleitores, na proporção de um eleitor para 100 domicílios. Os eleitores deviam ter renda de 200 mil-réis, e a eles cabia eleger os deputados e senadores. As mulheres e escravos não votavam, mas os libertos podiam se qualificar para as eleições primárias. Em 1881, a Câmara dos Deputados aprovou uma lei que eliminou a eleição em dois turnos e introduziu o voto direto. Mas ao mesmo tempo elevou para 200 mil-réis a exigência de renda, estabeleceu o voto facultativo e proibiu o voto dos analfabetos.

¹⁵⁷ QUERINO, Manoel. *A Bahia de Outrora...*, Op. Cit., pp. 175/6.

outras bebidas”. Enquanto esperava pelo pleito, o pessoal era entretido por candidatos e chefes políticos através de diversões, discursos e tudo o mais. De dia havia “*mesas lautas*”, à noite “*ceias imponentes*”, acompanhadas de “*ardorosas modinhas, cantadas ao som dos violões e outros instrumentos*”. Desses rega-bofes participavam políticos, votantes, turbulentos, capoeiras e aderentes, assim preparados para no dia das eleições trocarem a festa pela violência, se fosse preciso.¹⁵⁸

O emprego político da capoeira também acontecia na Corte imperial, principalmente nas duas últimas décadas do segundo reinado. Nas disputas eleitorais entre o partido conservador e o partido liberal, a capoeira desempenhou um papel sabidamente importante, com a diferença de que os conservadores parecem ter cultivado tais alianças por um período mais longo do que os seus opositores, já que, segundo Soares, sempre tiveram a malta Flor da Gente a seu inteiro dispor.¹⁵⁹ Com a República, houve algumas mudanças nessas práticas, mas as alterações foram de forma, e não de conteúdo. Isso porque, mesmo depois da campanha repressiva contra os capoeiras, encabeçada por Sampaio Ferraz no ano de 1890, e a conseqüente desarticulação das antigas maltas, a capoeira sobreviveu em caráter individual, e seus integrantes continuaram exercendo as antigas funções de guarda-costa de políticos, capangas e cabos eleitorais.¹⁶⁰ Tal acontecia porque, apesar de toda a propaganda republicana em prol da moralização do voto e pela valorização da cidadania, o advento do novo regime não trouxe qualquer transformação significativa nos tradicionais recursos empregados pelos políticos durante o processo eleitoral. A Constituição de 1891 eliminou a exigência da renda de 200 mil-réis, mas a principal barreira ao voto – a exclusão dos analfabetos – foi mantida, juntamente com a exclusão das mulheres, dos mendigos, dos soldados rasos e dos membros das ordens religiosas.¹⁶¹ Por outro lado, a violência, a fraude, a corrupção e o clientelismo continuaram sendo utilizados a torto e a direito como instrumento de conquista do poder, e esse era um fato que acontecia no país de norte a sul.¹⁶²

Na verdade, o maior trunfo para se vencer as eleições no Brasil daquela época era o controle das mesas eleitorais, que, por sinal, estava sempre nas mãos do governo. Mas como bastava o não comparecimento dos mesários para o pleito ser suspenso nas seções eleitorais, ambos os lados usavam a força para arrastar mesários fujões ou afastá-los de suas funções. O

¹⁵⁸ IBIDEM. Sobre o significado de “*fósforo*”, ver: CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O Longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 34.

¹⁵⁹ SOARES, Eugênio. *A Negregada...*, *Op.Cit.*, pp. 219/33.

¹⁶⁰ Sobre o assunto, ver DIAS, Luiz Sérgio. *Da “Turma da Lira” ao Cafajeste...*, *Op. Cit.*

¹⁶¹ Sobre as regras eleitorais anteriores à República ver nota 156.

¹⁶² Para o uso político da capoeira no Pará, ver LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *Op. Cit.*

ideal, portanto, para a situação, era fazer eleições “a bico de pena”, isto é, apenas com a caneta, porque além de dominar as mesas, ela também controlava o processo de reconhecimento dos candidatos vencedores, feito pelos poderes legislativos, e nos quais sempre era majoritária. Assim, como a derrota da oposição era quase sempre líquida e certa, os principais recursos das forças oposicionistas eram estimular a agitação e o descontentamento da população, espalhando boatos terroristas sobre conflitos sangrentos, com o objetivo de amedrontar o povo e provocar a abstenção do eleitorado.

Essa questão nos traz de volta a Salvador dos anos dez e vinte. No período por nós estudado, esses métodos de luta ideológica foram amplamente utilizados devido ao conflito político muito acirrado existente entre as forças oligárquicas baianas. Os jornais anti-seabristas encheram-se de notícias sobre cenas de sangue e violência das quais o governo seria cúmplice, de denúncias de que “*facínoras*”, “*capadóci*” e “*desordeiros*” fariam parte da “*legião eleitoral do chefe de polícia e do governo*”, e até de que todos os estivadores seriam mancomunados com o governador, formando “*a guarda negra da situação*”.¹⁶³ Apesar do caráter tendencioso das matérias jornalísticas acima aludidas, é possível dizer com razoável grau de certeza que alguns capoeiras estiveram realmente em meio a pelo menos dois eventos políticos bastante divulgados pela imprensa da época – um anterior e outro posterior à morte de Pedro Mineiro.

O primeiro deles aconteceu a 19 de novembro de 1914, dia para o qual havia sido convocada uma reunião do Conselho Municipal, feita em um clima toldado por boatos de malversações do dinheiro público. O ambiente estava bastante carregado porque a animosidade entre os diferentes grupos políticos era explícita e os interesses em jogo eram muito grandes. Na reunião seria votado um projeto de obras públicas visando a higienização da cidade, e segundo a imprensa, alguns conselheiros tinham sido subornados para que tal proposta fosse aprovada.¹⁶⁴ Também se dizia que parte do dinheiro de um empréstimo de 1,5 milhões de libras esterlinas concedido à municipalidade fora desviado pelo intendente Júlio Brandão e pela firma Guinle & Cia.¹⁶⁵ Assim, dadas as práticas correntes na época, não é de surpreender que uma verdadeira multidão tivesse ocupado o Paço Municipal, e que no meio

¹⁶³ A Tarde, 28 e 30 de dezembro de 1914. Diário da Bahia, 30.12.1919. Diário de Notícias, 23.11.1914, 30.12.1919 e 10.02.1920

¹⁶⁴ *Jornal Moderno*, 19.11.1914. *Jornal de Notícias*, 20 e 21 de novembro de 1914.

¹⁶⁵ Verbete “A Tarde”, *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001 (2ª edição), p. 5649. Júlio V. Brandão e a firma Guinle & Cia. “[...] foram arrolados em processo judiciário. Ainda em 1914, o supremo Tribunal Federal determinou o seqüestro de 3.700 contos de Guinle & Cia. E o intendente foi afastado, durante certo tempo, de qualquer função pública administrativa no país”.

dela estivessem soldados da polícia, guardas civis a paisana, e diversos desordeiros já conhecidos da população. Tudo estava armado, portanto, para se produzir confusão, e ela acabou de fato acontecendo no meio da reunião.

O estopim do conflito – logo tachado de “*a mazorca do Conselho Municipal*” – parece ter sido uma discussão iniciada entre o guarda civil nº 106, que estava a paisana, mas de serviço, e o capoeira Samuel da Calçada, que estava acompanhado de Sebastião, o velho companheiro de Pedro Mineiro. Segundo declarações do próprio guarda civil, Samuel começou a insultar em voz alta um conselheiro na hora em que este ia revelar os nomes dos colegas subornados, quando ele o aconselhou a não se comportar daquele modo. Samuel da Calçada, que assim como Sebastião estava muito bem vestido, chamou-o, então, em particular, mostrou-lhe seu título de eleitor e lhe perguntou “*se tinha ou não direito de falar*”, ao que ele respondeu: “*Pode votar, mas não dar apartes*”. Neste momento Samuel deu-lhe uma bofetada, mas quando ele pegou seu revólver para se “*desafrontar*”, recebeu um tiro, que só o feriu levemente porque a bala bateu na sua carteira de identificação. Após esse primeiro disparo, outros se seguiram, e a confusão, é claro, se tornou generalizada. Por sorte nenhum conselheiro foi atingido. Contudo, muitas pessoas ficaram feridas, e um alferes da polícia e um guarda civil a paisana foram mortos.¹⁶⁶

De acordo com o conselheiro Azevedo Fernandes, “*havia no recinto dois grupos de capangas*”. Tudo indica que um deles era composto por membros da Guarda Municipal e do Corpo de Bombeiros e o outro por indivíduos ligados à polícia. Também se percebe que um dos grupos pretendia impedir que fossem feitas denúncias contra o intendente, mas as informações dos jornais não esclarecem direito quem eram exatamente essas pessoas, nem a que forças políticas cada grupo servia.¹⁶⁷

É interessante notar, todavia, que em pelo menos quatro noticiários Samuel da Calçada, também chamado pela imprensa de Samuel do Cova, foi citado como o grande motivador da desordem no Conselho, exceto no jornal *Gazeta do Povo* - órgão oficial de divulgação do partido situacionista até 1915, o Partido Republicano Democrata (PRD). Este diário em nenhum momento fez menção a sua participação no conflito, dizendo apenas que membros do Corpo de Bombeiros e da Guarda Municipal eram responsáveis pelo tiroteio.

¹⁶⁶ *A Tarde*, 21.11.1914. Ver também: *Jornal Moderno*, *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, 21.11.1914.

¹⁶⁷ *A Tarde*, 21.11.1914.

Também omite os nomes de outros capoeiras que estiveram envolvidos na desordem e que trabalhavam como secretas da polícia, como veremos a seguir.¹⁶⁸

Segundo a imprensa, depois que a reunião foi interrompida, o conflito transbordou para rua. De acordo com o comunicado de um sargento ao chefe de polícia, um grupo de bombeiros disfarçados teria se dirigido para a Calçada, local onde, por sinal, um praça daquela corporação foi alvejado por Samuel. No Guadalupe também houve uma confusão envolvendo o empreiteiro de obras capitão Juvenal Souto, que segundo o jornal *A Tarde* tivera sua casa invadida dias antes pelo próprio Álvaro Cova. É possível que esse empreiteiro estivesse de alguma forma ligado ao projeto de asseio da cidade que estava na pauta de votações da reunião desfeita pela “*mazorca*”, porque, de acordo com suas declarações, ao subir a ladeira da Praça, “*em frente ao cartório do escrivão do Garcia, o desordeiro João Biray deu-lhe ordem de prisão*”, ao que ele pediu explicações, já que não havia cometido crime algum. Nesse momento um “*grupo de capadócios*” o cercou, mas nada de mal lhe aconteceu devido à intervenção do guarda nº 204. O empreiteiro terminou o seu depoimento revelando que tal “*grupo de capadócios*” era formado por “*conhecidos desordeiros*”, dentre os quais estavam Sebastião, Pedro Mineiro, Estevinho e João Veneno, todos homens que pudemos identificar como capoeiras.¹⁶⁹

O segundo evento que entrelaça a ação de capoeiras aos fatos da grande política aconteceu a 25 de março de 1919, quase quatro anos após a morte de Pedro Mineiro, em um dos comícios de oposição ao governo de Antônio Muniz e em prol da candidatura de Rui Barbosa à presidência da República. Conhecido como a “*mazorca da praça Rio Branco*”, este ato era expressão do embate político estabelecido entre Seabra e Rui Barbosa, tanto no plano estadual quanto no plano nacional, e acontecia numa conjuntura que não era inteiramente favorável à situação.¹⁷⁰

Antônio Muniz fora o candidato “bolso de colete” apontado por J. J. Seabra às eleições para o governo do estado em 1915, a fim de poder continuar conduzindo a política baiana e

¹⁶⁸ *Gazeta do Povo*, dias 20 e 21 de novembro de 1914.

¹⁶⁹ *Jornal de Notícias, Jornal Moderno, A Tarde e Diário de Notícias*, 21.11.1914. Ver também a edição de 28.12.1914 do jornal *A Tarde*. Esta notícia é a primeira manchete sobre o crime do Saldanha que acusava Pedro Mineiro e seus amigos de serem “*os mesmos facínoras do Conselho Municipal*”. PASTINHA, Mestre. *Capoeira Angola...*, *Op. Cit.*, p. 24. COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, p.65.

¹⁷⁰ Com a morte do recém eleito presidente da República, Rodrigues Alves, Rui Barbosa foi o primeiro nome lançado para substituí-lo, sendo apoiado por Nilo Peçanha e as minorias oposicionistas de Minas, São Paulo e Bahia principalmente. Seabra, por outro lado, apoiou a candidatura de Epiácio Pessoa, candidato de conciliação das oligarquias dominantes de São Paulo e Minas Gerais. Ver: SAMPAIO, Consuelo N. *Os partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1998, pp.141/3.

garantir seu retorno ao poder em 1920. Contudo, uma vez eleito, o novo governador buscou aumentar o controle do executivo estadual sobre os chefes políticos municipais, chegando até a substituir alguns intendentess nomeados por Seabra para colocar homens de sua confiança no lugar. Com isso Muniz perdeu o apoio de vários coronéis e irritou profundamente muitos chefes políticos do PRD. Além do mais, os problemas sócio-econômicos do estado agravaram-se com a Primeira Guerra Mundial, gerando uma carestia sem precedentes dos gêneros alimentícios. A população estava, portanto, muito insatisfeita, a crise era grande, e a burguesia agro-comercial passara a lhe fazer forte oposição. Todos esses fatores enfraqueceram o poder do Partido Republicano Democrata, e de seu chefe J. J. Seabra, abrindo espaço para a grande articulação oposicionista da qual o comício de 25 de março era apenas um lance bem calculado.¹⁷¹

Naquele dia por volta das 17 horas o movimento era intenso na praça Rio Branco, lugar anunciado para o comício em favor de Rui Barbosa. Segundo o *Diário de Notícias*, que na época combatia vigorosamente as forças do poder estadual, “*vários grupos e amigos dos chefes do partido situacionista*” podiam ser vistos próximos à pastelaria Triunfo e à Intendência Municipal. Como Rui Barbosa não estava na cidade, subiram ao palanque seus aliados: Medeiros Netto, Miguel Calmon, Américo Pinto, Pedro Lago e Simões Filho. Mas bastou o doutor Medeiros começar o seu discurso para que um dos “*afeiçoados da situação governista*” gritasse: “*Fora o orador!*”, ao que se seguiu um grande tiroteio que dispersou a multidão. O primeiro a ser atingido foi Simões Filho, fundador do jornal *A Tarde*. Outros políticos ficaram feridos, mas ninguém morreu.¹⁷² Como era de se esperar, o governo estadual foi o principal suspeito de ter contratado “*matadores profissionais*” para atirar nos organizadores do evento, e Álvaro Cova de protegê-los. Dentre esses “*matadores profissionais*” estavam dois capoeiras, Innocência Sete Mortes e Carestia de Vida, ambos acusados de terem assumido a chefia do tiroteio.¹⁷³

Já a versão do diário *O Democrata*, órgão oficial do PRD desde 1915, era diferente. Segundo seus jornalistas, quando Simões Filho começou a fazer a apresentação do principal orador, o sr. Medeiros Netto, algumas pessoas do povo gritaram: “*Não pode, não pode!*” O chofer de Simões Filho teria disparado, então, o primeiro tiro, iniciando o tumulto do qual saíram feridos vários políticos, inclusive o seu patrão. Os articulistas esclareceram que em função dos lamentáveis fatos ocorridos, o secretário de polícia proibiu a realização de outro

¹⁷¹ Sobre as lutas oligárquicas baianas neste período, ver: SAMPAIO. *Op. Cit.*, pp.131/140.

¹⁷² *Diário de Notícias*, 26.03.1919.

¹⁷³ *Diário de Notícias*, 15.12.1919.

comício naquela praça ou em qualquer outro lugar a fim de prevenir a perturbação da tranquilidade pública, mas nada disseram sobre a participação de capoeiras ou desordeiros no tumulto.¹⁷⁴ No entanto, apesar da divergência entre as matérias jornalísticas acreditamos poder sustentar que a relação entre os capoeiras e o seabrismo não era apenas uma fantasia da oposição. Afinal, ela ficou preservada na própria memória da capoeira baiana.

Embora Rui Barbosa tenha conseguido reunir em torno de si vários grupos oligárquicos do estado, a política situacionista virou o jogo e garantiu sua vitória nas eleições federais em toda a Bahia. Exceto na Capital, onde a oposição conquistou expressiva maioria dos votos, o vencedor das eleições presidenciais foi Epiácio Pessoa. Segundo a historiadora Consuelo Sampaio, o “*governo atribuiu essa derrota à ineficaz atuação do chefe de polícia, Álvaro Cova, simpático à candidatura de Rui*”.¹⁷⁵ Cova pode realmente ter feito corpo mole porque tinha a faca e o queijo nas mãos. Desde de 1914 vinha sendo atacado pelos jornais da oposição e apontado como um chefe de polícia que apadrinhava desordeiros em troca de apoio político ao governo. Chegou a ser acusado até de ter “*alguma prática de capoeira do tempo que tocava nos blefores*”.¹⁷⁶ Mestre Noronha também contou que os capoeiras Estevinho e Duquinha – os “*maiores valentões [...] da Bahia e muito respeitados*” – eram seus cabos eleitorais, e pobre daqueles que “*não cumprissem as ordens*” da dupla, pois “*seriam escorraçado da zona*”. O primeiro deles esteve envolvido na “*mazorca da praça municipal*”, como vimos. Para Noronha, o “*Doutor Cova*” foi “*um dos maiores chefes de polícia*” do estado, porque “*protegia todos os valentões desordeiros*”, “*só não protegia ladrão*”. Além disso, em seus manuscritos, Cova aparece qualificado como “*Nosso Padrinho*”, ou seja, padrinho dos capoeiras.¹⁷⁷

Todavia, apesar do testemunho de Noronha e das evidências encontradas, não é fácil saber com detalhes como se teciam as relações entre governo, chefe de polícia, delegados e capoeiras. Mas isso não tem grande importância para a análise que desejamos fazer. Para este trabalho o que importa reter é que, embora Seabra tenha criado a Guarda Civil e instituído a polícia de carreira durante o seu primeiro mandato, o número de policiais continuava sendo insuficiente, a instituição mal aparelhada, e principalmente muito pouco profissionalizada. Seus cargos eram objeto de favor político e de relações de compadrio, o que, a propósito,

¹⁷⁴ *O Democrata*, 26.03.1919.

¹⁷⁵ SAMPAIO. *Op.Cit.*, p.142.

¹⁷⁶ *Diário de Notícias*, 24.01.1920.

¹⁷⁷ COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, pp. 60, 61 e 65.

aconteciam em todo o Brasil, inclusive na capital federal.¹⁷⁸ Lá como aqui, capoeiras eram capangas, secretas, ou simplesmente guarda-costas, e por essa via muitos deles foram incorporados aos quadros da polícia. Esta pode ter sido a trajetória de Pedro Mineiro, já que segundo um documento publicado no *A Tarde* (mas em nenhum outro jornal) ele pertencia ao Regimento Policial do Estado, mas certamente foi a de Innocência Sete Mortes, que passou realmente de capanga a guarda civil.¹⁷⁹ Isso significa que a relação estabelecida entre os capoeiras e a ordem não se limitava aos fins eleitorais e à grande política, mas que invadia outros domínios. Com efeito, havia várias outras maneiras da ordem se misturar com a desordem.

A mais visível delas, e de certa forma já anunciada, ocorria através da própria interseção do conjunto de homens vistos como desordeiros com o conjunto de homens que formava o corpo de polícia. Não era à toa que na opinião da imprensa da época, ao mesmo tempo em que a polícia era encarada como uma instituição fundamental à manutenção da ordem pública, também era vista como uma corporação que necessitava ser “*higienizada*”, porque para “*moralizar o corpo de polícia da Bahia, [...], tem que arrancar muito mais joio, que anda prejudicando o desenvolvimento do trigo...*”.¹⁸⁰ A imagem negativa construída em torno dos agentes policiais era antiga; vinha desde o século XIX, pois em geral tais agentes compartilhavam as mesmas características da população que deveria ser controlada – a cor negra, a pobreza de origem, os hábitos e costumes populares – daí o discurso sobre a importância de “*policar a polícia*”.¹⁸¹ No período estudado as reclamações a respeito do comportamento dos “*mantenedores da ordem*” tinham o mesmo tom e continuavam enchendo as páginas dos jornais, o que pode ser explicado por diversas razões, desde a origem social dos soldados, que não mudou sob o regime republicano, até a maneira como esses homens agiam no seu dia-a-dia.

Festas públicas, rodas de samba e ensaios de rancho faziam parte do universo lúdico de muitos policiais. Na noite de domingo do dia 06 de outubro de 1912, por exemplo, o

¹⁷⁸ *Relatório do chefe de polícia. Diário Oficial do Estado da Bahia*, 29.04.1917, pp. 3081/3 e 3087. Sobre a organização policial no Rio de Janeiro entre os anos de 1889 e 1907 ver: BRETAS, Marcos Luiz Bretas. *A Guerra das Ruas – Povo e Polícia na Cidade do Rio de Janeiro*. RJ: Arquivo Nacional, 1997.

¹⁷⁹ *A Tarde*, 30.12.1914. APEB, *processo de Innocência Firmino de Souza*, “Innocência Sete Mortes” (vítima). Ano 1922, códice 195/02/05.

¹⁸⁰ *Diário de Notícias*, 12.12.1913 e 01.10.1915.

¹⁸¹ BROWN, Alexandra Kelly. *On the Vanguard of Civilization: Slavery, the Police, and Conflicts between Public and Private Power in Salvador da Bahia, Brazil, 1835/1888*. Austin: Tese de Doutorado, Universidade do Texas, 1998, pp. 88/90, 238, 254/55. Segundo a autora, a polícia era constituída por homens não brancos e muitos eram constantemente acusados de abuso de poder, ineficiência e envolvimento em todo tipo de desordem e divertimentos populares.

policial militar Manoel Anacleto dos Santos, “armado de cinto e sabre”, foi ao ensaio do rancho do Avestruz na ladeira do Tabuão, e lá estava “tocando pandeiro e assim promovendo algazarra”, quando foi avistado pela patrulha da rua do Paço. Ao perceber que estava sendo observado, Manoel “correu para o posto do Comércio, evadindo-se, sendo preso em cima de um telhado de uma casa em obra”.¹⁸²

A própria capoeiragem, crime que pelo Código Penal de 1890 podia ser punido com até seis meses de prisão celular, e que em casos graves de reincidência podia acarretar sentenças de até três anos de reclusão, era uma forma de luta e de divertimento de rua que atraía os agentes da ordem.¹⁸³ Não raro, moradores do centro da cidade enviavam cartas à imprensa reclamando “contra o procedimento incorreto de guardas noturnos da Sé, que se arvoram a espancadores de transeuntes, prendendo a torto e a direito, às vezes jogando capoeira, etc”. Amorzinho da Portela, por exemplo, um dos velhos parceiros de Mestre Pastinha, era um guarda que, mesmo sendo responsável pelo policiamento noturno das ruas de Salvador, não deixava de fazer a sua capoeira. Tirava a farda, colocava seu “kepi” e seu apito de lado, e caía na “vadiação”.¹⁸⁴

Por outro lado, uma série de notícias mostra a presença de muitos policiais, fossem eles guardas noturnos, inspetores de quarteirão, guardas civis ou policiais militares, no mundo da desordem. Lugares que, segundo as regras da época, deveriam ser vigiados e reprimidos por policiais, tal como o botequim situado no Bom Gosto da Calçada, onde a jogatina era intensa, recebia diariamente, “soldados da patrulha da polícia, de mistura com capadócios e mulheres de vida airada”.¹⁸⁵ Como se sabe este não era o único boteco freqüentado por policiais, prostitutas, capoeiras e outros populares, haja visto o que se passava nos botequins da rua do Saldanha. Policiais também eram acusados de freqüentarem prostíbulos e desfilar em braços dados com meretrizes, ofendendo a moral pública, além de junto com o povo se

¹⁸² *Diário de Notícias*, 08.10.1912.

¹⁸³ *Código Penal brasileiro* anteriormente citado, pp. 28/30. Artigo 402 – “Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem: andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor, ou algum mal: Pena: prisão celular de dois a seis meses”. Artigo 403 – “No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo a pena do artigo 400 (que dizia respeito à reincidência do crime de “vadiagem”, o qual era tratado no artigo 399), pena de um a três anos em colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou fronteiras do território nacional, podendo para esse fim serem aproveitados militares existentes. Parágrafo único – Se for estrangeiro será deportado depois de cumprir a pena”.

¹⁸⁴ *Diário de Notícias*, 04.01.1911. Ênfase da autora. Agradeço ao pesquisador e antigo aluno de mestre Bimba Jair Moura às informações pessoais.

¹⁸⁵ *Diário da Bahia*, 03.05.1913. Ver também: *Jornal de Notícias*, 08.01.1913.

entregarem ao jogo, prática que muitas vezes acabava em desordem, como pode ser visto no episódio que passamos a relatar¹⁸⁶.

Foi numa tarde de domingo em dezembro de 1912. O inspetor Estevan Pedro Rego, da 3ª circunscrição policial, e o soldado Celso Francisco de Assis estavam jogando “*numa cumbuca*” situada no Mercado Modelo, quando discutiram e agrediram um capoeira apelidado de Chico Me Dá Me Dá. Este, como era de se esperar, reagiu aos insultos, mas recebeu um tiro do inspetor, que estava armado com um revólver e o assassinou friamente, numa clara inversão dos papéis. Chico Me Dá Me Dá, que tudo indica era o segurança da casa de jogo, tentou manter a ordem no recinto, e foi morto pelo policial, que estava fazendo desordem.¹⁸⁷

Na verdade, não era apenas como seguranças contratados que alguns capoeiras tomavam conta de determinados espaços geográficos. Assumir o papel de autoridade era uma aspiração de muitos capoeiras, especialmente daqueles que se arvoravam a valentões. Pedro Celestino dos Santos, mais conhecido como Pedro Porreta, por exemplo, não era segurança nem policial, mas se comportava como tal. Só pelo seu apelido já se pode ver que este homem não era brincadeira. Waldeloir Rego contou que quando ele era menino ouviu várias pessoas idosas comentarem que esse capoeira era um sujeito que tinha a fama de gostar de bater. E gostava mesmo, como se pode comprovar por notícias dos jornais da época.

Numa noite de dezembro de 1920, ele e o capoeira Pedro Piroca estavam bebendo numa taverna bem perto do Elevador do Tabuão. A Baixinha já se encontrava meio deserta, e talvez por isso eles viram claramente quando Guruxinha e Rajado, ambos trabalhadores das docas, passaram pela calçada. Pedro Porreta chamou Rajado e perguntou: “– *Que é que vocês vêm fazer nesta zona?*” Receoso, Rajado foi logo explicando que estavam indo pegar uma roupa na casa de um alfaiate que morava na Baixinha. Ao que Pedro Porreta em alto e bom som retrucou: “– *Pois estão os dois presos, porque aqui quem manda sou eu!*” Ouvindo esta declaração, Rajado não pensou duas vezes; fugiu em disparada, mas seu colega de trabalho, revoltado, disse que não o conhecia como “*autoridade*” para lhe prender. Daí começaram os insultos, e Pedro Piroca avançou em Guruxinha. “*Porreta neste ínterim, saca de uma navalha e começa a retalhar o seu inimigo, que também havia sacado do ‘moço’ – uma faca americana...*”. Quando a polícia chegou, apenas Pedro Porreta estava ileso, pois com sua

¹⁸⁶ *Diário de Notícias*, 28.05.1910 e *A Tarde*, 11.09.1913.

¹⁸⁷ *Diário de Notícias*, 05.12.1918.

capoeira e sua ginga de corpo conseguira se desviar de todos os golpes que rolaram na briga.¹⁸⁸

Tanto Pedro Porreta quanto Pedro Piroca trabalhavam e viviam por ali. Ambos vendiam peixe no mercado Santa Bárbara, situado a praticamente uma quadra da Baixinha. Neste mercado funcionava uma espécie de restaurante popular, uma “*cozinha africana*”, como dizia a imprensa da época, onde “*as pretas luzidias em camisas decotadas, seios a mostra*”, fritavam acarajés e enchiam as gamelas de mocotó ou vísceras de boi.¹⁸⁹ Além disso, como já vimos, tanto a Baixinha quanto o mercado Santa Bárbara eram lugares de capoeiragem.¹⁹⁰ Portanto, aquele não era um lugar qualquer. Para Pedro Porreta era mais do que um local de trabalho; era seu espaço de lazer, de conquistas amorosas, de alegria, e um território marcado pelos traços culturais que eram os seus. Guruxinha, além de ser seu “*antigo desafeto*”, trabalhava na cidade baixa, sendo, assim, de outro território. Pedro Porreta, ao contrário, se sentia dono daquela zona. Permitir que um inimigo seu entrasse no seu “*pedaço*” significava uma afronta a sua honra, pois na sua cabeça ali quem mandava era ele.

Nas memórias do famoso capoeirista carioca Madame Satã, este assunto também aparece. A zona de proteção de Satã era a Lapa, e era nesta área que ficava o “*Café Colosso*”, onde ele “*fazia ponto*”. Numa ocasião os donos deste botequim escutaram um freguês dizer a um outro que só entrava ali quando Satã estava presente, porque esta era uma garantia de que não haveria confusão. Moral da história, Satã foi contratado para fazer a segurança do tal café e a freguesia aumentou, isso porque, como ele mesmo explicou, “*malandro não se metia na sua área*” assim como ele não se “*metia na área de malandro nenhum*”.¹⁹¹ Uma música contemporânea, interpretada por Bezerra da Silva, aliás, chamada “*Acordo de Malandro*”, descreve justamente esta regra de convivência, que já existia entre as maltas de capoeira do Rio de Janeiro do século XIX e até hoje há no morro. Logo nas primeiras estrofes vem a explicação do pacto: “*Você manda lá em baixo, aqui em cima quem manda sou eu, eu não piso em seu terreno, nem você pisa no meu*”. E a seguir o recado: então, “*você fique sabendo que tá proibido pisar no meu lado, se subir vem caminhando, vai descer só carregado!*”.¹⁹² Ou seja, na lei da valentia a invasão de território é inaceitável. Por isso Pedro Porreta, que se

¹⁸⁸ *A Tarde*, 14.12.1920.

¹⁸⁹ *Diário de Notícias*, 04.08.1910.

¹⁹⁰ COUTINHO. *Op. Cit.*, p.20 e MOURA, Jair. *Mestre Bimba – A Crônica da Capoeiragem...*, *Op. Cit.*, pp. 59/60.

¹⁹¹ *Memórias de Madame Satã*. RJ: Editora Lidador Ltda., 1972, pp.71/2. Agradeço ao professor Álvaro Pereira do Nascimento o acesso a esta fonte.

¹⁹² CD – Bezerra da Silva, grandes sucessos de Bezerra da Silva. (CID), s/data.

sentia a verdadeira autoridade da Baixinha, não deixou por menos a ousadia de Guruxinha de querer pisar na sua área e quase o matou a navalhadas.

É importante dizer, no entanto, que nem sempre era assim. Em outras situações, alguns capoeiras estavam de fato e de direito no papel de responsáveis pela manutenção da ordem pública. Ou seja, estavam envolvidos com a micropolítica, isto é, eram realmente policiais, e agiam no controle da população urbana, inclusive de outros capoeiras. Este é o caso, por exemplo, de Arestides de Santana, um capoeira morto por outro capoeira quando agia em nome da lei.

Arestides de Santana era negro, solteiro, e antes de ser policial trabalhava como carregador na região portuária. Em 1913 foi processado por crime de lesão corporal por ter ferido dois capoeiras numa enorme confusão acontecida num cortiço da rua do Cais Dourado, sendo condenado, mas logo depois libertado, mediante o pagamento de fiança.¹⁹³ Esta condenação não o impediu de entrar para a Polícia Militar um ano depois, indo servir na Penitenciária do Estado. Nesta época, Arestides já havia se casado e era pai de quatro filhos. No dia 17 de dezembro de 1916, quando estava de serviço, sua carreira foi, no entanto, abruptamente interrompida, pois foi morto por Ignácio Loyola de Miranda, um capoeira a quem tentava prender.¹⁹⁴

Uma situação parecida com esta, mas sem o mesmo desfecho trágico, foi vivida pelo capoeira José Albino dos Santos, vulgo Zebedeu. José Albino, também chamado na imprensa de “*Zebedeu do Cova*”, parece ter entrado para a polícia como prêmio pelos serviços de capangagem prestados a autoridades policiais. A 12 de outubro de 1916, quando já era agente da Brigada policial, foi encarregado de prender Manduca Moleque, porque este na noite anterior havia arrombado uma casa na Baixa dos Sapateiros junto com outros indivíduos, espancado e rasgado as roupas de uma residente do prédio. Manduca Moleque não foi capturado, mas desde esse dia ele e Zebedeu tornaram-se inimigos. Meses depois, os dois se encontraram numa casa de jogo do bicho, e como Manduca, apesar de ter iniciado o conflito, acabou recebendo um tiro na mão, ambos foram presos e processados. Talvez a prisão do policial tenha alguma conexão com a sua reputação. Muitas pessoas testemunharam a seu favor, mas sempre deixando escapar que Zebedeu era um “*tipo suficientemente conhecido pelas suas desordens*”. Apenas o sargento Péricles Moreira ressaltou que ele havia sido “*regenerado*”. Já Manduca Moleque, carioca e chofer, foi descrito por todas as testemunhas

¹⁹³ Essa briga foi descrita no capítulo I, pp. 26/7.

¹⁹⁴ *A Tarde*, 18.12.1916. *Diário de Notícias*, 19.12.1916.

como um “*terrível desordeiro*”, de “*péssimo comportamento*” e “*comprador de briga*”. Segundo consta na documentação policial, Manduca veio para a Bahia expulso pelas autoridades do Rio de Janeiro, e em Salvador já fora preso umas três vezes. No final do processo, ele foi enquadrado no artigo 303 – crime por lesão corporal – mas o policial Zebedeu foi inocentado, porque Cosme de Faria, seu defensor, alegou de modo convincente que os tiros haviam sido dados em legítima defesa, apenas.¹⁹⁵

Não obstante, é importante enfatizar que, se em algumas ocasiões os capoeiras estavam no lugar de representantes da lei, em muitas outras estavam no lugar dos que sofriam o peso da lei. Na realidade, havia um ódio mútuo entre capoeiras e agentes da ordem. Para os capoeiras, brigar com a polícia era motivo de orgulho e prova de valentia, fato que é de conhecimento geral e que transparece até em suas cantigas: “*Não estudei para ser padre, nem também pra ser doutô; estudei a capoeira, pra bater no inspetô (coro)*”.¹⁹⁶ Para se ter uma idéia da brutalidade da ação policial e da intensidade que este ódio recíproco podia alcançar, basta lembrar o que Mestre Bimba narrava a seus alunos sobre os seus tempos de juventude. Segundo ele a polícia “*perseguiu um capoeirista como se persegue um cão danado. Imagine só um dos castigos que davam a capoeiristas que fossem presos brigando, era amarrar um dos punhos num rabo de cavalo e outro em cavalo paralelo. Os dois cavalos eram soltos e postos a correr em disparada [...]*”.¹⁹⁷ De fato, esta prática existia na Primeira República e era usada não só para prender capoeiras, mas também para encarcerar outras pessoas do povo, como se pode notar na notícia a seguir: “[...] *Anteontem... no distrito do Pilar duas praças da cavalaria, que faziam o policiamento local, traziam em galope desenfreado amarrado pelos punhos, entre dois animais, um pobre homem, que implorava misericórdia em altos brados [...]*”.¹⁹⁸ Pode-se imaginar os sentimentos desse infeliz e o que ele e muitos capoeiras podem ter tramado para se vingar depois. Com tais métodos, difícil pensar que pudesse existir paz nas ruas, até porque, mesmo quando estavam apenas se divertindo, os capoeiras tinham a polícia no seu encalço. Segundo o *Diário de Notícias*, por exemplo, na noite de quinta-feira, um dia depois da virada do ano de 1912 para 1913, em plena praça Castro Alves, “*foram presos à ordem do sr. Dr. Delegado da 1ª circunscrição, quando jogavam capoeira, os*

¹⁹⁵ APEB, *processo crime de José Albino dos Santos, “Zebedeu” (réu) e Manuel Bonifácio do Espírito Santo, “Manduca Moleque” (vítima)*. Ano 1917, código 215/27/15.

¹⁹⁶ MOURA, Jair. “Capoeirista de antigamente não *brincava em serviço*”. *Jornal A Tarde*, 19.07.1971.

¹⁹⁷ ITAPOAN. *Bimba: O Perfil do mestre...*, *Op. Cit.*, p.14.

¹⁹⁸ *Diário de Notícias*, 03.02.1917.

indivíduos Moizes Abraham, Ricardo Antonio Ciescencio, Paulino Espírito Santo, Manoel do Bonfim, Thomé Alexandrino, sendo recolhidos ao posto policial da Sé”.¹⁹⁹

Cabe, então, perguntar – o que estariam fazendo na polícia homens como Zebedeu, Arestides de Santana e Pedro Mineiro? Procurando dinheiro fácil, ou proteção para os seus desmandos? Há várias respostas possíveis para esta pergunta, mas poucas serão assim tão simples e instrumentais. A vontade de ser policial não era generalizada entre os capoeiras, mas também não era incomum.²⁰⁰ Ela decerto pouco tinha a ver com os benefícios financeiros do cargo, porque estes eram muito baixos, além de serem pagos freqüentemente com atraso. O mais provável é que essa aspiração estivesse ligada à simbologia do poder e à possibilidade concreta de exercê-lo de modo legítimo. Afinal, o mais simples dos homens era capaz de perceber que os policiais e os soldados eram os braços armados do Estado.

Mestre Gigante, que aprendeu capoeira nos anos 40, é um exemplo vivo de um capoeira que “*queria ser polícia*” de qualquer jeito, e só não foi por causa de sua baixa estatura. Seu sonho era antigo, desde que chegou em Salvador ainda rapaz ele pensava, “*eu vou ser soldado*”, “*vou ser polícia*”. Antes já havia tentado entrar para o exército, e pelo mesmo motivo não fora aceito. Nas suas tentativas de se integrar à polícia, o máximo que conseguiu foi trabalhar cerca de dois anos como inspetor de quartirão. Este era o cargo mais baixo da polícia, o que fazia os piores serviços e não tinha salário, como ele próprio nos disse, “*não ganhava nada*”, só “*ganhava [...] para entregar a intimação*”. Mas logo explicou seu desejo: “*Fiquei invocado com negócio de farda*”, e completou: “*só pra ter aquele poder, ser aquela autoridade*”. Era isso, a farda do policial representava prestígio, direito de exercer poder, prender, agredir e não ser molestado por outros policiais. Seu caso não foi o único, como vimos nesse capítulo.

O paradoxo da situação é evidente. Gigante andava no meio da capoeiragem, fazia desordem, tinha raiva de policial e foi preso duas vezes, mas também era fascinado pelo uniforme, sua autoridade e seu poder. O mais curioso é que hoje, analisando a sua antiga posição, o velho capoeira percebe claramente que aquela era uma situação contraditória. Primeiro porque arriscava a sua vida, segundo porque não recebia quase nada, e terceiro porque “*ganhava mais era inimizade*”, pois “*vagabundo não gosta de polícia*”. Além disso, o pessoal da capoeira, os seus conhecidos “*quando souberam que tava metido em negócio de*

¹⁹⁹ *Diário de Notícias*, 03.01.1913.

²⁰⁰ DIAS, Luiz Sérgio. *Da “Turma da Lira” ao Cafajeste. A sobrevivência da Capoeira...*, *Op. Cit.*, p.81. Em sua tese o autor afirma que o desejo mais cobiçado pelos “cafajestes” – capoeiras que trabalhavam como capangas no Rio de Janeiro na primeira república – era entrar para a polícia.

polícia, eles tomaram ódio”. Mas ao contar suas estripulias como inspetor de quarteirão mostrou que de vez em quando ele até livrava algum camarada da prisão.²⁰¹

Os capoeiras, portanto, eram personagens bastante ambivalentes. Eram perseguidos pela polícia, mas também trabalhavam para a polícia; entravam em conflito com soldados rasos, mas realizavam serviços de capangagem para seus chefes em troca de proteção e quem sabe um título de agente da ordem,; tinham ódio e fascínio pela figura do policial; enfim, viviam divididos entre o mundo da ordem e o mundo da desordem.

Como no contexto descrito neste capítulo praticamente não havia espaço para que o povo vivesse com dignidade e justiça, as estratégias de vida dos capoeiras oscilavam entre a revolta e o embate direto às forças da ordem, e a participação de forma indireta neste jogo político maior, trabalhando como capangas, secretas ou mesmo como policiais. Para nós esta situação revela que a polarização entre o mundo da ordem e da desordem não era rígida, mas que na sociedade baiana (e brasileira) deste período a ordem se comunicava com a desordem, e que na prática a desordem estava em todos os lados, inclusive dentro do poder.

É por isso que nem sempre a relação entre capoeiras e policiais era permeada pelo conflito, apesar da violência e dos abusos de autoridade da polícia que também existiam, como já vimos. Algumas vezes o capoeira era o próprio policial; em outras situações, capoeiras, desordeiros, populares e policiais conviviam nos mesmos espaços sociais e tinham comportamentos e costumes semelhantes.

O próprio delegado Pedro Gordilho que ganhou fama de ser a autoridade policial mais violenta e mais temida de Salvador por reprimir o jogo, a prostituição e especialmente os cultos de candomblé, e chegou a se tornar um “*símbolo da perseguição*”, parece ter sido ogã na casa de santo da ialorixá Silvana localizada em Periperi.²⁰²

Além disso, na imprensa, não era difícil encontrar matérias mostrando que atividades ditas ilegais eram toleradas ou consentidas pelos agentes da repressão tanto por ineficiência como por práticas de suborno. A maior parte das acusações era em relação a não repressão à jogatina principalmente quando praticada por membros da elite. Na expressão da gíria, a polícia muitas vezes era “*boa camarada*”, e em troca de uma contribuição pecuniária dos tableiros, fazia vistas grossas a tais estabelecimentos, ou concedia licenças autorizando seu

²⁰¹ Entrevistas com Francisco de Assis (Mestre Gigante). Engenho Velho da Federação, Salvador, 01 de fevereiro e 14 de maio de 2002.

²⁰² LUHNING, Ângela. “*Acabe com este Santo, Pedrito vem aí ... - Mito e Realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942*”. *Revista USP – Dossiê Povo Negro – 300 Anos, SP (28): dezembro/fevereiro, 1995/6*, pp.195/197.

funcionamento.²⁰³ Como contou Mestre Pastinha no dia em que foi convidado por um amigo para fazer a segurança de uma casa de jogo. Antes de começar o serviço, Pastinha disse que precisou ir com este futuro tavoleiro à casa do “*Doutor Cova*” pois tinha “*necessidade de ir no chefe de polícia para tomar uma licença para poder abrir a casa*”.²⁰⁴

Tudo indica que neste período também era possível pagar e conseguir permissão policial para realizar uma roda de capoeira. Segundo um depoimento dado por Mestre Bimba, por volta de 1918, quando começou a ensinar capoeira, costumava reunir “*seus alunos e das contribuições recebidas conseguia sete tostões para pagar na Polícia uma licença que lhe permitia jogar capoeira por uma hora [...]*”.²⁰⁵ Mestre Noronha, dizia que na sua época para “*se vadiar*” era imprescindível pedir permissão às autoridades policiais, mesmo em dias de festas populares, a exemplo da festa de Nossa Senhora da Conceição.²⁰⁶ Portanto para entender os capoeiras em Salvador durante a República Velha, é preciso levar em conta todas estas questões paradoxais. Na realidade, não há dúvida que havia repressão à capoeiragem, todavia ela não era absoluta e também havia maneiras de burlá-la, principalmente através do suborno e de vínculos personalistas. E mais do que isso, nem sempre policiais e capoeiras estavam em campos opostos, já que podiam inclusive compor uma mesma cena como numa roda de capoeira que aconteceu na Curva Grande do Garcia em 1917, que segundo mestre Noronha, “*era de um sargento da polícia militar*”.²⁰⁷

²⁰³ MORAES, Evaristo. *Reminiscências de um rábula criminalista*. RJ/BH: Editora Briguiet, Col. Minerva, Vol. 1, 1989, pp.142/3.

²⁰⁴ CD de Mestre Pastinha já citado.

²⁰⁵ *A Tarde*, 06.02.1974.

²⁰⁶ MOURA, Jair. “Capoeirista de ‘antigamente...’”, artigo citado.

²⁰⁷ COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, p. 30.

CAPÍTULO III
A CULTURA MALANDRA
DOS CAPOEIRAS

A CULTURA MALANDRA DOS CAPOEIRAS

Numa crônica intitulada “*A Origem da Malandragem*”, Orestes Barbosa, sambista carioca nascido em 1893, jornalista autodidata, boêmio e poeta que “*via nas ruas um veio literário sem fim...*”, ao se recordar do tempo em que soltava pipas com outros meninos que tinham na rua a sua casa, descreve de forma poética de onde surgem os personagens como Pedro Mineiro e como se formam essas figuras para os noticiários sensacionais: saem “*dos garotos de rua, de calças de suspensório de tira de pano – moleques vendedores de bala, soltadores de papagaios e tascadores de balão*” – e que “*aprendem a rebeldia que a miséria faz. O preço barato da cachaça que é fornecida impunemente às crianças nas tendinhas ... dão esse ânimo que faz da cidade um campo de batalha*”. E depois explica: “*a malandragem, mesmo bem vestida, há de existir sempre. Ninguém cuida da educação das crianças. É difícil colocar um menor numa escola dessas feitas para os pobres. A polícia arrebanha-os para a Colônia e para a Casa de Detenção que são escolas de aperfeiçoamento...*”²⁰⁸ Ou seja, na sua opinião era especialmente no cotidiano das ruas, vivendo sem educação, sem cuidados, à margem da sociedade, levados como bandidos para a prisão, que os meninos se tornavam malandros.

Mas, poderia ser perguntado, o que essas opiniões têm a ver com o tema do nosso trabalho? Mais do que à primeira vista se pode imaginar. Embora a figura do malandro esteja fortemente associada à do sambista carioca do final dos anos 20, pretendemos mostrar nesse capítulo que a cultura malandra já fazia parte do tipo social dos capoeiras de outrora, do seu jeito de andar cheio de gingado, chapéu jogado de lado e navalha amarrada na passadeira da calça. É por isso que, a nosso ver, os cronistas e literatos baianos, ao caracterizarem o capoeira entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, descreviam-no com muitos dos traços que depois contribuíram para a construção da imagem clássica do

²⁰⁸ BARBOSA, Orestes. *Op. Cit.*, pp.10 e 103/5. Ênfase da autora.

malandro. A malandragem estava presente nas práticas sociais do capoeira que estudamos, no seu jogo de perna para atacar e se defender, na sua esperteza e malícia dentro e fora da roda de capoeira. Era parte de uma cultura de rua, do modo de ser e das estratégias de sobrevivência de homens que viviam entre a ordem e a desordem, perseguidos pelos representantes da lei, quase sempre os enfrentando ou deles se esquivando, muitas vezes desde os tempos de menino.

O capoeira Madame Satã, que também foi moleque de rua e muito apanhou da polícia, relembrou nas suas memórias o dia em que Edgar “*chegou na Lapa menininho*” a sua procura, querendo aprender capoeira. Na primeira conversa entre os dois, Edgar foi logo dizendo a que veio:

- *O senhor é que é o Madame Satã?*
- *O que é que você quer garoto?*
- *Quero aprender capoeira.*
- *E o que é que eu tenho com isso?*
- *Me chamo Edgar e queria que o senhor me ensinasse.*
- *Vai procurar sua turma, menino.*
- *Me ensina seu Madame Satã*²⁰⁹

Como Madame Satã percebeu que o menino ia “*encarnar mesmo*”, ia ficar insistindo até “*encher o saco*”, ele resolveu dar-lhe “*um sustinho*” e jogou a perna no pequeno. O Edgar, Satã narrou, “*subiu um metro do chão e bosteou. Ai se levantou*” e perguntou: “*Agora o senhor me ensina?*”. Com tanta coragem o menino conseguiu convencê-lo. Na mesma hora Satã levou Edgar para a Praça Onze, onde seus camaradas “*eram muito entendidos em capoeira*”. E o deixou lá. Passados uns quatro, cinco dias, vieram lhe dizer que tinha um menino das suas relações envolvido numa briga. Quando Satã viu era o valente aprendiz de capoeira “*encarando dois soldados na perna*”. Edgar acabou matando quatro soldados. Foi “*sua primeira detenção ainda menor de idade*” e, por causa de sua valentia, mesmo sendo um menino, “*conseguiu ser o xerife do seu cubículo*”.

Essa vida difícil levada pelos moleques de rua do Rio de Janeiro, que no entender de Orestes Barbosa estava na origem da malandragem, e que no relato de Madame Satã aparece ligada ao aprendizado da capoeira, vinha de tempos remotos. De acordo com Soares já desde

²⁰⁹ *Memórias do Madame Satã...*, Op. Cit., pp. 87/8.

meados do século XIX, as maltas de capoeiras cariocas incorporavam meninos. Embora se tenha notícias de aulas coletivas, tudo indica que na maior parte das vezes o aprendizado da criança era individual, e acontecia no espaço urbano dominado pela malta do novato. Aprender a arte da luta era, na verdade, a primeira fase de um processo mais complexo de treinamento. Para que o menino passasse de moleque a “caxinguelê” – nome dado ao recém capoeira – e fosse totalmente integrado a uma determinada malta, ele precisava ser bem sucedido no desempenho de certas tarefas que compunham uma espécie de ritual de passagem, e que iam desde acompanhar as maltas nas suas atividades guerreiras, anunciar sua chegada através de gritos e gestos próprios, fugir com as armas se embrenhando pelos becos da cidade, até chegar a fazer o teste mais difícil – desafiar cara a cara o aparato policial. A posse da navalha e o uso de chapéu simbolizavam o final deste aprendizado, que, aliás, podia terminar muito cedo. No Rio há registros de vários adolescentes presos como verdadeiros capoeiras aos quinze anos de idade.²¹⁰

Tal como a Corte, a cidade de Salvador também estava repleta de moleques de rua fazendo algazarras entre si e com certos “*capadócius*”, como retrata Xavier Marques no romance *O Feiticeiro*.²¹¹ De fato, segundo Walter Fraga, as fontes do início do século XIX freqüentemente revelam a presença de meninos reunidos à noite em praças e largos a batucar, brincar, jogar pedra nos transeuntes, e a medir força com outros garotos e certos homens do povo. Mas as fontes históricas baianas também atestam que à medida que o século avançava, as autoridades se tornaram cada vez mais intolerantes à presença de tais menores nas ruas, pois suas diversões passaram a ser vistas como nocivas à moral pública, começando a ser duramente reprimidas.

O menino de rua “*tendia a ser estigmatizado como portador do vício da vadiação, quando não de delinqüência mais grave...*”. Na Bahia monárquica menores de dez anos eram recrutados à força e enviados à Escola de Aprendiz de Marinheiro, onde se acreditava que a rígida disciplina militar os corrigiria.²¹² Na República passaram a ser recolhidos pela polícia como vadios, considerados “*desordeiros precoces*” e “*aprendizes de valentão*”, enquanto que suas brincadeiras eram sempre tachadas de “*diabruras*” perniciosas, mesmo que fossem simples molecagens. No período coberto por este trabalho era quase diária a publicação de

²¹⁰ SOARES, Carlos E. *A Negregada...* Op. Cit., pp. 88/95.

²¹¹ FRAGA, Walter. *Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do século XIX*. SP/Salvador: HUCITEC/EDUFBA, 1996, p.111. Apud: MARQUES, Xavier. *O Feiticeiro*. SP: GRD, 1975, p. 44.

²¹² FRAGA, Walter. Op. Cit., pp.111/128.

noticiários sobre menores de rua brincando de soltar papagaios sobre os telhados das casas, participando de jogos de azar, mas também correndo, brigando e sofrendo. Eventualmente eram descritas nos jornais cenas desses meninos sendo brutalmente espancados com o uso de barra de ferro, fueiro de carroças, pedaço de pau, entre outros instrumentos. A violência cometida contra estas crianças parecia vir de todos os lados e de diferentes grupos sociais. Eram vítimas freqüentes de outros moleques mais fortes, de indivíduos comuns, desordeiros, policiais, etc.²¹³

Não é de admirar que vivendo em estado de completo desamparo, alguns desses menores cometessem pequenos furtos e acabassem se envolvendo no mundo da capoeiragem, como Jorge Amado retrata no seu livro “*Os Capitães de Areia*”, publicado pela primeira vez no ano de 1937. Nesta obra o romancista conta a história de um grupo de garotos e jovens marginalizados, moradores de um trapiche do cais do porto, e que praticavam assaltos por toda a cidade de Salvador. Três desses menores, entre os quais Pedro Bala, o principal líder do grupo, aprendiam a lutar com o famoso capoeira Samuel Querido de Deus.²¹⁴ O interessante, no entanto, é que histórias como a dos “capitães de areia” não eram apenas ficção.

Em julho de 1909, por exemplo, o *Diário de Notícias* publicou uma nota a respeito de um capadócio de nome desconhecido, ex-aprendiz marinho, que chefiava uma malta de menores. O grupo tinha por hábito encontrar-se na rua Ordem Terceira de São Francisco e na ladeira do Monturo, onde o ex-aprendiz passava-lhes seus ensinamentos. O capadócio devia ser um capoeira porque o jornal também informou que ele tinha a manha de elegantemente desarmar a polícia.²¹⁵ A suspeita torna-se ainda mais sólida quando se percebe que a rua Ordem Terceira ficava muito próxima ao Cruzeiro de São Francisco, importante ponto de capoeiragem, e espaço onde capoeiras e meninos se misturavam no cotidiano das ruas. Na realidade, muitos desses menores freqüentavam as mesmas praças e ruas onde os capoeiras se encontravam, tal como o Terreiro de Jesus, o Largo da Piedade, as Portas do Carmo, a rua do Maciel, a rua do Bispo e a Baixa dos Sapateiros.²¹⁶ Tudo indica que nesses encontros os moleques de rua iniciavam-se na arte de capoeirar, mesmo que às vezes só por vadiação, como sugere a notícia “*Brincar com meninos*”, publicada no *Jornal Moderno* em dezembro de 1914,

²¹³ *Diário de Notícias*, 11.05.1915, 26.07.1911, 19.08.1913 e 03.08.1915. *Jornal Moderno* 10.03.1915.

²¹⁴ AMADO, Jorge. *Os Capitães de Areia*. RJ: Record, 1983.

²¹⁵ *Diário de Notícias*, 31.07.1909.

²¹⁶ *Diário de Notícias*, 24 de abril e 24 de outubro de 1911 e *A Tarde*, 22.05.1922. Muitos desses lugares já eram pontos de encontro de maltas de menores desde o século XIX, ver: FRAGA, Walter. *Op. Cit.*, p.113.

em que um homem chamado Justiniano do Sacramento é preso e recolhido ao posto da Sé, à ordem do subdelegado do distrito da rua do Paço, porque “*divertia-se em lutar com um menor na Baixa dos Sapateiros*”.²¹⁷

“*Capoeira era coisa de moleque de rua!*” Esta foi uma frase que ouvimos em vários bate-papos que tivemos com idosos a fim de procurar informações sobre os capoeiras do seu tempo. E nela há mesmo um fundo de verdade. Muitos capoeiras de antigamente, negros, de família pobre, e que desde a tenra idade já trabalhavam, começaram a fazer capoeira ainda meninos, uns com seus próprios familiares, como nos contou Gerson Quadrado – “... *pulo capoeira desde pequeno; os meus pais [pai e padrasto] eram de capoeira também...*” – outros, talvez a maioria, com pessoas que encontraram e conheceram na rua.²¹⁸

Mestre Pastinha contou que começou a sua trajetória no universo da capoeiragem aos 10 anos de idade. De acordo com suas próprias palavras sua “*vida de criança foi um pouquinho amarga*”. Nesta época Pastinha era um menino “*franzininho*” e por azar encontrou um garoto mais “*taludo*” do que ele que se tornou seu “*rival*”. Constantemente eles brigavam e Pastinha sempre “*levava a pior*”, e saía chorando de “*tristeza e de vergonha*”. Até que “*Um dia da janela de uma casa, um velho africano assistiu*” uma luta entre os dois. Quando a briga terminou, o velho chamou Pastinha: “*-Meu filho, vem cá*”. Ele se aproximou da janela e o velho lhe disse: “*- Você não pode brigar com aquele menino, aquele menino é mais ativo do que ocê, aquele menino é malandro. [...] você quer brigar com o menino na raça, mas não pode*”. Depois fez o convite: “*O tempo que você perde empinando raia, vem aqui no meu cazuá que eu vou lhe ensinar...*” capoeira. A partir daí ele iniciou seu aprendizado na rua das Laranjeiras - “*ginga para aqui, ginga para lá, cai, levanta*”. Segundo Pastinha, o velho se chamava Benedito e naquele tempo já tinha em torno dos 80 anos de idade. Quando seu Benedito percebeu que Pastinha já estava preparado para enfrentar o menino, ele disse assim: “*-Então ocê já pode brigar com o menino*”. Pastinha então passou em frente à casa do antigo rival e a mãe dele gritou: “*- Ô, Nonato, é vem seu camarada*”. De dentro de casa “*o menino pulava na rua feito um satanás*”. Aí ele voltou a implicar com Pastinha, mas de lá para cá muita coisa tinha mudado e quando Nonato tentou acertá-lo com a mão ele saiu por baixo. O menino tornou a “*insistir*” e ele se defendeu de novo. Mas na terceira vez que ele tentou agredí-lo, Pastinha rebateu, deu-lhe uma rasteira e ele caiu, foi quando a mãe do moleque

²¹⁷ *Jornal Moderno*, 14.12.1914.

²¹⁸ Entrevista com Gerson Francisco da Anunciação já citada.

gritou: “-...cê vai panhar”. E Pastinha respondeu: “-Vai ver ele panhar [ê] agora”.²¹⁹ Depois disso Pastinha deixou de apanhar, iniciando um outro momento de sua vida também bastante duro e difícil na Companhia de Aprendizes de Marinheiros. Tinha por volta de 13 anos de idade e foi levado para esta instituição para aprender a arte marítima. Segundo ele, lá ensinou capoeira para seus companheiros, de 1902 a 1909.²²⁰

Já o Mestre Noronha se dedicou “a aprender a capoeira com a idade de 8 anos com um grande Mestre Cândido Pequeno que tinha uma argolinha na orelha”. Cândido Pequeno era “filho de um negro angola com uma africana no estado da Bahia” e foi no Beco do Xaréu (Baixa dos Sapateiros) que lhe ensinou as manhas da capoeira. Mestre Bimba também entrou para a capoeira na idade de doze anos através dos ensinamentos do africano Nozinho Bento, conhecido por Bentinho, na antiga Estrada das boiadas, atualmente bairro da Liberdade. Seu mestre era capitão da Companhia de Navegação Baiana.²²¹

Em Salvador, o treinamento do menor aprendiz e o seu ingresso no meio da capoeiragem não era feito da maneira ritualizada que parece ter existido no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. Aqui não parece ter havido a formação de maltas de capoeiras organizadas, com cores, gritos, e sinais específicos, e que seguiam um certo padrão de ensinamento. Na capital baiana os ensinamentos da capoeira eram passados de maneira livre e espontânea. Não se tem certeza de que “mestres” como Pastinha, Bimba, Noronha, entre outros existiam no fim do século XIX e início do século XX. Como Pastinha escreveu várias vezes em seu manuscrito, o aprendizado da “capoeira de antigamente não tinha regras”, era tudo na base da “observação”. Isso significa que cada um ensinava do seu modo, não existindo nenhum método, e que o aperfeiçoamento se dava na própria batalha do dia-a-dia e nas rodas abertas e inesperadas da capoeira de rua.

Era, portanto, no universo das ruas, palco contínuo da mistura da ordem com a desordem e da violência desregrada que tal mistura permite, que os capoeiras desenvolveram estratégias de vida e sobrevivência malandras. Ao mesmo tempo em que trabalhavam, faziam batuque, samba, bebiam; não respeitavam à autoridade policial, mas tentavam exercer um

²¹⁹ “Pastinha! Uma vida pela Capoeira – 1889/1981”. Diretor: Antônio Muricy – 1998. Co-produção com Racord produções. Imagens extraídas do filme : Bahia de Todos os Santos. Blimp Filmes. TV Globo. Revista Realidade. RJ: Editora Abril, 1967.

²²⁰ PASTINHA, Mestre. *A Herança de Pastinha...*, Op.Cit.

²²¹ Entrevista com Gerson Francisco da Anunciação já citada. COUTINHO. Daniel. *Op. Cit.*, pp.28 e 58. REGO, Waldeloir. *Op. Cit.*, p.268.

poder semelhante aos agentes da repressão; driblavam a ordem ora resistindo a prisão com violência, ora fugindo com esperteza. Transitando por esta zona de fronteiras tênues entre o certo e o errado, o lícito e o ilícito, o permitido e o proibido, o capoeira se tornou um personagem ambíguo, com a manha de navegar por esses dois mundos aparentemente opostos e teoricamente cindidos. Era de modo malandro que esses indivíduos concebiam e encaravam a lei, como transparece claramente na fala de um dos personagens de Orestes Barbosa, o Afonso Coelho, um velho punquista já regenerado. Quando perguntado pelo inspetor de segurança se não temia ficar um dia irremediavelmente perdido nos artigos do Código Penal, sorriu e disse: “ – *Qual, Exa. Os artigos do código penal são como bóias luminosas que existem nas baías: o bom navegador passa entre elas...*”.²²² Ora, para isso os capoeiras necessitavam de muita coragem e jogo de cintura.

O primeiro atributo para um homem poder ser um bom capoeira era, por conseguinte, a valentia, ou seja, a coragem de encarar o perigo, de não ter medo de brigar, especialmente se o adversário fosse um agente da ordem ou um inimigo tirado a valentão. Na realidade, a valentia era uma qualidade fundamental para todos aqueles que desde meninos viviam num ambiente social permeado pela violência, pois era também uma forma de afirmar a masculinidade e um meio de se destacar no mundo da desordem.²²³ Era através dela que alguns capoeiras adquiriam respeito, contestavam a miséria e resistiam à repressão policial.

Para nós, a capoeira era um trunfo a mais nas mãos de indivíduos que enfrentavam o cotidiano das ruas, tornando-os mais corajosos e valentes, graças à agilidade e elasticidade dos movimentos corporais aprendidos, que além de muitas vezes lhes salvarem a vida, lhes garantiam prestígio. Como mestre Gigante nos explicou: “... *naquela época..., menina, (...) aquilo era por valentia, hoje se aprende capoeira não é por valentia, mas eles, naquela época, aprendia capoeira pra brigar, e brigava mesmo*”.²²⁴

Essas brigas tinham uma razão de ser. O próprio Mestre Pastinha, que procurando legitimar a prática da capoeira chegou a dizer em seu livro que os capoeiras de outrora “*mereceram uma violenta repressão policial*”, esclareceu numa outra fonte que muitas das desordens que eles faziam “*não era propriamente por ele, era também provocado, porque se estava numa vadiação com um berimbau, eles passavam [os policiais], entendia de querer*

²²² BARBOSA, Orestes. *Op.Cit.*, p. 40.

²²³ ASSIS, Nanci S. S. *Questões de vida e morte na Bahia republicana (1890-1930)*. Salvador: Dissertação de mestrado, UFBA, 1996, p. 141.

²²⁴ Entrevista com Francisco de Assis (Mestre Gigante) anteriormente citada, 01.02.2002.

*tomar pra quebrar, aí inflamava, o íntimo do capoeirista não queria perder seu instrumento...”*²²⁵

Era, portanto, neste contexto de arbítrio em que a ordem provocava a desordem, como pode-se ver no relato acima citado, que a valentia se destacava como um atributo social necessário do capoeira. Mas isto ainda é uma conclusão simples demais. O importante é perceber que esta não era uma valentia qualquer, mas era também – e, sobretudo – uma valentia malandra, como passaremos a demonstrar agora.

Um capoeira que ficou famoso por ser bom de briga foi Besouro Mangangá, também conhecido como Besouro Cordão de Ouro, atualmente uma espécie de mito no mundo da capoeiragem.²²⁶ Não porque brigasse com qualquer pessoa, mas porque gostava de enfrentar aqueles que tinham fama e especialmente policiais abusados.²²⁷ Manuel Henrique Pereira era seu nome verdadeiro. Ele nasceu num vilarejo de Santo Amaro da Purificação no ano de 1885, trabalhou como marítimo e serviu ao exército. Na memória popular ficou registrado como um capoeira que sempre desafiava a polícia. Dessa maneira foi adquirindo cada vez mais fama, pois afrontar um agente da ordem sem receio aumentava o prestígio do capoeira e certas vezes até facilitava na hora de “descolar um troco” em determinados tipos de trabalho; o problema era que criava mais confusão com outros policiais.

Nas diferentes histórias contadas a seu respeito, Besouro em geral desafiava a polícia por um motivo digno, ora para salvar sua própria vida e garantir sua liberdade, ora em defesa dos seus amigos. Mestre Cobrinha Verde, que dizia ter aprendido capoeira com Besouro de Mangangá, contou, por exemplo, que era comum ele enfrentar o aparato policial para libertar seus companheiros da cadeia. Segundo Cobrinha, *“Besouro batia em todos [os policiais], tomava-lhes as armas, levava-as até o quartel e dizia: ‘Tá aqui, seus morcegos’ e jogava as*

²²⁵ PASTINHA, Mestre. *Capoeira Angola...*, Op. Cit., pp.24. CD de mestre Pastinha citado.

²²⁶ O conceito de mito usado neste trabalho se assemelha a definição de mito dada por Mathias R. Assunção: *“concepções vigentes no interior da comunidade dos praticantes da capoeira, veiculadas por diversos meios (tradição oral; cânticos, apostilas e publicações de pequena circulação), e que têm cumprido a função de manter integrada a comunidade em torno de seus valores considerados fundamentais”*. ASSUNÇÃO, Mathias Röhring e VIEIRA, Luiz Renato. “Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira”. Estudos Afro-Asiáticos, (RJ) n. 34, 1998, pp. 82/3. No nosso caso, a idéia de mito também está relacionada a alguns personagens que se tornaram famosos no meio da capoeiragem, uma espécie de herói para os praticantes atuais, assim como Besouro Mangangá. Vale destacar que certos mitos sobre os capoeiras se expandiram para o imaginário popular como veremos adiante.

²²⁷ Entrevista realizada por Antônio Liberac Pires com Ernesto Ferreira da Silva (Noca de Jacó) anteriormente citada.

armas”.²²⁸ Mas Besouro não encarava a polícia como qualquer valentão, era astuto e sabia exatamente como e o momento certo de agir, por isso, tudo indica, raramente foi encarcerado, com exceção da ocasião em que tentou recuperar um berimbau num posto policial na cidade de Salvador e acabou processado e preso.

Este incidente ocorreu no dia 08 de setembro de 1918, em torno das 12 horas da tarde. Besouro se dirigiu ao posto policial localizado em São Caetano (Itapagipe) e pediu ao soldado de plantão “*um berimbau que se achava exposto com as demais armas...*”. A resposta do policial foi negativa, pois disse que precisaria falar com o subdelegado. Irritado, o capoeira entrou no posto, suspendeu o “*Kepi*” de um outro soldado e “*deu-lhe um cocorote, chamando-o de recruta*”. Logo depois quando chegou o escrivão Simões, Besouro repetiu o pedido, que mais uma vez lhe foi negado. Enfurecido, ele começou a dizer uma série de insultos do tipo: “*subdelegado de porra, indecente, estúpido*”, desacatando a autoridade policial. Por causa disso um dos soldados tentou prendê-lo, mas ele resistiu à prisão, sacando de um sabre do exército. Nesta época já era praça do 31º Batalhão de Infantaria. Todavia mesmo sendo corajoso e bom de briga, Besouro ao perceber que poderia ser enquadrado, pois no posto havia dois soldados e um escrivão, foi maliciosamente se afastando do dito policial e se aproximando de seus três companheiros de serviço, todos armados de sabre, que aguardavam-no na rua. O guarda veio atrás dele, caindo na sua emboscada. Daí um sério conflito se desencadeou entre o grupo de Besouro e os dois soldados de polícia. Tudo indica que a briga já estava praticamente vencida quando um “*grupo de populares*” em auxílio aos policiais, começou a apedrejar Besouro e os demais praças do exército, que fugiram em direção ao Largo do Engenho da Conceição.

Mas a história não tinha terminado ainda, pelo menos da parte de Besouro. Passada meia hora, trinta praças do exército invadiram o referido posto policial sob o comando de um sargento que disse ao novo policial de plantão, as seguintes palavras: “*governo de porra,... sustentador de morcegos, sem compostura para querer desmoralizar os seus companheiros; pois ele, como comandante do piquete, vindo de ordem de seu comandante para levar preso os praças policiais que forem encontrados no posto*”. Agora a briga não era mais apenas entre um capoeira, seus camaradas e a polícia, mas entre duas forças da ordem. No final de tudo,

²²⁸ PIRES, Antônio C. Liberac. *Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá – Três personagens da capoeira baiana*. Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafset, 2002, capítulo I. REGO, Waldeloir, *Op. Cit.* Apud: Rafael Alves França (Cobrinha Verde), Centro Esportivo de Capoeira Angola, 2 de Julho/Narrado por Rafael Alves França (Cobrinha Verde) e escrito por José Alexandre, Salvador, 9.02.1963, pp.6/8.

Besouro foi processado, e apesar de ter inventado uma história completamente diferente a respeito do que tinha se passado, foi condenado e expulso do exército.²²⁹ Segundo Marcos Bretas, no início da República, na cidade do Rio de Janeiro, eram freqüentes os conflitos entre policiais e militares, brigas que chegavam a durar dias. Mas ao contrário do que aconteceu com Besouro, as pessoas do povo sempre se colocavam do lado do exército, porque devido “à transitividade existente entre a população marginal e o serviço militar de baixa patente” os populares nutriam uma constante antipatia pelas forças policiais.²³⁰ Esta discussão, no entanto, embora importante, ultrapassa o tema deste trabalho. O que nos interessa aqui é que o motivo inicial da confusão foi a tentativa de Besouro de recuperar um berimbau que ao invés de estar alegrando uma roda de capoeira estava nas mãos da polícia; e, é claro, também a sua valentia malandra.

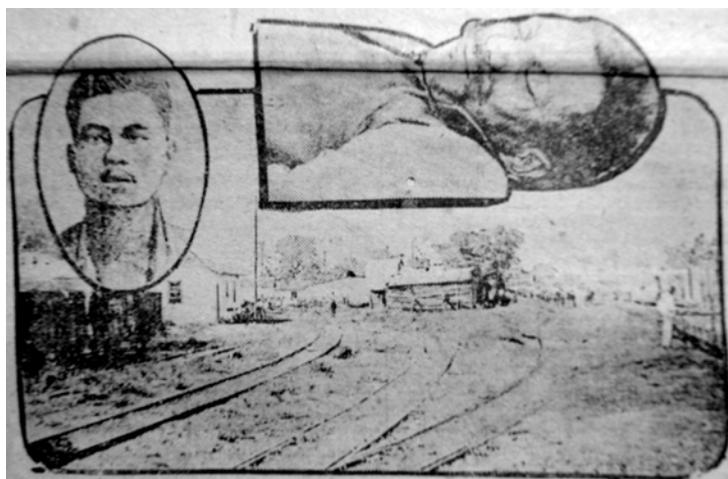
Atitudes como estas de enfrentar a polícia, não obedecer à ordem de prisão e desafiar a autoridade policial tomando-lhe o “*kepi*”, e às vezes até rasgando-lhe a farda, símbolo de poder, eram comuns no meio da capoeiragem. Humilhar a polícia era motivo de orgulho para muitos capoeiras. E nada mais altivo para um capoeira do que desacatar as forças da lei e se fazer respeitar nem que para isso precisasse da ajuda de seus amigos. Além do mais, sabiam bem os capoeiras que muitos policiais nem sempre andavam dentro da ordem, afinal freqüentavam prostíbulos, arrumavam confusão, agrediam “a torto e a direito”, gostavam de beber, ou seja, faziam parte do seu universo e não era porque estavam disfarçados de “*morcegos*” que poderiam prendê-los a qualquer momento. Não tinham autoridade suficiente para isso.

Num outro episódio, o capoeira Ignácio Loyola de Miranda foi valente ao enfrentar o policial Arestides de Santana, também capoeira, que tentava detê-lo por desacato à autoridade. Todavia, como Ignácio era conhecedor das manhas da capoeiragem, também usou da arte da esperteza e o policial se deu mal. Ignácio foi “*empregado das usinas da ‘Circular’*”, mas depois passou a trabalhar como vendedor ambulante. Há tempos era conhecido pela polícia por provocar constantes distúrbios. Provavelmente morava em São Domingos, pois era visto sair de lá todos os dias, seguindo em direção ao Pilar onde costumava realizar “*suas bravatas*”. O subdelegado Alexandre Guedes tendo recebido uma queixa a seu respeito

²²⁹ APEB, *processo crime de Manuel Henrique Pereira*, “Besouro Mangangá” (réu). Ano 1918, códice 202/24/18.

²³⁰ BRETAS, Marcos. *A Guerra das Ruas – Povo e Polícia na Cidade do Rio de Janeiro*. RJ: Arquivo Nacional, 1997, pp.53/9.

mandou intimá-lo a comparecer ao posto policial deste distrito, entretanto o *“valentão se dizendo protegido do subdelegado do Lobato não atendeu a intimação”*. Dois dias depois, o dr. Guedes deu ordens a dois praças para prendê-lo. Ele resistiu a prisão, desarmou um policial, mas acabou sendo detido por 24 horas. Ao ser posto em liberdade, revoltado, prometeu vingar-se da polícia. Foi neste dia que *“dirigiu uma pilhéria”* ao policial Arestides de Santana no Cais do Carvão, que ameaçou prendê-lo. Contudo, *“Loyola investiu contra ele e começou uma luta corporal”*. A briga não parece ter sido fácil, pois o policial além de ser capoeira, estava armado de sabre e imediatamente sacou sua arma. Ignácio, *“habilmente em passo de capoeira”*, tentava se desviar dos golpes desferidos. Porém, depois de a princípio resistir valentemente a prisão, Loyola resolveu ser mais esperto, se deu por vencido e simulou entregar-se. Todavia provavelmente quando o policial se distraiu, abrindo a guarda, o capoeira deu-lhe *“uma formidável cabeçada na região epigástrica”* tão forte e certa que Arestides foi arremessado ao chão *“agonizante”* e em poucos minutos morreu. Ou seja, Loyola anunciou que ia aceitar a *“ordem”*, para em seguida negá-la. Enganou o policial, fingindo submeter-se à sua força e respeitar sua autoridade, para em seguida atingí-lo de forma surpreendente e rápida com um poderoso golpe de capoeira. Arestides não teve nenhuma chance de se defender, e mesmo sendo um capoeira, não percebeu a artimanha de Ignácio e foi assassinado.



“O soldado de polícia e o capoeira assassino”

Fonte: *A Tarde*. 18.12.1916

Após cometer o crime, o agressor tentou escapar, mas acabou sendo preso e conduzido para o posto policial do Pilar. Ao responder o auto de perguntas ao subdelegado declarou simplesmente que *“não havia dado uma só pancada no soldado”* e que na verdade, tendo sido *“espancado barbaramente por ele, apenas procurara se livrar dos seus golpes de sabre”*.²³¹ Passados dois meses foi publicada uma nota no jornal Diário de Notícias afirmando que o réu havia sido processado por homicídio no artigo 294 do

²³¹ *A Tarde*, 18.12.1916 e *Diário de Notícias*, 19.12.1916.

código penal e se encontrava preso.²³² Podemos ver, portanto, que Ignácio Loyola, assim como Besouro de Mangangá, não utilizou apenas da força e da violência, mas foi, sobretudo, astuto e malicioso ao enfrentar a polícia.

Na crônica intitulada “*Valentes à unha*” Antônio Vianna descreve poeticamente uma cena que parecia ver freqüentemente no Cais do Ouro: um capoeira sendo perseguido pela polícia. O curioso é que Vianna, mesmo não sendo do universo da capoeiragem, percebeu que a arma de defesa dos capoeiras contra as forças da ordem não era exclusivamente a valentia, mas também a sagacidade somada à agilidade corporal. Primeiramente, escreveu, “*Estabelecia-se a ciranda. Corre daqui. Passa para ali. Ameaça. Oferece. Escapa. Enfrenta a treita. Para enganar, numa porfia exaustiva*”. De repente o sargento mais astuto segura o capoeira pela camisa. Contudo “*Este, lesto, quebra o corpo e deixa farrapos nos dedos do contendor*”. A arte da simulação mais uma vez foi crucial no momento em que um policial armado de facão se aproxima à surdina, e o “*capoeira finge não o ver*”, preparando “*a cabeçada à boca do estômago do policial*”, para em seguida mandá-lo “*aos ares com descida obrigatória às águas. Sem facão. Sem nada*”.²³³ Fica claro no texto que o “*corre-corre*” foi uma estratégia malandra do capoeira, adotada para cansar a patrulha de polícia, pois depois que os policiais estivessem esgotados seria mais fácil vencê-los.

Em todas as situações acima narradas a violência esteve aliada à sagacidade do capoeira, mas havia ocasiões em que o ideal era evitar totalmente o conflito para continuar vivo, e usar apenas a arte da esperteza e do disfarce, armas malandras fundamentais desses homens no universo das ruas. De acordo com uma das histórias narradas por Cobrinha Verde, houve uma situação em que Besouro Mangangá precisou usar de muita astúcia para não ser assassinado por um grupo de policiais. Estava passando em frente ao Largo da Cruz, quando encontrou um soldado de polícia e como não gostava de policial, “*Besouro o fez tomar uma cachaça a muque*”. O soldado queixou-se ao seu superior que imediatamente deu ordens a uma turma de dez soldados, sob o comando do cabo José Costa, para trazê-lo preso “*vivo ou morto*”. Besouro estava dentro de um botequim no mesmo Largo e se recusou terminantemente a obedecer à ordem de prisão. Todavia sabia que apesar de ser capoeira, estava em desvantagem absoluta em relação aos policiais, afinal ele era um só, além disso, todos estavam armados de revólver e Besouro não. Por outro lado, entregar-se simplesmente

²³² *Diário de Notícias*, 12.02.1917. Não conseguimos encontrar o processo crime de Ignácio Loyola de Miranda.

²³³ VIANNA, Antônio. *Casos e Coisas...*, *Op. Cit.*, p.133/4.

seria uma atitude que afetaria sua honra. Então, saiu do boteco de costas, discutindo com os policiais, que no calor da hora não perceberam que Besouro podia tentar escapar. Contudo o que Besouro fez foi encostar-se na Cruz no meio da praça, abrir os braços e afirmar aos berros que não se entregava de modo algum. E assim que os soldados deram os primeiros tiros, Besouro fingiu que fora atingido e se jogou no chão. O comandante se aproximou da vítima, mas parece não ter observado direito, uma vez que acreditou que ele e seus homens de fato tinham conseguido acabar com a vida de Besouro Mangangá. Pura malandragem. Besouro era valente, mas não era otário. Quando percebeu que estava correndo risco de vida, pensou rápido e simulou estar morto, enganando os policiais.²³⁴

Provavelmente esta é mais uma lenda em torno da figura de Besouro. No entanto, ela mostra que muitos capoeiras sabiam que nem sempre o conflito era a melhor forma de resistir à prisão e que muitas vezes se valiam da arte do fingimento e da malícia para garantirem sua vida e sua liberdade. Tudo indica que esta maneira de enfrentar o inimigo era muito valorizada no meio da capoeiragem. Pois desse modo mostravam que sabiam gingar não só no corpo, mas também na cabeça, e que mais do que valentes, eram homens inteligentes e espertos. Como escreveu mestre Noronha em seu manuscrito, esta era a *“malícia da sabedoria que corre para não morrer...”*. Ou seja, se a situação fosse desvantajosa para o capoeira, era muito mais ardiloso e sábio, fugir. Segundo Noronha, o capoeira era muito eficiente porque só entrava numa briga se fosse *“conveniente a ele senão for conveniente... ele desiste [porque] aquele que é inteligente não briga”*, espera uma outra oportunidade para poder se vingar, certamente quando se sentisse de fato preparado para ganhar a luta.²³⁵ Muniz Sodré, sociólogo e ex-aluno de capoeira de Mestre Bimba, também afirmou que Bimba *“não acreditava em valentes absolutos”*, isto é, sabia que não era sempre que o capoeira devia partir para o embate direto. E, assim como Noronha, *“aceitava mesmo a possibilidade de correr se a parada fosse dura demais, sentenciando que ‘quem agüenta tempestade é rochedo’ [...]”*. Segundo Sodré, esta atitude mostrava *“a malícia perigosa do não-agir”*, pelo menos naquele exato momento.²³⁶

Os capoeiras eram considerados indivíduos de tamanha esperteza que em torno deles

²³⁴ REGO, Waldeloir, *Op. Cit.* Apud: Rafael Alves França (Cobrinha Verde), Centro Esportivo de Capoeira Angola 2 de Julho/Narrado por Rafael Alves França (Cobrinha Verde) e escrito por José Alexandre, Salvador, 9 de fevereiro de 1963, pp.6/8.

²³⁵ COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, pp.27 e 47.

²³⁶ SODRÉ, Muniz. *Mestre Bimba: Corpo de Mandinga*. RJ: Manati, 2002, p.18.

giravam alguns mitos. Alguns acreditavam que o capoeira podia virar um “*pé de moto*”, como afirmou mestre Pastinha em seu manuscrito. Esta lenda ultrapassou a memória da capoeiragem e penetrou o imaginário popular. Tanto assim que há a história de que quando um capoeira se enfiava no meio de um bananal, tentando escapar da polícia, os policiais mandavam cortar toda a plantação, pois achavam que uma das bananeiras era o fugitivo e que dessa maneira conseguiriam matá-lo. Um outro mito é que certos capoeiras podiam se transformar num animal ou num objeto qualquer para se livrar da prisão ou de algum rival. O fio condutor de todos estes mitos é que numa situação arriscada, os capoeiras tinham o poder mágico de perder a forma humana e escapar do perigo.

O apelido de Besouro Mangangá, por exemplo, segundo seu discípulo Cobrinha Verde, veio da lenda “*de que muitos diziam que quando ele entrava em alguma embrulhada e o número de inimigos era grande demais, sendo impossível vencê-los, então ele se transformava em besouro e saía voando*”.²³⁷ Mestre Gigante, que aprendeu capoeira com Cobrinha Verde, nos contou também que seu mestre “[...] *era um cara que fazia desordem e quando a polícia vinha para prender ele, ele sumia, ele se transformava num porco, num cachorro*”. Gigante chegou a se emocionar ao relembrar as histórias de Cobrinha, um homem simples que aprendeu capoeira no “*meio da cachaça*”, como ele mesmo contava. Gigante sorria se recordando que aquele que lhe ensinou os primeiros passos da capoeiragem em baixo de um pé de cajueiro no Chame-chame tinha a capacidade de burlar totalmente a polícia, fazendo-a de idiota em nome da sua liberdade. E com um olhar de orgulho e satisfação nos disse que era “*bonito*” saber que seu mestre disfarçado de animal “*... tava ali vendo a polícia e a polícia não tava vendo ele*”.²³⁸

Essa associação entre o capoeira e determinados animais pode ser compreendida não só por causa da esperteza, mas também em função da agilidade e flexibilidade corporal que a capoeiragem proporcionava ao indivíduo. O capoeira era tão veloz e flexível na execução de um golpe e tão rápido para escapar da polícia, que parecia agir como um bicho. Gigante nos contou que alguns capoeiras antigos eram como um “*gato*” ou um “*macaco*” de tão ligeiros. Outros mestres diziam que os golpes de capoeira se originaram do modo de mover-se de certos bichos. A analogia do capoeira com alguns animais virou senso-comum. No livro sobre

²³⁷ REGO, Waldeloir. *Op. Cit.*, p.264.

²³⁸ Entrevista com Francisco de Assis (Mestre Gigante) já citada, 01.02.2002. SANTOS, Marcelino. *Capoeira e Mandingas: Cobrinha Verde*. Salvador: A Rasteira, 1991, p.22.

a fundação do sindicato dos estivadores em Salvador, por exemplo, foi registrada uma história fantasiosa em que o capoeira apelidado por Totonho de Maré, estivador e jogador de cartas, ao ser flagrado pela polícia numa jogatina “*subiu numa parede lisa, o que levou o Delegado a dizer: Isto não é um homem é uma lagartixa*”. A neta de mestre Casarangongo, capoeira nascido no Rio Grande do Norte no ano de 1910 e criado em Santo Amaro da Purificação a partir dos 10 anos de idade, disse também se referindo ao avô: “*esse homem é uma cobra, quando a gente menos espera dá o bote*”, isto é ataca de surpresa, na malandragem.²³⁹

Algumas cantigas de capoeira associavam o capoeira à cobra, um animal que ataca de modo inesperado e certeiro a sua vítima. A cobra também em geral é venenosa e seu veneno pode matar, assim como um golpe de capoeira. Além disso, a cobra é ligeira por isso foge facilmente. Portanto a analogia não era por acaso. Na canção abaixo é evocada a proteção de São Bento. São Bento é nome próprio de um santo da Igreja Católica, “*patriarca fundador da Ordem dos Beneditinos*”. E não é por acaso que seu nome é citado numa cantiga de capoeira que faz referência à cobra venenosa. Este santo é tradicionalmente conhecido em todo território nacional como aquele que protege contra mordida de cobra. Há inclusive um livro de medicina teológica e benzeduras que contém várias orações de São Bento para prevenir contra cobras e outros animais venenosos.²⁴⁰

*Esta cobra me morde
Sinhô São Bento*

*Oi o bote da cobra
Sinhô São Bento*

*Oi a cobra mordeu
Sinhô São Bento*

*O veneno da cobra
Sinhô São Bento [...] ²⁴¹*

As práticas sociais malandras dos capoeiras também estavam intimamente relacionadas com o jeito desconfiado e prevenido de ser de muitos desses homens. Por

²³⁹ PINTO, Heliogábo Coelho. *Op. Cit.*, p.53. Anotações de campo. Depoimento de Antônio Eloi dos Santos (Mestre Casarangongo) e de alguns membros de sua família. Marechal Rondon, Salvador, 3.05.2002.

²⁴⁰ REGO, Waldeloir. *Op. Cit.*, pp. 207, 243/4. Sobre as orações de São Bento ver REGO. W. *Op. Cit.*, p. 243/4. Apud: CABRAL, Oswaldo. *A medicina teleológica e as benzeduras - suas raízes na história e sua persistência no folclore*. Separata da Revista do Arquivo Municipal, n. CLX. SP: Departamento de Cultura, p.165. “*Meu Glorioso São Bento que subsiste no altar, desce de lá com tua água benta e benze os lugares por onde eu andar, afugenta as cobras e os bichos peçonhentos: que não tenham dentes para me morder nem olhos para me olhar. Valha-me, São Bento, Filho, valha-me meu Anjo da Guarda e valha-me a Virgem Maria. Amém*”. Atualmente alguns toques ou ritmos musicais do jogo de capoeira levam o nome deste santo, tais como: São Bento Grande, São Bento Pequeno, entre outros.

²⁴¹ REGO. *Op. Cit.*, pp.94/5.

viverem num ambiente de violência, perseguição e pobreza, em um espaço urbano visto como um universo onde aparentemente todos estavam contra todos, e onde a ação policial era arbitrária e autoritária, muitos capoeiras estavam sempre a espera de que algum mal lhes acontecesse. Em virtude disso, como afirmou Manuel Querino, “*Andando nos passeios, ao aproximar-se de uma esquina [o capoeira] tomava imediatamente a direção do meio da rua*” porque algum vagabundo ou inimigo podia estar a sua espreita; “*em viagem, se uma pessoa fazia o gesto de cortejar alguém, o capoeira, de súbito, saltava longe, com a intenção de desviar uma agressão, embora imaginária*”.²⁴² Uma outra forma de se precaver era evitar andar pelo mesmo caminho pois “*Coelho que anda por um caminho só morre cedo*”, foi o que explicou mestre Casarangongo que era muito precavido desde a sua juventude, mesmo sendo um homem alto e forte, e até hoje com os seus 93 anos mostra muitas destas características na sua personalidade. Na verdade, a desconfiança se misturava com muitos hábitos sociais dos capoeiras, como Mestre Pastinha nos mostra com uma enorme riqueza de detalhes:

*[...] Capoeirista não gosta de abraço e aperto de mão. Melhor desconfiar sempre das delicadezas. Capoeirista não dobra uma esquina de peito aberto. Tem que tomar dois ou três passos à esquerda ou à direita para observar o inimigo. Não entra pela porta de uma casa onde tem corredor escuro. Ou tem com o que alumiar os esconderijos da sombra ou não entra. Se está na rua e vê que está sendo olhado, disfarça, se volta rasteiro e repara de novo no camarada. Bom, se tiver olhando ainda, é inimigo e o capoeirista se prepara para o que der e vier.*²⁴³

Além disso, alguns mestres contam também que muitos capoeiras eram indivíduos que possuíam aquele “*carrancismo*”, isto é, eram homens fechados, de pouca amizade, e que não confiavam nem na sua própria sombra. Este era o caso de Casarangongo. Ele nos disse que nunca foi de “*muita camaradagem*”, e que estava “*sempre de olho vivo*”. Sua personalidade é exatamente esta, a de um homem carrancudo, desconfiado, sério, e de poucas palavras, como se todos estivessem tramando alguma armadilha contra ele. Contudo, com uma certa dificuldade, conseguimos conquistar sua confiança. Nas nossas conversas sobre capoeiragem, ele ressaltava sempre que a malandragem andava casada com a desconfiança, e dava sempre a entender que este seu modo de ser e agir eram essenciais no seu dia-a-dia. Um dos seus

²⁴² QUERINO, Manuel. *Op. Cit.*, pp.73/4. PASTINHA, Mestre. *A Herança de ...*, *Op. Cit.*

²⁴³ *Revista Realidade*, artigo citado.

principais conselhos era “*boca fechada e pé ligeiro*”. Este provérbio pode ser interpretado de diversas maneiras. Sua segunda parte pode significar a importância tanto da fuga, como da velocidade dos golpes, o que já foi discutido. Mas a primeira parte, segundo Casarangongo, significava especialmente não falar para todo mundo da sua vida, dos seus planos e muito menos das suas artimanhas, o que pode ser entendido como não falar mal da vida dos outros, não entregar um companheiro para a polícia, ou ainda que capoeira de antigamente não costumava dizer a todo mundo que sabia jogar capoeira. Guardava segredo.²⁴⁴

Disfarçar a identidade era uma outra estratégia de sobrevivência malandra dos capoeiras e embora Manuel Querino afirmasse que “*os capoeiras de profissão*” eram facilmente reconhecidos pela “*atitude singular do corpo*” e modo de andar “*arvezado*”, alguns mestres antigos nos contaram que os capoeiras nem sempre andavam “*gingando*” para não revelarem que eram capoeiras. Mestre Gigante explicou que “*eles sabia capoeira, mas eles viviam escondido, não dizia que era capoeirista por causa da polícia*”.²⁴⁵ Esta era sua arma secreta. De outro modo correriam mais perigo, pois quando a polícia quisesse prendê-los, viria previamente preparada, com um número elevado de soldados armados, e de preferência montados a cavalo para conseguirem encarcerá-los.

Ocultar a identidade de capoeira continuou sendo uma necessidade dos capoeiras até no período posterior ao que estamos estudando, quando a capoeira vai se tornar uma prática social quase legitimada. Gigante, por exemplo, precisou usar desta artimanha para não ser preso e poder visitar um companheiro na prisão. Esse fato parece ter acontecido em torno da década de 1940. Um amigo de Gigante, capoeira conhecido por Barbosa foi preso porque arrumou uma confusão com um policial e Gigante comprou “*uma bisnaga de pão, um maço de cigarro*” e foi vê-lo. Segundo ele quando chegou na delegacia “*só tinha o soldado assim, e uma moça conversando com o delegado*”. Gigante disse que queria “*falar com o preso Teodomiro Barbosa*”. O soldado perguntou: “*-É o capoeirista?*”. E ele se fazendo de desentendido respondeu “*-Eu não sei...*”. Quando a moça se retirou o soldado disse: “*-Ô, cê é capoeirista também?*” Gigante negou, dizendo “*-... não sei nem o que é capoeira*”. Quando foi apresentado ao delegado teve que inventar o nome de um advogado qualquer para

²⁴⁴ Entrevista com Francisco de Assis já citada, 01.02.2002. Anotações de campo. Depoimento de Antônio Eloi dos Santos (Mestre Casarangongo) e de alguns membros de sua família anteriormente citado. Anotações de campo. Depoimento de Antônio Eloi dos Santos (Mestre Casarangongo) citada, 09.08. 2002.

²⁴⁵ QUERINO, Manuel. *Bahia de Outrora...*, *Op. Cit.*, p.75. COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, p.56. Entrevista com Francisco de Assis (Mestre Gigante) citada, 01.02.2002.

justificar sua visita a Barbosa porque o delegado olhou para ele meio desconfiado e foi logo dizendo “-*Você tem a cara de quem gosta de espancar polícia também, bater em polícia [...], capoeirista, né?*”. Todavia Gigante conseguiu enganá-lo. E até chegou a encontrar seu amigo Barbosa, mas um outro policial que sabia que ele era capoeira gritou: “-*Rapaz caia fora, cai fora, caia fora senão lhe meto no xadrez, lhe meto no xadrez também!*”. Depois disso Gigante decidiu nunca mais fazer visita para preso nenhum.²⁴⁶

Nesta história Gigante negou que era capoeira por causa da raiva mútua que ainda existia entre policiais e capoeiras, e dos problemas que conseqüentemente daí surgiam. Contudo ele próprio contou que antigamente muitos capoeiras omitiam sua identidade mesmo para seus próprios camaradas e conhecidos. Acontecia até deles irem para as rodas, mas não jogavam, ficavam apenas observando. Sua explicação era simples: “*Eles tinha aquilo ali como um esporte falso*”. Falso, primeiro, porque era segredo; segundo porque era usado não só para brigar com policial, mas também numa contenda com seus companheiros de serviço e de farra. Obviamente, na hora de qualquer desentendimento, levariam mais vantagem se seus rivais não soubessem que eles eram capoeiras e ficaria muito mais fácil vencê-los num duelo ou pegá-los numa emboscada.

Um outro aspecto bastante destacado pelos velhos mestres era que “*capoeira de antigamente andava sempre armado*”, especialmente por precaução. Mestre Pastinha narrou em seu manuscrito que seu instrumento de defesa predileto era “*um pequeno cacete campeia de ticum ou linho*”, contudo numa outra fonte afirmou que trazia sempre com ele “*um facãozinho de doze polegadas e de dois cortes*”.²⁴⁷ Além dessas armas os capoeiras de outrora usavam faca, navalha, facão costela de vaca, revólver, o que era mais raro, e até o berimbau, como já vimos, poderia se transformar numa arma. Todavia estas não eram as únicas armas que os capoeiras carregavam consigo.

De acordo com o depoimento de Mestre Gigante, os capoeiras utilizavam outras substâncias como arma, as quais eram mais usadas em briga de rua. Gigante nos disse que “*[...] na rua, negócio de briga de rua [...], não se confiava muito neles não, que eles usava... mastigar pimenta pra cuspir nos olho dos adversário, jogar areia [...]*”. Segundo ele, teve uma ocasião que um sujeito, armado com um punhal, arrumou um barulho com um capoeira apelidado de Onça Preta “*por causa de ciúme, por causa de mulher*”. Porém quando o

²⁴⁶ Entrevista com Francisco de Assis (Mestre Gigante) citada, 01.02.2002.

²⁴⁷ PASTINHA, Mestre. *A Herança de...*, Op. Cit. *Revista Realidade*. Artigo citado.

homem sacou sua arma, *“Onça Preta tava preparado com areia e jogou areia nos olhos do cara e tomou o punhal. Não matou o cara porque não quis”*.²⁴⁸ Mas eis a questão: será que isso só acontecia em situação de conflito? Veremos que não.

O cronista Antônio Vianna escreveu que uma das principais características do capoeira era a lealdade e que *“no rol de semelhante gente não se verificava um madraço, um traidor”*. No entanto, nem todos os capoeiras do passado inspiravam tamanha confiança. Édison Carneiro parecia saber disso, segundo ele, esta observação: *“Brincá com capoeira? Ele é nego farso...”* era verdadeira, e dirigida especialmente aos *“incautos”* e aos *“gabolas”*. E embora Pastinha afirmasse que nas rodas realizadas nas festas populares os capoeiras *“estavam em brincadeira”* e respeitavam uns aos outros, improvisavam *“gestos e cantos”*, o que atraía a atenção do público, paradoxalmente também escreveu que *“antigamente era doloroso uma roda de capoeiristas”* por causa da violência.

Esta é uma contradição presente nas narrativas de diferentes mestres antigos. Gigante, a propósito, numa mesma entrevista admitiu que *“muitos capoeiras eram desordeiros”* - o que não significava que eram criminosos, mas que faziam arruaça e se metiam em diversas confusões – e que a maior parte deles era atrevida e aprendia capoeira para brigar, sendo que ressaltou também que *“na roda eram amigos, não existia briga”*. Não obstante quando começou a contar sobre as rodas de capoeira de rua que ele participava em torno dos anos 40, acabou revelando que nem sempre a relação entre os jogadores era assim tão amigável.²⁴⁹

Vimos no capítulo I que durante a República Velha mesmo numa brincadeira de capoeira entre amigos a violência podia surgir. O caso de Samuel da Calçada e Valeriano, por exemplo, é bastante ilustrativo. Estes dois capoeiras eram amigos, mas numa ocasião quando *“vadiavam”* na Baixa dos Sapateiros, Samuel pegou seu revólver talvez para dar mais realidade ao duelo, e sem querer matou Valeriano. Depois disso ficou desesperado, pois esta não era a sua intenção.²⁵⁰ Na realidade, tudo indica que nem sempre as rodas eram espaços restritos à brincadeira e que em certas ocasiões o conflito era inevitável, o que não quer dizer que os capoeiras fossem sempre para a roda com o intuito de brigar. A roda era especialmente

²⁴⁸ Entrevistas com Francisco de Assis (Mestre Gigante). Engenho Velho da Federação, Salvador, 01 de fevereiro e 14 de maio de 2002.

²⁴⁹ VIANNA, Antônio. *Casos e Coisas...*, *Op. Cit.*, p.135. CARNEIRO, Édison. *Religiões Negras...*, *Op. Cit.*, pp. 218/9. PASTINHA, Mestre. *A Herança...*, *Op. Cit.* Entrevista com Francisco de Assis (Mestre Gigante) citada, 01.02.2002.

²⁵⁰ *Jornal Moderno*, 18.03.1913.

um momento de descontração e alegria, mas a capoeira era uma luta perigosa, cheia de artimanhas e malandragens, e os capoeiras, homens valentes, prevenidos, desconfiados, e que ainda por cima andavam armados. Por isso às vezes a violência escapava, e era difícil estabelecer um controle rígido sobre o que iria acontecer a partir daí. Como escreveu Mestre Noronha, “*a lei do capoeirista é traiçoeira por isso, tem o nome de bamba, na roda da malandragem*”, o que mostra que a lei do capoeira não era bem a lealdade, e que certas vezes valia tudo nas rodas de rua do passado.²⁵¹

Mestre Gigante nos contou que os antigos capoeiras costumavam “*andar sempre com uma maldade*” camuflada para ser utilizada de maneira surpreendente, dentro e fora da roda. Ou seja, traziam consigo sempre uma pimentinha malagueta ou um punhado de areia no bolso, e até uma navalha escondida no sapato ou em lugares mais inesperados. Estes artifícios não eram apenas uma arma de defesa à repressão policial, mas eram usados contra seus próprios camaradas. Este conceito de “*maldade*”, utilizado por Gigante e que também aparece escrito ao lado de vários desenhos de movimentos de capoeira feitos por mestre Pastinha, parece se referir à forma perversa e malandra dos capoeiras agirem tanto numa brincadeira de capoeira como no seu dia-a-dia, o que na época talvez eles não vissem propriamente como perversidade.²⁵²

Como disse mestre Gigante, “*eles eram um pouquinho malvado...*”. Em algumas de nossas entrevistas, ele contou que no seu tempo de capoeira também chegou a assistir algumas “*maldades*” nas rodas de capoeira de rua. Neste período, como se sabe a capoeira era parte integrante das festas populares; as rodas acompanhadas de uma orquestra de berimbaus, pandeiros, reco-reco, atabaque e agogô faziam a alegria do público. Gigante era um dos grandes tocadores de berimbau de Salvador, e tocava seu instrumento predileto tanto nas rodas de angola quanto nas rodas de regional, pois foi tocador de berimbau de Bimba e de Pastinha, e até hoje é conhecido por esta sua habilidade. Em geral nas rodas de apresentação era ele um dos que segurava o ritmo da orquestra de berimbau. Gigante lembrou que numa dessas festividades teve “*uma roda forte aí na praça da Sé*”. Era dia de carnaval, tinha bastante gente e em retribuição à exibição dos capoeiras, algumas pessoas jogavam dinheiro na roda. Nesta época era comum os capoeiras fazerem um tipo de jogo em que dois indivíduos

²⁵¹ COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, p.27.

²⁵² PASTINHA, Mestre. *A Herança de...*, *Op. Cit.* Vale destacar que o termo “*maldade*” também é utilizado por velhos mestres de capoeira, a exemplo de mestre Noronha, com conotação positiva, designando a mandinga da capoeira, a arte do disfarce e da esperteza. Ver: COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, pp. 38 e 42.

se desafiavam para ver quem conseguia pegar o dinheiro do chão com a boca. Segundo Gigante no meio deste jogo, um dos capoeiras que “*tava com uma pimentinha, uma pimentinha, mais verde do que madura*” na boca, num momento oportuno deu uma cusparada nos olhos do outro jogador, pegou o dinheiro e se mandou. O pessoal gritava “–*Venha cá, venha cá!*” e o sujeito respondia “–*Venha cá o quê, e não me acompanhe!*”. E levou mesmo o dinheiro na “*falsidade*”. Numa outra roda de rua, Gigante ouviu um capoeira dizer: “*eu sou homem para brigar com metade desses safados...*” e depois completar baixinho: “*eu vou derrubar esse cara é agora, e vou correr*”. E foi o quê o rapaz fez. Chamou o homem para jogar, procurou “*um lugar que tivesse areia*” e jogou um “*punhado de areia*” no rosto dele, em seguida deu-lhe uma rasteira e fugiu em disparada.²⁵³

Mestre Casarangongo foi vítima de algumas maldades praticadas por capoeiras “*traíçoeiros*”, o que não significa que ele fosse santo. Uma delas envolveu um capoeira metido a valentão que numa roda de capoeira, em torno da década de 1930, deu uma rasteira em Espinho Remoso, velho parceiro de Casarangongo. Eles se conheceram ainda crianças e praticamente aprenderam capoeira juntos em Santo Amaro da Purificação. Casarangongo não gostou de ver o valentão derrubar seu companheiro e o sujeito o chamou para um desafio, porém naquele dia ele não estava preparado e marcou a luta para uma outra ocasião, como era de praxe dos capoeiras. Quando Casarangongo foi “*tirar a forra*”, o outro capoeira, que estava acompanhado de sua esposa, no meio do combate, puxou uma navalha que estava escondida entre os seios da mulher, mas ao que tudo indica Casarangongo conseguiu se defender e ainda o desarmou. Esta não parece ter sido a primeira vez que Casarangongo assistia aquela cena, pois afirmou que sabia que era lá “*no meio dos peitos da mulher*” que aquele capoeira tinha o costume de guardar sua arma.²⁵⁴ E provavelmente era desse jeito, na “*maldade*”, que certas vezes ele conseguia ganhar a luta.

Se entre as décadas de 1930 e 1940, período em que a capoeira já estava passando por um processo de legitimação, e em que mestres como Pastinha, Noronha, Bimba, Cobrinha Verde, entre outros, tinham toda uma preocupação em minimizar a violência no meio da capoeiragem, alguns capoeiristas ainda usavam destes artifícios “*maldosos*” na roda e nos seus

²⁵³ Entrevistas realizadas com Francisco de Assis (Mestre Gigante). Engenho Velho da Federação, Salvador, 01 de fevereiro, 22 de março e 14 de maio de 2002.

²⁵⁴ Anotações de campo, Salvador, Antônio Eloí dos Santos (mestre Casarangongo) anteriormente citado, 03.05.2002.

embates do cotidiano, podemos imaginar como agiam então na República Velha, quando a capoeira era exclusivamente uma cultura de rua, sem regras, nem golpes proibidos.

Na verdade, as “*maldades*” parecem se misturar com o universo de superstições dos capoeiras. Num certo sentido, a vida de muitos desses homens estava sempre em perigo, em função do meio social em que viviam, das brigas em que se envolviam, da perseguição policial e das arriscadas rodas da capoeira de rua. E assim como os capoeiras não costumavam confiar em ninguém, sabiam também que não eram indivíduos muito confiáveis. Por isso tinham uma grande preocupação em ter seu “*corpo-fechado*”, ou seja, protegido de todos os malefícios, e forças negativas que viessem a cruzar seu caminho. Mestre Noronha, por exemplo, escreveu em seu manuscrito que tinha sempre o cuidado de ir às rodas de capoeira com seu “*corpo-fechado*”, seus “*orixás*” e suas “*orações*” em dia.²⁵⁵

De acordo com Jair Moura, os capoeiras de antigamente usavam bolsas de mandinga, talismãs ou patuás pendurados no pescoço, cuja finalidade era “*fechar o corpo*”.²⁵⁶ Esta bolsa de mandinga era de fato uma pequena bolsinha feita de couro ou pano e podia conter diferentes amuletos: “leite de Nossa Senhora” – “... *pedra alva com uma imagem em um dos lados...*” -, “cera de veia benta”, “pedra d’ara”, etc. Este costume vinha da crença de que o capoeira que tivesse um patuá composto “*de qualquer destas substâncias, tinha o poder [...] de livrar-se de todos os perigos, tornando-se forte e corajoso, chegando mesmo a ter a faculdade de transformar-se em toco de pau*” nas ocasiões que quisesse. Na Sexta-Feira Santa alguns capoeiras costumavam preparar seus talismãs com fios de bata de padre, fios do “santolenho” – lenço usado para limpar a taça de vinho na hora da missa - e algodão benzido com água benta “*para alcançar a proteção divina*”. Estas bolsinhas também podiam conter algumas orações poderosas como a do “*Signo de Salomão*” e “*as iniciais JMJ*” que significava Jesus, Maria, José.²⁵⁷

Esta prática de preparação de “*amuletos-patuás*” era muito comum na religião do candomblé,²⁵⁸ à qual alguns capoeiras estavam ligados, o que não impedia que símbolos

²⁵⁵ COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*, p.28.

²⁵⁶ O termo mandinga era popularmente usado principalmente com o sentido de feitiço. Contudo mandinga também designava um povo africano, dos Vales do Senegal e do Níger, conhecido por serem grandes feiticeiros e mágicos. Ver: CASCUDO, Luís Câmara. *Op. Cit.*, p.452.

²⁵⁷ MOURA, Jair. “Capoeirista de antigamente...”, *artigo citado*.

²⁵⁸ NICOLAU, Luis. *A tradição do culto vodum no processo formativo do candomblé* (trabalho em andamento). Cópia cedida para discussão aos participantes da linha de pesquisa Escravidão e Liberdade do programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia, 2001, p.18.

católicos fossem utilizados na composição de seus patuás. Na memória da capoeira aparece também o uso do livro de São Cipriano, que contém uma série de orações fortes e receitas de feitiçarias. Além disso, alguns capoeiras tinham relação com feiticeiros que não eram necessariamente pais de santo, ou seja, não possuíam terreiro, nem eram filhos de santo. No entanto é importante mencionar que na Bahia, especialmente em Salvador e no Recôncavo, desde o século XIX o termo feiticeiro era em geral uma maneira pejorativa de designar o “*candomblezeiro*”.

Ao que tudo indica o Signo de Salomão e as letras MJJ tinham um importante significado no universo da capoeiragem, e sua função principal era fechar o corpo do seu portador, livrando-o de qualquer malefício e até mesmo da morte.²⁵⁹ No manuscrito de Mestre Noronha, por exemplo, eles aparecem várias vezes.²⁶⁰ E se alguns capoeiras preparavam patuás com estes símbolos, outros traziam-no tatuados em seu próprio corpo tal como Pedro de Alcântara Conceição, mais conhecido por Pedro Piroca, que trabalhava no mercado Santa Bárbara com Pedro Porreta, “o dono da Baixinha”. Pedro Piroca ainda tatuou acima do Signo de Salomão, três cruzeiras. Um outro capoeira que também tinha uma tatuagem no seu braço esquerdo, com as iniciais do seu nome, uma cruz e um Signo de Salomão era o policial Arestides de Santana assassinado por Ignácio Loyola.²⁶¹

“*Quem não pode com mandinga, não carrega patuá*”.²⁶² Esta é uma estrofe repetida em diversas cantigas de capoeira, o que sugere que o uso de patuás protegia os capoeiras dos feitiços alheios feitos por capoeiras ou outra pessoa qualquer, uma amante, um inimigo, etc. Certos cantos de capoeira eram claramente “*cantigas de escarnário e de mal dizer*”. Para Waldeloir Rego algumas delas faziam referência à cor preta “*como símbolo do desprezível, do diabo, partindo dessa premissa para toda espécie de escarnário*”. Dentre as cantigas desse tipo citadas pelo etnólogo, há , por exemplo, uma canção em que se maltrata alguém, desejando-lhe claramente as piores enfermidades – sarna, tinha (doença do ar), e praga de galinha:

²⁵⁹ MOURA, Jair. “Capoeirista de antigamente...”, *artigo citado*.

²⁶⁰ COUTINHO, Daniel. *Op. Cit.*

²⁶¹ APEB, *processo crime de* Pedro de Alcântara Conceição, “Pedro Piroca” (réu). Ano de 1916, códice 24/18 e *processo crime de* Arestides de Santana e outros, já citado.

²⁶² REGO, Waldeloir. *Op. Cit.*, pp.104 e 106. Ver também cantigas de número 13, 17, 26, 27, 28, 29, 33, 38, 43, 57, 65, 68, 83, 91, 109, 110 e 131.

*Te dô sarna te dô tinha
Te dô doença do á
Te dô piolho de galinha
Pra acaba de te matá*²⁶³

Não era à toa, portanto, que os capoeiras antigos não iam a uma roda de capoeira de “*corpo aberto*”, sem proteção. Como explicou mestre Gigante, eles eram homens “*preparados*”, tinham “*preceitos*”, ou seja, além de andarem armados, serem espertos e se garantirem no jogo de perna, também faziam tatuagens, conheciam rezas fortes de “*São Salomão e São Cipriano*”, carregavam patuá e preparavam mandinga para se protegerem de qualquer “*maldade*”, real ou imaginária, no jogo de capoeira e na vida. Às vezes eles procuravam um terreiro de candomblé “*pra ter aquela força, né...*”, para fazer “*despacho, mata um galo, o bozó [ebó], que eles fazem... promessa,... promete não sei o que lá, pros encantado...*”.²⁶⁴ Mas segundo Gigante isso não era o suficiente; era necessário tomar cuidado para que o feitiço não fosse destruído. Ele nos contou, por exemplo, que se os capoeiras fossem para uma roda eles não “*dormia com a mulher e nem botava o berimbau em cima da cama... não passava em baixo de arame, se tivesse uma roupa de mulher estendida assim, eles não passavam por baixo porque quebrava a força, quebrava a mandinga*”. Seu mestre, “*era mandingueiro*”, seguia todos esses preceitos, era um capoeira preparado, entendia de oração e de feitiço, usava patuá, sem, contudo, freqüentar candomblé, e por isso “*ele tinha esse poder de brigar e desaparecer*” e se transformar num animal ou num objeto qualquer quando a polícia aparecia para prender ele. Tanto assim que, segundo Gigante, o delegado quando mandava prendê-lo dizia para os soldados trazerem tudo que encontrassem na casa dele, pois tinha certeza que um dos móveis era ele. Não obstante, Cobrinha não lhe ensinou nada disso porque, como Gigante explicou, se ele ensinasse suas mandingas para outra pessoa, ele perdia a força e enfraquecia.²⁶⁵

É interessante notar que a realização de mandingas era herança do tempo da escravidão. No período colonial, patuás e outras práticas de feitiço foram muito usados pelos

²⁶³ IDIDEM, pp.56 e 236.

²⁶⁴ Ebó é “*um termo atualmente polissêmico, que em ioruba significa sacrificio animal ou oferenda*”. Existem diferentes tipos de ebós: propiciatórios, preventivos e maléficos. Ver NICOLAU, Luiz. *Texto citado*, pp.22/24.

²⁶⁵ Entrevistas com Francisco de Assis (Mestre Gigante) anteriormente citadas, 01.02.2002 e 14.05.2002.

escravos para se protegerem ou se vingarem dos maus tratos. Também faziam mandinga para escaparem da escravidão e até para acabarem com a vida do seu proprietário.²⁶⁶

Um capoeira que era bastante conhecedor de práticas de feitiçaria, mas que atualmente afirma ter se afastado de tudo isso é o mestre Casarangongo. Tudo indica que seu envolvimento com essas práticas começou ainda menino quando ele começou a fazer capoeira em Santo Amaro da Purificação. Um dos seus mestres de capoeira parece ter sido um “*nego feiticeiro*” conhecido na época como “*Tio Dé da Quibaca*”, que morava num lugar chamado Pindoba, em Santo Amaro. Casarangongo nos contou que este homem era “*diabólico*”, uma espécie de “*bruxo*” e muitos tinham medo dele. Diziam até que se ele falasse que uma pessoa ia morrer, podia preparar o “*enterro dele*” no outro dia porque “*morria mesmo*”.

Provavelmente foi este mesmo feiticeiro que ensinou capoeira a Espinho Remoso, amigo de infância de Casarangongo. Casarangongo nos disse que foi Tio Dé da Quibaca que deu este apelido a Espinho Remoso quando ele ainda era criança, porque numa ocasião entrou “*um espinho de tranca porteira [...] remoso feito uma miséria*” na mão dele, e Tio Dé fez mais uma de suas mandingas, bateu sua mão na palma da mão do menino e como o espinho saiu inteirinho o feiticeiro falou: “*-Você é mais remoso que espinho*”. Por causa disso “*ficou Espinho Remoso*”. Esta história foi lembrada também pelo mestre de Zé do Lenço, nascido no ano de 1942 na cidade de Irará (BA), que aprendeu capoeira no Retiro com Diogo Velho, aluno de Espinho Remoso.²⁶⁷

Casarangongo freqüentou muitos terreiros de candomblés, mas prefere deixar sempre claro que atualmente não gosta de nada dessas coisas. Tia Bedengó era uma mãe de santo que ele costumava procurar. Uma vez pediu a ela para “*temperar*” uma foice, isto é, enfeitiçá-la, para ele usar contra um inimigo. Ela preparou uma “*foice de cipó*” e disse a ele que podia confiar, porque se a foice não cortasse ela mudava de nome, explicando também de que forma ele deveria fazer para pegar o sujeito como queria. Casarangongo também conheceu um certo “*profeta*” que era de Arembepe (BA) e andava a cavalo. Este homem era outro sujeito bom de mandinga. Um dia, Augustinho Cacete de Ferro, um conhecido de mestre Casarangongo, foi até a casa deste profeta para conseguir um feitiço. O profeta falou: “*-Vai na praia pega a areia mais fina que existir e traga cá, e um litro de pimenta, malagueta da miúda e traga que*

²⁶⁶ NICOLAU, Luiz. *Texto citado*, p.19. Apud: SOUZA, Laura de Melo e. *O Deus e o Diabo na Terra de Santa Cruz*. SP: Cia das Letras, 1999, p.204/26.

²⁶⁷ Agradeço a José Alves (mestre Zé do Lenço) pelas informações pessoais e por ter nos levado, gentilmente, a casa de mestre Casarangongo.

eu vou fazer um tempero para você”.²⁶⁸ O feitiço ficou sendo preparado durante seis meses. Na entrevista, não ficou claro o final desta história, contudo, segundo Luiz Nicolau, a pimenta da Costa era usada no preparo de patuás para causar o infortúnio a alguém.²⁶⁹

Todavia não foi nem com este profeta nem com Tia Bedengó que Casarangongo aprendeu a fazer maldades e se defender delas, e sim com Tio Dé da Quibaca. Tio Dé lhe ensinou que no corpo existem “*21 pontos mortais*”, mas que o pior deles ficava no umbigo. Disse-nos Casarangongo que o “*umbigo é... o melhor lugar pra se matar um homem*” e destacou “*isso quem me ensinou foi Tio Dé da Quibaca*”. Por isso que o capoeira precisava proteger sempre esta região. Vale lembrar que foi com uma cabeçada no estômago que Ignácio Loyola matou Arestides de Santana. Portanto em parte os ensinamentos de Tio Dé tinham fundamento.²⁷⁰

O universo de superstições dos capoeiras talvez explique porque alguns deles usavam a palavra “mandinga” como sinônimo de capoeira. Nesta época o feitiço era visto como algo maléfico e amedrontava muitas pessoas; as “*maldades*” dos capoeiras também assustavam e realmente podiam causar o mal a outrem. A “*falsidade*” do capoeira estava associada tanto às pequenas perversidades do jogo, quanto aos feitiços que alguns costumavam preparar para vencer ou derrubar o adversário. Neste sentido a pimenta é um elemento simbólico de entrelaçamento desses dois universos, já que servia tanto para preparar as mandingas de infortúnio, como era usada pelos capoeiras como uma malandragem perversa numa roda de capoeira de rua. A cobra venenosa também pode ser entendida como uma espécie de metáfora deste mundo de “*maldades*” da capoeiragem e da própria figura do capoeira malicioso. O conceito de “mandinga” dos capoeiras se referia, portanto, tantos aos poderes mágicos de alguns deles, como também se fundia com a idéia de malandragem, no sentido de arte da esperteza, da malícia e da trucagem. No meio da capoeiragem, atualmente, a mandinga significa uma forma de jogar capoeira, cujo objetivo principal é enganar o adversário através da astúcia, como veremos adiante, embora ela também ainda esteja associada à proteção

²⁶⁸ Entrevista com Antônio Eloi dos Santos já citada.

²⁶⁹ NICOLAU, Luiz. *Texto citado*, p.18.

²⁷⁰ Entrevista com Antônio Eloi dos Santos citada. Em parte porque também tinha um pouco de fantasia. Casarangongo explicou, por exemplo, que se uma pessoa recebe um golpe no umbigo ela “*bota fezes pela boca até morrer*”. Contudo esta afirmativa não é verdadeira, o que de fato pode acontecer, como parece ter sido o caso de Arestides de Santana, é uma parada cardíaca. Segundo informações médicas uma pancada forte na região epigástrica pode atingir o plexo celiaco, que fica mais ou menos nessa altura do abdômen, desencadeando uma resposta vagal, e conseqüentemente uma parada cardíaca imediata. Mas para que isso ocorra a pessoa atingida precisaria estar desprevenida ou ter a musculatura abdominal flácida ou pouco desenvolvida.

mágica do corpo do capoeira, que supostamente freqüenta terreiro de candomblé, usa patuá, faz feitiço para fechar seu corpo, etc.²⁷¹

É interessante notar que no período estudado a sagacidade e a “falsidade” eram características tão intrínsecas à imagem do capoeira, que na imprensa o termo capoeira e seus derivados eram usados como sinônimo de malandragem perversa, sobretudo desleal e ilegal. Neste contexto, a palavra “capoeiragem” qualificava a fraude ou as atitudes de determinado governante que apesar de afirmar que trabalhava para o bem da nação, era um hipócrita e nada fazia pelo povo; ou ainda o comportamento de certos políticos que de modo perverso levantavam acusações falsas para atacar e prejudicar seus adversários políticos ou até mesmo seus companheiros de partido.²⁷²

No passado, a mandinga, ou a arte da falsidade e da malícia, como já foi explicado, era talvez a principal arma do capoeira, e chegava a se sobrepor à força física. Mestre Pastinha elucidou muito bem essa idéia, dizendo que “capoeirista é mesmo muito disfarçado, ladino e malicioso. Contra a força só isso mesmo. Está certo” .²⁷³ Deixou claro também que a malícia fazia parte do jogo de corpo do capoeira e que este era seu maior trunfo

[...] tratando-se de enfrentar um inimigo, a capoeira, não é só dotada de grande poder agressivo, mas possui uma qualidade que a torna mais perigosa – é extremamente maliciosa.

O capoeirista lança mão de inúmeros artifícios para enganar e distrair o adversário. Finge que se retira e volta-se rapidamente. Pula para um lado e para outro. Deita-se e levanta-se. Avança e recua. Finge que não está vendo o adversário para atraí-lo. Gira para todos os lados e se contorce numa “ginga” maliciosa e desconcertante.

Não tem pressa em aplicar o golpe, ele será desferido quando as probabilidades de falhar sejam as mínimas possíveis...

*O capoeirista sabe poder aproveitar tudo que o ambiente lhe pode proporcionar.*²⁷⁴

“Capoeira é mandinga, é manha, é malícia”, o mestre dizia aos risos. O capoeira tinha a manha de enganar o oponente com seu movimento de corpo.²⁷⁵

²⁷¹ Sobre a mandinga da capoeira e a mandinga no jogo da capoeira angola ver ZONZON, Christine Nicole. *Capoeira Angola: Construção de Identidades – uma investigação sobre as identidades construídas por grupos de capoeira angola em Salvador*. Grenoble, França: Université Stendhal, U.F.R. de Langues, Littératures et Civilisations Etrangères, 2001.

²⁷² *Diário de Notícias*, 13.06.1912 e 10.10.1913. *Diário da Bahia*, 08.01.1913, 12.01.1913, 22.01.1913, 26.02.1913.

²⁷³ *Revista Realidade*. Artigo citado.

²⁷⁴ PASTINHA, Mestre. *Capoeira Angola...*, *Op. Cit.*, p.34.

²⁷⁵ “Pastinha! Uma vida pela Capoeira – 1889/1981”. *Filme citado*.

Manuel Querino ao descrever a capoeiragem de fins do século XIX e início do século XX também nos dá uma idéia precisa desta forma de defesa e ataque própria dos capoeiras – a arte da simulação na luta: “... o manejo nos pés muito contribuía para desconcertar o adversário, com uma rasteira, desenvolvida a tempo...” E “...toda atenção se concentrava no olhar dos contendores pois que, um golpe imprevisto, um avanço em falso podia dar ganho de causa a um dos dois”.²⁷⁶ A mesma informação aparece no cronista Antônio Vianna, que na infância teve a oportunidade de assistir tanto à capoeira organizada para efeito de diversão e exibição nas festas das escadas, quanto aos conflitos entre capoeiras e policiais. Segundo ele, eram as “qualidades resolutas e matreiras” que tornavam os capoeiras “invencíveis nos mais ranhidos prélios da força bruta”. Era justamente a “variedade de atitudes surpreendente de verdadeiro acrobata, o elemento sustentador” da valentia e da própria vida dos capoeiras “não raro em risco”.²⁷⁷

A capoeira jogada atualmente no Brasil, que tem como modelo a capoeira baiana criada e sistematizada principalmente por mestre Bimba e mestre Pastinha entre os anos 1930 e 1940, é uma capoeira relativamente diferente daqueles velhos sarilhos ocorridos no Cais do Porto e nas rodas do Terreiro de Jesus do começo do século passado; afinal, hoje a capoeira é praticada em espaços fechados, academias, clubes e hotéis, tem horário e dias pré-determinados, quando antes era jogada nos horas de folga do trabalho no Porto, nas festas populares, domingos e feriados.²⁷⁸ No entanto essa capoeira definida ora com esporte ora como cultura popular, mesmo sendo diferente da capoeira de outrora, pode ser entendida como uma espécie de testemunho histórico da cultura malandra dos capoeiras do passado. Pois a capoeiragem contemporânea preserva nos movimentos corporais, nos gestos e na expressão facial de cada jogador, nos patuás pendurados no pescoço, nas cantigas e no ritual da roda, enfim, em tudo aquilo que compõe o jogo, as práticas sociais malandras dos velhos capoeiras que foram sintetizadas na idéia de mandinga, eventualmente também chamada de malandragem.²⁷⁹

²⁷⁶ QUERINO, Manuel. *A Bahia de outrora...*, Op. Cit., p.74.

²⁷⁷ VIANNA, Antônio. *Quintal de...*, Op. Cit. p.8.

²⁷⁸ Não é nosso objetivo discutir as diferenças existentes entre a capoeira angola e a capoeira regional, mas sim entender de que maneira podemos observar a “mandinga” no jogo da capoeira.

²⁷⁹ Nossas observações sobre a capoeira contemporânea se basearam tanto em minha experiência pessoal como capoeirista, quanto nos trabalhos citados a seguir. Leticia Vidor e Sônia Travassos que fizeram uma análise antropológica, tendo como objeto diferentes grupos de capoeira atuais, também discutiram a mandinga como um componente fundamental no jogo propriamente dito. Ver: VIDOR, Leticia. *O mundo de pernas para o ar: A capoeira no Brasil*. SP: Publisher Brasil, 2000. TRAVASSOS, Sônia. “Mandinga: notas etnográficas sobre a

Uma das primeiras descrições etnográficas de uma roda de capoeira, feita por Édison Carneiro no seu livro “*Negros Bantos*”, não parece se distinguir tanto de algumas rodas tradicionais vistas ainda hoje em Salvador, em outras cidades do Brasil e do mundo, apesar de ter surgido de lá para cá uma variedade de estilos de capoeira.²⁸⁰ Em geral a roda é formada por um orquestra composta por berimbaus (o instrumento mais importante), pandeiros, reco-reco, agogô e atabaque (os dois últimos foram incorporados à capoeira a partir da década de 40), e os jogadores se sentam em círculo de frente para a bateria. Ouve-se o grito: “*Iê!*”, é o capoeira que está tocando o “*gunga*” (berimbau cujo som é mais grave do que os demais), avisando que a roda começou. A abertura da roda é um momento de silêncio e respeito com um tom sagrado. Enquanto os capoeiras aguardam sentados a hora de jogar, os dois primeiros lutadores se aproximam do “*pé do berimbau*”, agachados. Em geral o capoeira que está no “*gunga*” canta uma ladainha. Nas ladainhas são cantadas as qualidades de capoeiras famosos, suas histórias e mitos. Certas vezes a ladainha é construída naquele exato momento de forma improvisada, ameaçando ou dando boas-vindas ao outro jogador. Ao final da ladainha, o cantador louva aos seus santos protetores, aos mestres de capoeira, à mandinga, à malandragem, etc, e os demais capoeiras respondem no coro. Antes de entrar na roda os dois jogadores se benzem, fazendo o sinal da cruz ou levando a mão ao chão e a seguir à nuca e à testa, o que também é comum no candomblé. Neste momento podem fazer seus agradecimentos e pedidos aos orixás ou santos protetores para que estes os protejam de qualquer malefício na roda e na vida, o que pode ser entendido como uma outra maneira de “*fechar o corpo*”. Só depois disso começa o jogo propriamente dito.

Em alguns dos versos extraídos de uma louvação registrada por Waldeloir Rego é possível vislumbrar o universo das práticas malandras e “malosas” dos capoeiras de antigamente, quando a capoeira era usada como luta violenta e perigosa, que podia resultar em ferimentos e morte. Nesta ladainha a palavra “mandinga” é substituída pelo termo “malandragem” que ainda hoje é considerada uma característica essencial da capoeira, sua marca de identidade.

...*Quis me matar...*
 ...*Na falsidade...*
 ...*Faca de ponta...*

utilização de símbolos étnicos na capoeiragem”. *Estudos Afro-Asiáticos*, n.35, RJ: Universidade Cândido Mendes, 1999. Sobre a mandinga no jogo de capoeira angola ver também: ZONZON, Christine Nicole. *Op. Cit.*

²⁸⁰ CARNEIRO, Édison. *Religiões Negras...*, *Op. Cit.*, pp. 212/3.

...*Sabe furar...*
 ...*Ele é cabeceiro...*
 ...*No campo da batalha...*
 ...*Iê, Viva meu mestre...*
 ...*Que me insinô...*
 ...*A malandragem...*
 ...*Da capoeira...*²⁸¹

Nos dias de hoje o termo “mandinga” é mais usual no meio da capoeiragem, porém raramente, exceto os mestres mais antigos, usam-no como sinônimo de capoeira. Mandinga é mais uma maneira de jogar e em geral nas rodas de capoeira contemporâneas ela é praticada de forma estilizada. Queremos dizer com isso, por exemplo, que nenhum capoeira hoje em dia simula que vai pegar um dinheiro no bolso e saca de uma “*faca de ponta*” com o intuito de ferir o oponente, mas se por ventura o jogador tiver de fato com uma faca ou uma navalha, esta só será usada por brincadeira. Das raras vezes que vimos esse tipo de coisa acontecer numa roda, o capoeira armado era um velho mestre. Nem hoje tão pouco o capoeira faz uma cabeçada para matar; mas ela pode ser forte o bastante para derrubar o outro jogador, especialmente se aplicada na hora certa. Mestre João Pequeno, o aluno mais idoso ainda vivo de Pastinha, e que sabe o quanto este golpe pode ser perigoso quando aplicado de surpresa no estômago do indivíduo, ensina aos seus alunos a gingar oscilando ora com um braço, ora com o outro na altura do umbigo, sempre protegendo esta região do corpo.²⁸²

Contudo, atualmente, várias “*maldades*” antes praticadas nas rodas de capoeira de rua estão absolutamente proibidas, o que fora anunciado por mestre Pastinha no período em que a capoeira passava por um processo de legitimação. Segundo ele eram proibidos dedos nos olhos, cabeçada solta e presa, balão boca de calça, golpes no joelho, entre outros.²⁸³ Pode-se dizer que as velhas maldades se transformaram na mandinga, cuja finalidade também é embelezar o jogo e provocar o riso. Não é à toa que os capoeiras se divertem bastante nas rodas. Isto não quer dizer, todavia, que a capoeira seja uma dança ou um balé, ou apenas uma brincadeira. A capoeira é, antes de tudo, uma luta, mas na roda os movimentos são praticados de forma controlada e a “*violência*” é realizada de maneira sutil, sem causar danos sérios. Como explicou a antropóloga Sônia Travassos “*os momentos de alegria e diversão na roda são intercalados por momentos de extrema tensão, nos quais se espera que o pior ocorra*”.

²⁸¹ REGO, Waldeloir. *Op. Cit.*, pp.48/9.

²⁸² João Pereira dos Santos (João Pequeno) nasceu em 27 de dezembro de 1917 na cidade de Araci (BA), atualmente, com seus 86 anos, ainda ministra aulas de capoeira em Salvador no Forte de Santo Antônio.

²⁸³ PASTINHA, Mestre. *A Herança...*, *Op. Cit.*

No entanto, em geral, “*é apenas uma alegoria, porque, na maioria das vezes nada acontece*”.²⁸⁴

As práticas sociais malandras dos capoeiras estão registradas de forma simbólica no jogo de capoeira, especialmente naquilo que eles próprios chamam de mandinga, e que sintetiza as principais qualidades de um bom jogador. O capoeira mandingueiro tem jogo de cintura, malemolência, esperteza, perspicácia e agilidade ao aplicar um golpe. Além disso, ter mandinga é saber mostrar que podia ter agredido, sem contudo atingir, ou seja, saber evitar o confronto direto, vencer a luta na “*falsidade*”, no engano, no jogo de corpo, aproveitando o momento certo para atacar. Aquele que é mandingueiro precisa estar atento, pois sabe que “*capoeira é bicho farso*”, portanto é necessário desconfiar de tudo, de qualquer movimento ou brincadeira praticado pelo outro jogador.

Nas rodas de capoeira, a todo tempo essas artimanhas do jogador são lembradas e valorizadas, desde o momento em que o jogador se abaixa no “*pé do berimbau*” dando vivas à malandragem, até o final da roda de capoeira. A mandinga também pode ser observada através dos movimentos do corpo do jogador que ora começa a tremer como se o santo estivesse baixando antes de iniciar a luta, ora cambaleia de um lado para o outro, como se estivesse bêbado. Mas tudo isso é apenas uma representação cuja finalidade é especialmente ludibriar o oponente, tirar sua atenção e atacá-lo de surpresa.

Os mestres costumam dizer nas aulas que os alunos precisam “*quebrar o corpo*”, “*botar dendê*”, “*soltar sua mandinga*”. Estas são algumas frases de efeito para que seus discípulos deixem o corpo mole, solto, evitando movimentos retilíneos e rígidos. É o “*floreio*”, a “*mandinga*”, a preparação do ataque para distrair o adversário. Neste sentido, a ginga ao ritmo do berimbau é fundamental para que o capoeira jogue com malícia, tapeando ao máximo seu oponente para pegá-lo desprevenido, sem ter a menor noção de onde virá o próximo golpe.

O rosto do jogador também tem grande significado para compor a figura do capoeira mandingueiro, sempre sorrindo, com o olhar traiçoeiro, evitando qualquer expressão de raiva ou nervosismo, deixando que seu adversário seja de fato surpreendido. As vezes o capoeira finge estar enfurecido apenas para amedrontar a adversário e deixá-lo inseguro. O jogador também pode usar da estratégia do “*golpe de vista*” para enganar o adversário, isto é, simular

²⁸⁴ TRAVASSOS, Sônia. *Artigo citado*, p.76.

que está olhando numa direção, apenas para atrair a atenção do seu adversário e depois atacá-lo da forma que a cobra dá seu bote.

A mandinga do capoeira também pode ser vista através de alguns golpes principais, tais como a rasteira e a cabeçada. O objetivo da rasteira é derrubar o jogador, ou no mínimo assustá-lo; sua eficiência está no momento em que ela é aplicada, surpreendendo o adversário de preferência quando este estiver distraído ou se mostrar em desequilíbrio. A cabeçada é um outro golpe que deve ser executado quando o adversário estiver com a guarda aberta. Pastinha a descreve como “*um golpe malicioso, podendo ser aplicado contra o tórax ou rosto, em rápida virada do corpo quando a vítima julga que o agressor se retira*”.²⁸⁵ Em resumo: cada ato do jogo de capoeira contém em princípio sua negação, o seu contrário, simbolizando no jogo o que estamos chamando de cultura malandra.

Esta qualidade tão cobiçada por muitos capoeiras, a “mandinga”, estava certamente contida nas práticas sociais malandras dos capoeiras nas primeiras décadas do século XX, na sua luta pela sobrevivência, no seu comportamento social, na manha de escapar da polícia, nas “maldades” e “malícias” praticadas dentro e fora da roda. Mestre Pastinha, mestre Bimba, mestre Noronha, entre outros, ao lutarem pela aceitação social da capoeira, aperfeiçoaram sua técnica, seus movimentos de defesa e ataque, buscando controlar a violência com o objetivo de dar um caráter cada vez mais artístico-cultural-desportivo à luta. Neste processo de legitimação da capoeiragem, a cultura malandra foi sendo incorporada à simbologia da capoeira contemporânea.

Concluindo, podemos dizer, portanto, que em cada roda de capoeira tradicional, seja ela de angola ou de regional, em cada jogo de mandinga hoje praticado permanece vivo o espírito dos capoeiras de outrora, cujas manhas foram construídas nos sarilhos no Cais do Ouro, nas brigas nos botecos do Taboão, na resistência à repressão policial, nas rodas do Terreiro de Jesus e nas festas de Santa Luzia, enfim, no cotidiano de muitos dos personagens que deram vida a esta nossa história da capoeiragem baiana.

²⁸⁵ PASTINHA, Mestre. *Capoeira Angola, Op. Cit.*, p.70.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final do nosso trabalho acreditando que depois de percorrer o mundo da desordem, as ruas de Salvador, os botequins da Sé e do Tabuão, as casas de tavolagem da Baixa dos Sapateiros, o Cais do Porto e algumas das festas populares baianas conseguimos evidenciar a hipótese central deste trabalho: de fato os capoeiras de outrora “soltavam sua mandinga” tanto nas rodas de capoeira quanto na roda da vida, ou seja, a mandinga que até hoje pode ser observada nos corpos dos jogadores, na sua movimentação durante o jogo e nos treinos, nas cantigas de capoeira e inclusive nos patuás que alguns capoeiras trazem no pescoço, já estava presente nas práticas sociais malandras dos nossos personagens.

Além disso, tentamos construir a geografia da capoeira em Salvador nas primeiras décadas da República Velha e reconstituir o cotidiano dos capoeiras neste período, demonstrando à luz dos dados recolhidos e analisados que a maioria desses indivíduos fazia parte da “*arraia miúda*”, tinha “costume de preto”, fazia samba e batucada, não se vestia, nem se comportava da maneira que as elites dominantes desejavam. Eram trabalhadores de rua, viviam entre o trabalho e o ócio. Nesse sentido podemos dizer que a capoeira pode ser entendida como uma cultura de resistência ao projeto disciplinar de modernização idealizado pelos grupos dominantes. Todavia demonstramos também que os capoeiras não podem ser vistos apenas como vítimas resistentes da repressão policial, uma vez que alguns deles trabalhavam para as autoridades policiais, isto é, estavam entre a ordem e a desordem. Na verdade, como tantas vezes explicitamos, a fronteira entre esses dois mundos era muito fluida.

E foi no cotidiano das ruas, num contexto social permeado pela violência, em que a ordem provocava a desordem, que os velhos capoeiras, atualmente considerados os grandes mestres da arte da vadição, aprenderam a ser “mandingueiros”. Em outras palavras, para nós a cultura malandra dos nossos personagens é fruto de uma experiência adquirida no meio social onde viviam. A brutalidade da vida era a sua grande escola, e foi neste universo que os capoeiras aprenderam a combinar valentia e sagacidade, garantindo desta maneira sua sobrevivência. Muitos deles sabiam que nem sempre a força era a melhor arma para enfrentar o inimigo, mas que a esperteza, a malícia e o jogo de cintura podiam livrá-los de muitas

situações de perigo. Assim como foi necessária muita malícia para que os negros libertos do trabalho escravo e patriarcal pudessem sobreviver dentro da emergente conjuntura de construção da sociedade capitalista moderna brasileira. E como até hoje a malícia e a esperteza são indispensáveis para que grande parte das camadas populares sobreviva nas ruas das cidades brasileiras.

É muito interessante saber que “a mandinga da capoeira”, que no passado era uma estratégia usada nos conflitos com a polícia, nas disputas por trabalho no cais do porto, nas contendas no “27 do Tabuão” por causa de ciúmes e nas rodas de capoeira de rua, atualmente está presente de forma simbólica nas rodas tradicionais. Se a capoeira da República Velha estava entre o conflito e o lúdico, podemos dizer que venceu a brincadeira e que hoje os capoeiras dão muita risada durante o jogo, e quanto mais mandingueiro for o jogador mais divertida, excitante e aparentemente perigosa é a luta.

Mas se por um lado conseguimos desvendar “a malandragem da mandinga” no cotidiano dos capoeiras, que deu origem ao título desta dissertação, os lugares onde nossos personagens costumavam freqüentar, suas ocupações, suas redes de sociabilidade, e compreender os diferentes significados da arte de capoeirar, também descobrimos que há temas que precisam ser examinados com maior profundidade para que possamos ter uma melhor compreensão do universo da capoeiragem na Bahia.

O primeiro deles diz respeito à história da capoeira baiana no século XIX. Na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1800 e 1850, a capoeira era praticada quase que exclusivamente por escravos predominantemente africanos de diversas etnias, o que mostra que a capoeira é uma invenção escrava criada no Brasil no universo da escravidão urbana. A partir de meados do século XIX ela aparece estruturada em maltas, ritualizada, e praticada por diferentes grupos sociais, negros e brancos, escravos, libertos e homens livres, brasileiros e estrangeiros pobres, dentre estes últimos a maioria era de nacionalidade portuguesa. Alguns filhos de famílias abastadas também aprenderam a arte da capoeiragem. Na Bahia esta história ainda está por ser construída. Mesmo assim, muitos brasileiros acreditam que a Bahia é o berço da capoeira jogada no Brasil. O que sabemos até agora é que as referências históricas consistentes mais antigas sobre o assunto provêm do Rio de Janeiro. Contudo, um mito compartilhado por quase todos os capoeiristas atuais é que a capoeira foi criada nos quilombos durante o Brasil colônia. Este mito se fortaleceu especialmente nos anos de 1980 com o

crescimento significativo do movimento negro na sociedade brasileira. A capoeira por sua vez é entendida como uma “luta de resistência do negro contra a escravidão”. O próprio mestre Pastinha afirmou que “*a capoeira é mandinga de escravo com ânsia de libertação*”. Manuel Querino também associa o capoeira de seu tempo de menino ao negro de Angola; Bimba e Noronha contavam que seus mestres de capoeira eram africanos. Algumas das nossas descobertas parecem referendar essa idéia, pois o perfil construído dos capoeiras baianos indicou que todos os praticantes do jogo eram negros, pardos ou mestiços. É muito provável, portanto, que a capoeira tenha feito parte da cultura dos escravos na Bahia do século XIX. Todavia para entendermos sobre a capoeira baiana desta época há um longo caminho a ser percorrido e muitos desafios a serem enfrentados em função da escassa documentação escrita sobre o assunto.

A capoeira jogada no Recôncavo baiano nas primeiras décadas da República, especialmente nas cidades de Santo Amaro da Purificação e Cachoeira, é um outro tema de pesquisa que deveria ser investigado. Assim como a capoeira praticada na Ilha de Itaparica. Para isso seria urgente construir um projeto com o objetivo de recolher depoimentos e entrevistas com velhos mestres de capoeira ainda vivos e pessoas idosas que viveram nestes lugares, buscando não apenas a reconstituição do universo da capoeiragem e dos seus praticantes nesta época, mas também com a finalidade de valorizar a tradição oral como fonte histórica para o conhecimento passado, cujas informações raramente podem ser encontradas em outro tipo de documento. Dessa maneira, tudo indica, será possível compreender mais a fundo a ludicidade da capoeira baiana que na voz dos nossos informantes aparece muito relacionada ao meio rural.

Uma outra questão que merece ser mais aprofundada é o entrelaçamento do universo da capoeira com o mundo da ordem no período estudado. Para isso, contudo, é necessário saber mais sobre a polícia baiana na República Velha, sobre as diferenças existentes entre a polícia civil e militar, sobre o serviço do inspetor de quarteirão e do guarda noturno, e sobre a relação estabelecida entre a população e estas corporações. A propagação da capoeiragem no universo dos marinheiros é um outro assunto a ser explorado melhor. E como as regiões portuárias devem ser consideradas espaços de interseção do mundo naval e da capoeira, e a arte da navalha e da rasteira se espalhou por diferentes cidades do Brasil - Rio de Janeiro, Salvador, Belém, Recife e Maranhão - uma hipótese a ser levantada é que os portos foram elos de conexão e propagação da capoeira por muitos desses lugares.

Um outro veio de pesquisa que começou a ser trilhado neste trabalho, mas que precisa ser mais explorado refere-se à religiosidade dos capoeiras. Começamos a ver nesta dissertação que a cultura da capoeira era perpassada pelos valores religiosos da população baiana. Vimos que no passado muitos capoeiras usavam patuás pendurados no pescoço para terem seu “corpo fechado”, protegido de todos os malefícios, alguns deles freqüentavam candomblé, eram entendidos de feitiço, e seguiam certos preceitos supersticiosos antes de entrarem em uma roda de capoeira de rua para não “quebrar a mandinga”. Vimos também que acreditava-se que alguns capoeiras antigos tinham o poder mágico de desaparecer para escapar da polícia ou de um inimigo qualquer, a exemplo de Besouro Mangangá e Cobrinha Verde. Deste modo para se entender mais sobre os valores e crenças dos capoeiras de outrora é preciso avançar no estudo a respeito da presença de elementos do universo religioso afro-brasileiro no mundo da capoeiragem baiana.

O tema do universo dos capoeiras está intimamente relacionado à força da cultura negra afro-brasileira no estado da Bahia que por sinal na atualidade está sendo produzida para exportação. Não é à toa que o berimbau é identificado como um instrumento musical tipicamente baiano. Mas o que nos interessa aqui é que hoje a cultura negra sem dúvida alguma conseguiu conquistar seu espaço na cidade de Salvador, o que não significa dizer que a maioria da população soteropolitana – negro-mestiça – tenha seu direito de cidadão respeitado. Dentro deste contexto a capoeira, apesar de aparentemente não ter surgido como um fenômeno social expressivo na Bahia do século XIX, parece ter sido preservada e transformada nas ruas de Salvador para chegar – agora baiana – até o presente.

É incontestável que as mudanças introduzidas por mestre Bimba e mestre Pastinha e depois por tantos outros mestres – Cobrinha Verde, Caiçara, Waldemar da Paixão, Paulo dos Anjos, Canjiquinha, etc. – foram fundamentais na preservação e na valorização da capoeira enquanto uma prática de afirmação da cultura negra. Também não é possível não mencionar a importância da luta do movimento negro que também contribuiu bastante neste aspecto. Todavia para conhecer melhor a capoeira do presente, sua força e o seu papel na sociedade baiana é necessário aprofundar o conhecimento da capoeiragem baiana no passado. Neste sentido esperamos que o nosso trabalho possa contribuir não só à discussão acadêmica, intelectual e histórica sobre a capoeira, mas também à toda a comunidade que atualmente tem a capoeira como um meio de vida, uma prática esportiva, cultural, política, etc., ou seja, aos mestres de capoeira e a todos os praticantes de capoeira. Afinal de que valeria o conhecimento

do passado, senão fosse para compreender o presente? Esperamos também que este trabalho tenha conseguido responder a primeira inquietação que nos levou a este objeto de pesquisa, entender de onde veio essa magia da capoeira, que a muitos encanta, meta de grande parte dos novatos, aliás, da autora deste texto - jogo de corpo, malícia, agilidade, criatividade e malemolência, enfim a mandinga dos capoeiras de outrora.

FONTES CONSULTADAS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA - (APEB)

PROCESSOS CRIMINAIS:

- Aggripino Marques dos Santos (réu). Ano 1915. Códice 215/28/07.
- Alfredo João da Silva (réu). Ano 1909. Códice 21/19.
- Alfredo Martins Teixeira (réu). Ano 1915. Códice 28/02.
- Antonio Américo dos Santos (réu). Ano 1914. Códice 245/19.
- Antonio Américo dos Santos (réu). Ano 1923. Códice 215/ 34/ 03.
- Arestides José de Santana e Outros (réus). Ano 1913. Códice 215/24/09.
- Arthur dos Santos (réu). Ano 1914. Códice 215/25/22.
- Eutychio Alves da Silva (vit). Ano 1926. Códice 214/45/09.
- Innocêncio Firmino de Souza (vit). Ano 1922. Códice 195/ 02/05.
- Irineu Navarro Costa (réu). Ano 1914. Códice 25/03.
- Irineu Navarro da Costa (réu). Ano 1904. Códice 24/19.
- Irineu Navarro da Costa (réu). Ano 1913. Códice 29/03.
- João Ferreira de Andrade (réu). Ano 1910. Códice 40/1421/12.
- João Francisco Pires (réu). Ano 1923. Códice 48/10.
- José Albino dos Santos (réu) e Manoel Bonifácio do Espírito Santo (vit). Ano 1917. Códice 215/27/15.
- Manoel Henrique Pereira (réu). Ano 1918. Códice 202/24/18.

- Miguel Ferreira dos Santos (réu). Ano 1907. Códice 02/52/03.
- Pedro Celestino dos Santos (réu). Ano 1931. Códice 210/220/01.
- Pedro de Alcântara Conceição (réu). Ano 1916. Códice 29/18.
- Pedro José Vieira (réu). Ano 1909. Códice 03/20.
- Pedro José Vieira (réu). Ano 1909. Códice 03/20.
- Pedro José Vieira (réu). Ano 1910. Códice 21/18.
- Samuel Luiz da França (réu). Ano 1917. Códice 191/02/22.
- Wenceslau da França Scalvino (réu). Ano 1906. Códice 202/03/14.

MAPA

Planta da cidade de Salvador – Capital do Estado Federado da Bahia

Editado por Ramon Alargon, nº 323, ano 1889.

ARQUIVO DA MARINHA (RJ)

Livro Mestre de sargentos, cabos e marinheiros (1912-1938/1906-1940), filme 345, seção A, fl. 269, acervo do SDM – Sistema de Documentação da Marinha - 34.

Livro Mestre de sargentos, cabos e marinheiros (1914), filme 335, seção B, fl. 1, acervo do SDM. Sistema de Documentação da Marinha

Livro de Quartos, Código dom sistema 597/007/2602, fl. 922. C.T. Piauhy.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE SALVADOR

Postura Municipal – Título I / Polícia administrativa / Capítulo I, s/d.

ARQUIVO MUNICIPAL DE SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO (BA)

Manoel Henrique “Besouro”. *Seção Judiciária – Data limite C 1920-1927 – Sub. Série Tentativa de Homicídio, código 4-104/vol18.*

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DA BAHIA, INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA, ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA E ARQUIVO CRIMINAL POLICIAL

JORNAIS:

A Bahia - 1910

A Tarde – 1913/1922 e 1925

Correio da Manhã –1908

Diário da Bahia - 1913 e 1922

Diário de Notícias – 1909/1925

Diário Oficial - 1917 e 1919

Gazeta do Povo - 1913

Jornal de Notícias - 1909 e 1913

O Imparcial – 1918

Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001 (2ª edição).

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. 1984.

SILVA, Antonio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. RJ: Oficinas da S. A. Bitho – Tipografia Fluminense, 1922.

MANUSCRITOS:

COUTINHO, Daniel (Noronha). *O ABC da capoeira Angola: Os manuscritos de mestre Noronha*. Brasília: DEFER/CIDOCA,1993.

PASTINHA, Mestre. *A Herança de Pastinha: manuscritos e desenhos*. Coleção são Salomão 2, s/d.

MEMÓRIAS:

Memórias de Madame Satã. RJ: Editora Lidador Ltda., 1972.

MORAES, Evaristo. *Reminiscências de um rábula criminalista*. RJ/BH: Editora Briguiet, Col. Minerva, Vol. 1, 1989.

OBRAS LITERÁRIAS E CRÔNICAS:

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. SP: Martins, 1965.

_____. *Capitães de Areia*. RJ: Record, 1987.

_____. *Tenda dos Milagres*. SP: Editora da Livraria S.A., 1969.

BARBOSA, Orestes. *Bambambã* (1ª edição, 1923). RJ: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993.

QUERINO, Manuel. *Bahia de outrora*. Salvador: Progresso, 1955.

_____. *Costumes africanos no Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1988.

TORRES, Carlos. *Vultos, Fatos e Coisas da Bahia*. Bahia: Imprensa Oficial, 1950.

VIANNA, Antônio. *Casos e coisas da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

_____. *Quintal de Nagô e outras crônicas*. Salvador. Centro de Estudos Baianos, UFBA, 1979.

ENTREVISTAS**ENTREVISTAS REALIZADAS:**

Francisco de Assis (Mestre Gigante). Engenho Velho da Federação, Salvador, 01 de fevereiro, 22 de março e 14 de maio de 2002.

Manuel Araújo Ferreira (Seu Manuel) Lagoa do Abaeté, Salvador, outubro de 2002.

Gerson Francisco da Anunciação (mestre Gerson Quadrado). Mar Grande, Ilha de Itaparica, 28.11. 2002.

Antônio Eloi dos Santos (Mestre Casarangongo). Marechal Rondon, Salvador, 17.05.2002.

ENTREVISTAS TRANSCRITAS:

Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha). Salvador, Pelourinho, 1964.

Ernesto Ferreira da Silva (Noca de Jacó). Santo Amaro da Purificação, Bahia, outubro de 1997.

CDs:

CD – Mestre Pastinha eternamente. Revista Praticando Capoeira especial. Salvador: ed. D+J Ltda., n.4, 1999/2000.

CD – Bezerra da Silva, grandes sucessos de Bezerra da Silva. (CID), s/d.

FILME:

“Pastinha! Uma vida pela Capoeira – 1889/1981”. Diretor: Antônio Muricy – 1998. Co-produção com Racord produções. Imagens extraídas do filme : Bahia de Todos os Santos. Blimp Filmes. TV Globo.

ANOTAÇÕES DE CAMPO:

Depoimento de Antônio Eloi dos Santos (Mestre Casarangongo). Marechal Rondon, Salvador, 09.08.2002.

Depoimento de Antônio Eloi dos Santos (Mestre Casarangongo) e de alguns membros de sua família. Marechal Rondon, Salvador, 3 de maio de 2002.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Frede. “A Capoeira Baiana no século XIX”. *Revista Iê*, Capoeira. Ano I, (SP)n.7.
- _____. *Bimba é Bamba: a capoeira no ringue*. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.
- ABREU, Plácido de. *Os capoeiras*. Rio de Janeiro: Tip. Serafim Alves de Brito, 1886.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra. *Algazarra nas Ruas – Comemorações de Independência na Bahia (1889-1923)*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, CECULT, 1999.
- _____. “Patriotas, Festeiros, Devotos... As Comemorações da Independência na Bahia (1888-1923)”. IN: CUNHA, Maria Clementina (org.). *Carnavais e outras F(r)estas – Ensaios de História Social da Cultura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2002.
- AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos: Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador*. SP: Martins Editora, 1945.
- AREIAS, Almir das. *O que é capoeira*. São Paulo: Brasiliense, (Col. Primeiros Passos), 1983.
- ASSUNÇÃO, Mathias Röhring e VIEIRA, Luiz Renato. “Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira”. *Estudos Afro-Asiáticos*, (RJ) n. 34, 1998.
- BRETAS, Marcos Luiz. “A queda do império da navalha e da rasteira (a República e os capoeiras)”. *Estudos Afro-Asiáticos*, (RJ) n.20, Junho/1991.
- _____. *A Guerra das Ruas – Povo e Polícia na Cidade do Rio de Janeiro*. RJ: Arquivo Nacional, 1997.
- _____. e PONCIONI, Paula. “A cultura policial e o policial civil carioca”. IN: PANDOLFI, Dulce et alli (orgs.) *Cidadania, Justiça e Violência*. RJ: FGV, 1999.
- BROWN, Alexandra Kelly. *On the Vanguard of Civilization: Slavery, the Police, and Conflicts between Public and Private Power in Salvador da Bahia, Brazil, 1835/1888*. Austin, Tese de Doutorado, Universidade do Texas, 1998.
- CARNEIRO, Édison. *Cadernos de Folclore*. RJ: Ministério da Educação e Cultura, 1975.
- _____. *Religiões Negras: notas de etnografia religiosa; Negros bantos: notas de etnografia religiosa e de folclore*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981
- _____. *Folgedos Tradicionais*. RJ: Furnarte/INF, 1982.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados – O Rio de Janeiro e A República que não foi*. SP: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Cidadania no Brasil. O Longo Caminho*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

CASTELLUCCI, Aldrin A. Silva. *Salvador dos Operários: Uma história da Greve Geral de 1919 na Bahia*. Salvador: Dissertação de mestrado, UFBA, 2001.

DIAS, Luiz Sérgio. *Da “Turma da Lira” ao Cafajeste. A Sobrevivência da Capoeira no Rio de Janeiro na Primeira República*. RJ: Tese de Doutorado, UFRJ, 2000.

_____. *Quem tem medo da capoeira? Rio de Janeiro, 1890-1904*. RJ: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Divisão de Pesquisa, 2001.

ÉRNICA, Maurício. *Batucada de bamba, cadência do samba – a formação de uma brasilidade crítica-conservadora*. Campinas, Dissertação de mestrado, UNICAMP, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janáina (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FILHO, Alberto Heráclito Ferreira. “Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador – (1890-1937)”. *Revista Afro-Ásia*. Salvador: CEAO, n. 21-22, 1998/9.

_____. *Salvador das mulheres: condição feminina e cotidiano popular na belle époque imperfeita*. Salvador: Dissertação de Mestrado, UFBA, 1993.

FRAGA, Walter. *Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do século XIX*. SP/Salvador: HUCITEC/EDUFBA, 1996.

FRY, Peter, CARRARA, Sérgio e COSTA, Ana Luiza Martins. “Negros e brancos no carnaval da Velha República”. IN: João José Reis (org.). *Escravidão e invenção da liberdade*. SP, Brasiliense, 1988.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e História*. SP: Cia. das letras, 1989.

_____. “O nome e o como – Troca desigual e mercado historiográfico”. IN: *Micro-História e outros ensaios – Memória e Sociedade*. Lisboa: Difel Editorial Ltda., 1989.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. *História da Polícia Civil da Bahia*. Salvador, 1978.

GOTO, Roberto. *Malandragem Revisitada*. Campinas: Pontes, 1988.

ITAPOAN. *Bimba: o perfil do mestre*. Salvador: UFBA, 1982.

LEAL, Geraldo da Costa. *Salvador dos Contos, Cantos e Encantos*. Salvador: Gráfica Santa Helena, 2000.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *Deixai a Política da Capoeiragem Gritar. Capoeira e discursos de vadiagem no Pará republicano, 1888-1906*. Salvador, Dissertação de Mestrado, UFBA, 2002.

LOPES, Myriam Bahia, “Porto, Porta, Poros”. IN: Bresciani, Stella (org.). *Imagens da Cidade, Séculos XIX e XX*. São Paulo, Marco Zero, 1994.

LUHNING, Ângela. “Acabe com este Santo, Pedrito vem aí ... - Mito e Realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942”. *Revista USP – Dossiê Povo Negro – 300 Anos*, SP (28): dezembro/ fevereiro, 1995/6.

MARAUX, Amélia Tereza S. R. *Mar Negro: um estudo sobre os estivadores do porto de Salvador/ 1912-1940*. SP: Dissertação de Mestrado, PUC, 2000.

MARINHO, Inezil Pena. *A Ginástica Brasileira (resumo do Projeto Gera)*, 2ª ed., Brasília, 1982.

MARQUES, Nonato. A Poesia era uma Festa e publicado em *Samba. Mensário Moderno de Letras, Artes e Pensamento*, Bahia, 1928-1929 (edição fac-similar), Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1999, p. XXX.

MATOS, Cláudia. *Acertei no Milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio*. RJ: Paz e Terra, Col. Literatura e teoria literária, v. 46, 1982.

MOURA, Jair. “Capoeirista de antigamente não ‘brincava em serviço’”, *Jornal A Tarde*, 19.07.1971.

_____. *Capoeira – luta regional baiana*. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador: (Cadernos de Cultura), 1979.

_____. *Mestre Bimba e a crônica da capoeiragem*. Salvador: Fundação Mestre Bimba, 1991.

_____. “Na Seara do Tombo”, *Jornal A Tarde*, 03.04.1999.

NASCIMENTO, Álvaro, *A Ressaca da Marujada: recrutamento e disciplina na Armada Imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

NASCIMENTO, Anna Amélia V. *Dez Freguesias da Cidade do Salvador*. Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1986.

NAXARA, Márcia R. C. *Estrangeiro em sua própria terra: Representações do brasileiro – 1870-1920*. Campinas: Annablume, 1991.

NICOLAU, Luis. *A tradição do culto vodum no processo formativo do candomblé* (trabalho em andamento). Cópia cedida para a discussão aos participantes da linha de pesquisa Escravidão e invenção da liberdade do programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia, 2001.

PASTINHA, Mestre. *Capoeira Angola*. Salvador: Secretaria de Cultura da Bahia, 1988.

PECHMAN, Robert Moses. “Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular”. IN: Bresciani, Stella (org.). *Imagens da Cidade, Séculos XIX e XX*. São Paulo, Marco Zero, 1994.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda Pereira. “E o Rio Dançou. Identidades e Tensões nos Clubes Recreativos Cariocas (1912-1922)”. IN: CUNHA, Maria Clementina (org.). *Carnavais e outras F(r)estas – Ensaios de História Social da Cultura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2002.

PIRES, Antônio L. C. Simões. Capoeira no jogo das cores. Criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930). Campinas, Dissertação de mestrado, Unicamp. 1996.

_____. *Movimentos da cultura afro-brasileira. A formação histórica da Capoeira Contemporânea (1890-1950)*. Tese de Doutorado em História. Unicamp. Abril/2001.

_____. *Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá – Três personagens da Capoeira Baiana*. Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafset, 2002.

RÊGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: ensaio sócio – etnográfico*. Salvador, Itapoan, 1968,

REIS, João José. *A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. SP: Companhia das Letras, 1991.

_____. “De Olho no Canto: trabalho de rua na Bahia na véspera da Abolição”. *Revista Afro-Ásia*. Salvador: CEAO, n. 24, 2000.

_____. “Tambores e Temores: A Festa Negra na Bahia na Primeira Metade do Século XIX”. IN: CUNHA, Maria Clementina (org.). *Carnavais e outras F(r)estas – Ensaios de História Social da Cultura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2002.

RAMOS, Arthur. *O Folclore Negro do Brasil – Demopsicologia e Psicanálise*. RJ: Livraria da Editora da casa do estudante no Brasil. 1954.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. SP: Companhia Editora Nacional, 1976.

ROSADO, Rita de Cássia S. de C. *O Porto de Salvador – Modernização em projeto (1854/1891)*. Salvador: CODEBA, 1983.

SALVADORI, Maria Angela B. *Capoeiras e Malandros: pedaços de uma sonora tradição popular (1890-1950)*. Campinas; CFCH/UNICAMP, 1990.

SAMPAIO, Consuelo N. *Os partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1998.

SANTANA, Nélia de. *A prostituição feminina em Salvador – 1900/1940*. Salvador: dissertação de Mestrado, UFBA, 1999.

SANTOS, Jocélio Teles. “Divertimentos Estrondosos: Batuques e Sambas no século XIX”. IN: SANSONE, Livio e SANTOS, Jocélio Teles (orgs.). *Ritmos em Trânsito: Sócio Antropologia da Música Baiana*. SP: Dynamis Editorial; Salvador, BA: Programa A Cor da

Bahia e Projeto S. A. M. B. A., 1997.

SANTOS, Marcelino. *Capoeira e Mandingas: Cobrinha Verde*. Salvador: A Rasteira, 1991.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. “Habitações em Salvador: fatos e mitos”. IN: BRESCIANI, S. (org.). *Imagens da cidade – séculos XIX e XX*. SP: Marco Zero, ANPUH, 1994.

_____. *A República do Povo – Sobrevivência e Tensão*. Salvador: EDUFBA, 2001.

SENTO SÉ, Nanci. *Questões de vida e morte na Bahia republicana (1890-1930)*. Salvador: Dissertação de mestrado, UFBA, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. Pindorama Revisitada. *Cultura e Sociedade em tempo de virada*. SP: Peirópolis, (série Brasil cidadão), 2000.

SOARES, Eugênio. *A negregada instituição: os capoeiras do Rio de Janeiro 1850-1890*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

_____. “Da Presiganga ao Dique: os capoeiras no Arsenal da Marinha”. *Estudos Afro-Asiáticos*, (RJ) n.33, Set/ 1998.

_____. *A Capoeira Escrava e Outras Tradições Rebeldes no Rio de Janeiro - (1808/1850)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

_____. “Festas e Violência: os capoeiras e as festas populares na corte do Rio de Janeiro (1809-1890)” IN: CUNHA, Maria Clementina (org.). *Carnavais e outras F(r)estas – Ensaios de História Social da Cultura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2002.

SODRÉ, Muniz. *Mestre Bimba, corpo de mandinga*. RJ: Manati, 2002.

SOUSA, Antônio Cândido de Melo e. “Dialética da malandragem”. IN: *O discurso e a cidade*. SP, Duas cidades, 1993.

TRAVASSOS, Sônia. “Mandinga: notas etnográficas sobre a utilização de símbolos étnicos na capoeiragem”. *Estudos Afro-Asiáticos*, (RJ) n.35, 1999.

VELASCO e CRUZ, Maria Cecília. *Virando o Jogo: estivadores e carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República*. SP, Tese de Doutorado: USP, 1998.

_____. “Solidariedade X Rivalidade: a formação do sindicalismo estivador brasileiro. *História Unisinos* (Dossiê Trabalho e Movimento Operário) São Leopoldo (RS), vol. 6, n. 6, 2002.

VIANNA, Leticia C. R. *Bezerra da Silva: produto do morro: trajetória e obra de um sambista que não é santo*. RJ: Jorge Zahar Ed., 1998.

VIDOR, Leticia. O mundo de pernas para o ar: A capoeira no Brasil. SP: Publisher Brasil, 2000.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. RJ: Paz e Terra, 1992.

ZONZON, Christine Nicole. *Capoeira Angola: Construção de Identidades – uma investigação sobre as identidades construídas por grupos de capoeira angola em Salvador*. Grenoble, França: Université Stendhal, U.F.R. de Langues, Littératures et Civilisations Etrangères, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE

A - Lista de todos os nomes e apelidos de capoeiras localizados na imprensa

Nomes

Alfredo Martins Teixeira	Caboclinho
Pedro José Vieira	Pedro Mineiro
Irineu Navarro Costa	Cou
Bento Manoel do Bonfim	Bento das Pedreiras
João Ferreira de Andrade	João Gulodice
José Patrocínio Bonfim	Patú das Pedreiras
Júlio dos Santos Menezes	Tico
Martiniano Gallo de Magalhães	Galinho
Antonio Américo dos Santos	Boca de Fogo / Antonio Boca de Porco
Bemol	Bemol
Cícero Rosendo das Mercês	Tibiriri
José Virgílio	José Veneno
José Pedro dos Santos	
José Maria de Bittencourt	Carestia de Vida
José Albino dos Santos	Zebedeu
João do Espírito Santo	Dois de Ouro
Gregório Bispo dos Anjos	
Bom Nome das Pedreiras	Bom Nome das Pedreiras
Arestides José de Santana	
Ignácio Loyola de Miranda	
Pedro Celestino dos Santos	Pedro Porreta
Pedro de Alcantara Conceição	Pedro Piroca
Moysés Abraham	
João Francisco Pires	Três Pedações
Sebastião de Souza	
Domingos	Capoeira
Constância Pereira dos Santos	
Samuel Luiz da França	Samuel da Calçada
Francisco de Tal	Chico Me Dá Me Dá
Antônio Galindeu	Antonio Galindeu
Thomé Alexandrino	
Valeriano Domingos Ramos	Percê
Agripino Marques de Oliveira	

Nomes	
Ricardo Antonio Ciescencio	
Miguel Ferreira dos Santos	
Manoel de Araújo Maciel	
Manoel do Bonfim	
Manoel Raymundo da Silva	
José Candido	
Wenceslau da França Scalvino	Duquinha
Edgard Antonio José	
Elpídio Manoel Pereira dos Santos	
Isaías	
Nozinho da Empresa da Carruagem	Nozinho da Empresa da Carruagem
Hilário	Hilário Chapeleiro
Gregório de Tal	
Paulino do Espírito Santo	
Liverpool	Liverpool
Martins Silveira Lima	
Manoel Mendes	Manoel Thié
Total nomeados	50
Anônimos	3
TOTAL CAPOEIRISTAS	53

Fontes: *Diário de Notícias, A Tarde, Gazeta do Povo, Jornal de Notícias, Jornal Moderno, O Imparcial, A Bahia, Correio da Manhã e Diário da Bahia.*

B- QUADRO COM OS NOMES DOS CAPOEIRAS QUE MAIS ENTRAVAM EM CONFLITO E AS PRINCIPAIS FREGUESIAS DE ATUAÇÃO

Atuação dos principais capoeiras por freguesia

Nome	Apelido	Freguesia	Conflitos
Alfredo Martins Teixeira	Caboclinho	Pilar	9
		Paço	5
		Sé	1
		Santo Antônio	1
		Sem informação	2
Antonio Américo dos Santos	Boca de Fogo / Antonio Boca de Porco	Pilar	1
		São Caetano	1
		Sé	1
		Sem informação	1
Bemol	Bemol	Sé	2
		Penha	1
		São Pedro	1

Cont. quadro anterior

Nome	Apelido	Freguesia	Conflitos
Bento Manoel do Bonfim	Bento das Pedreiras	Sé	3
		Paço	2
		Conceição da Praia	1
		Santo Antônio	1
Cícero Rosendo das Mercês	Tibiriri	Paço	1
		Pilar	1
		Santo Antônio	1
Irineu Navarro Costa	Cou	Santo Antônio	5
		Sé	2
		Paço	1
		Pilar	1
		Sem informação	1
João Ferreira de Andrade	João Gulodice	Conceição da Praia	3
		Paço	2
		Vitória	1
		Sem informação	1
José Patrocínio Bonfim	Patú das Pedreiras	Paço	2
		Sé	1
		Santo Antônio	1
		Sem informação	2
Júlio dos Santos Menezes	Tico	Pilar	4
		Paço	1
Martiniano Gallo de Magalhães	Galinho	Sé	5
Pedro José Vieira	Pedro Mineiro	Pilar	10
		Conceição da Praia	2
		Paço	2
		Sé	1
		Santo Antônio	1
Total			85

Fontes: Como no apêndice A.

C - Ocupação dos indivíduos envolvidos em desordem – 1908-1925

Ocupação	N.	%
marítimo	15	19
policial	12	16
estivador	12	16
soldado do exército	8	10
chofer	5	6
carroceiro	5	6
carregador	4	5
trabalhador em construção civil	4	5
aprendiz de marinheiro	2	3
prostituta	2	3
operário	2	3
pequeno comerciante	2	3
outros	3	4
sem informação	1	1
Total	77	100

Fontes: Diário de Notícias, A Tarde, Gazeta do Povo, Jornal de Notícias, O Imparcial, A Bahia.

D - Armas usadas em conflitos de capoeira 1908/1925

Arma	N.	%	
instrumentos cortantes	32	49	*
revólver	19	29	*
cacete	6	9	*
pedra	4	6	*
sabre	1	2	*
outros	3	5	*
Total	65	57	**
conflitos sem armas	50	43	**
Total de conflitos	115	100	**

* *sobre o total de menções a armas*

** *sobre o total de conflitos*

Fontes: Como no apêndice A

E - Lista completa das ruas dos conflitos de capoeira – 1908-1925

Rua	Distrito	Quant
Cais Dourado	Pilar	20
Baixa dos Sapateiros	Paço	8
Taboão	Paço	7
r. do Julião	Pilar	3
r. do Saldanha	Sé	3
Gravatá	Santana	2
Preguiça	Conceição da Praia	2
r. Chile	Sé	2
r. do Paço	Paço	2

Cont. lista anterior

Rua	Distrito	Quant
Água de Meninos	Pilar	1
Alto da Favela	São Caetano	1
Baixa de Quintas	Santo Antônio	1
Barbalho	Santo Antônio	1
Barris	São Pedro	1
Beco da Califórnia	Conceição da Praia	1
Beco do Funil	Santo Antônio	1
Beco do João Simões	Santo Antônio	1
Caminho Novo	Paço	1
Capelinha	Vitória	1
Cais do Carvão	Pilar	1
Curva Grande	Vitória	1
Praça Rio Branco	Sé	1
Estrada das Boiadas	Santo Antônio	1
Grão Mogol	Vitória	1
Ladeira da Montanha	Sé	1
Ladeira do Carmo	Paço	1
Largo do Bonfim	Penha	1
Maciel de Baixo	Sé	1
Mercado Modelo	Conceição da Praia	1
Periperi	Paripe	1
Praça Castro Alves	Sé	1
Preguiça	Santo Antônio	1
r. Barroquinha	São Pedro	1
r. Carlos Gomes	São Pedro	1
r. da Ajuda	Sé	1
r. das Flores	Paço	1
r. das Laranjeiras	Sé	1
r. das Pedreiras	Conceição da Praia	1
r. do Bom Gosto	Pilar	1
r. do Colégio	Sé	1
r. do Tesouro	Sé	1
r. do Tijolo	Sé	1
r. Dona Clara	Não localizado	1
r. Rui Barbosa	Sé	1
r. Visconde do Rio Branco	Sé	1

Fontes: Como no apêndice A.

ANEXOS

Lista de Apelidos e ocupações construída por mestre Noronha

Apelidos

Escalvino	Cabo eleitoral
Duquinha	Delegado e Cabo eleitoral
Cândido Pequeno	Carregador de canto
Juvenal	Engraxate
Samuel	Pescador
Antoninho	Açogueiro
Bilusca	Pescador
Antônio Galindeu	Mestre de Lancha
Geraldo	Chapeleiro
Geraldo Pé de Abelha	Engraxate
Bazílio	Carregador
Percílio	Engraxate
Ticibu	Pescador
Benedito Cão	Trabalhador de Engenho
Cimento de Itapoan	Pescador
Victo	Pescador
Piroca	Vendedor de Peixe
Ricardo	Doqueiro
Antônio Boca de Porco	Estivador
Chico Três Pedacos	Vendedor de Peixe
Agé	Pintor
Feliciano Bigode de Seda	Carregador
Lamite	Carregador
Liverpool	Estivador
Marco Pequeno	Estivador
Taviano	Carregador
Governador	Carregador
Caboclinho	Estivador
Raimundo Aberrê	Pedreiro
Balbino	Carroceiro
Antônio Copo	Carroceiro
Barbosa	Carregador de Canto

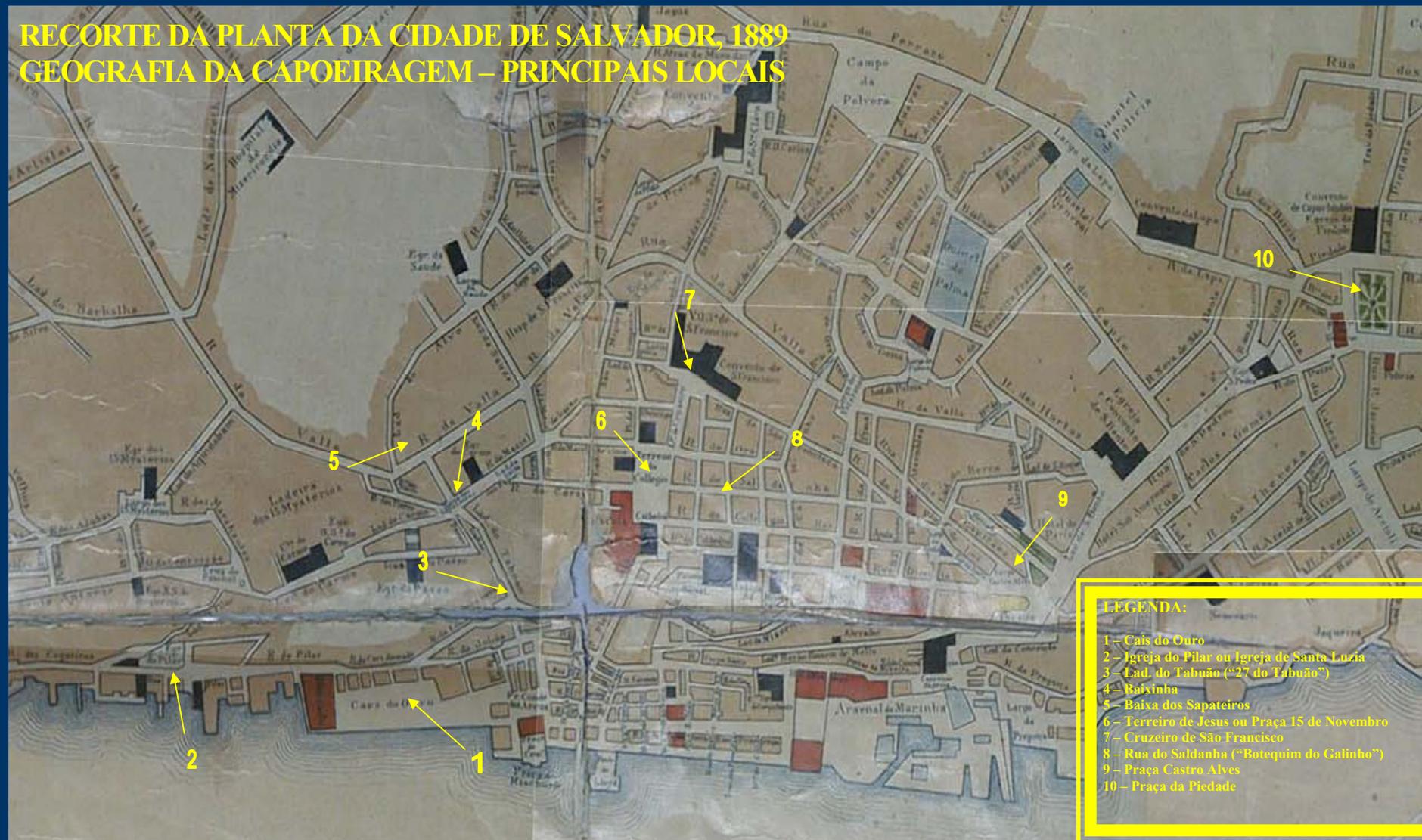
Apelidos

Edgar Carrocinha	Sapateiro
Aufeu	Desordeiro
Pedro 31	Carregador
Pedro Porreta	Trapixeiro e Vendedor de Peixe
Lúcio Pequeno	Trapixeiro
Bemor	Correio Federal e Marinheiro de Guerra
Tibiriri Focinho de Porco	Correio Federal e Condutor de Bonde de Burro
Pedro Mineiro	Carregador
Samuel Grande da Calçada	Carpinteiro
Inocência Sete Mortes	Cabo Eleitoral
Totonho de Maré	Estivador
	Estivador
Simão Diabo *	Estivador

Fontes: COUTINHO, Daniel. Op. Cit., pp. 43, 50 e 65

* Estes nomes apareceram ao longo dos manuscritos de mestre Noronha, mas não estavam na lista por ele construída.

RECORTE DA PLANTA DA CIDADE DE SALVADOR, 1889 GEOGRAFIA DA CAPOEIRAGEM – PRINCIPAIS LOCAIS



Fonte: APEB, *Planta da cidade de Salvador – Capital do Estado Federado da Bahia*. Editado por Ramon Alargon, n. 323, ano 1889.